DIÁRIO DA MANHÃ

Director: ANTONIO DE SOUSA GOMES

Propriedade da Companhia Nacional Editora — EDITOR: JAIME TORRES — *Escrt. e Ofic.: R. do Mundo, 95 — Preço: 30 cts.*

ANO II — END. TELEG.: DAMANHA — LISBOA — SABADO, 11 DE MARÇO DE 1933 — TELEF.: 2 9088 2 9089 — NUMERO 695

Regresso á normalidade constitucional

Visto que o Governo elaborou um projecto de Constituição politica, e vai submeter esse projecto, em 19 do corrente, á aprovação do País por meio dum plebiscito,—os partidarios duma ordem constitucional deveriam desde já considerar-se satisfeitos. Ha muita gente que admira as magnificas realizações da Ditadura em todos os dominios da actividade nacional, e sobretudo o que o sr. dr. Oliveira Salazar tem feito no capitulo financeiro; só lamenta—essa muita gente a que nos referimos—que todas essas realizações tenham sido feitas em Ditadura, fora da normalidade constitucional que vigorou de 1911 até Maio de 1926. Pois bem. Essas pessoas vão agora deixar de ter razão de queixa: a ordem constitucional vai ser restaurada, vai entrar-se em vida nova. Farão bem, por consequencia, em ir votar o Projecto da Constituição, em 19 do corrente, ajudando assim a derrubar e a desfazer o pesadelo que as não deixava dormir a sono solto...

Logicamente, seria assim que essas pessoas deveriam proceder. Na pratica, porém, agem doutra forma, porque o seu pensamento não conseguiu ainda adaptar-se ás realidades novas da Politica, Estamos daqui a ouvir a objecção: o Estado Novo, depois de votada a Constituição, será ainda a Ditadura. A normalidade constitucional verdadeiramente constitucional seria a que vigorava (vigoraria com efeito?) em Maio de 1926. Põe-se em duvida a normalidade constitucional criada pela Ditadura. E aqui, chegados a este ponto, não podemos deixar de estabelecer um pequeno paralelo entre 1911 e 1933.

Em 1910, uma revolução militar triunfante derrubou a Monarquia e proclamou a Republica. Criou-se um Governo Provisorio que governou em Ditadura até que as Constituintes, em 1911, decretaram a nova Constituição. Em 1926, um levantamento militar em todo o País (*por consequencia, com uma amplidão muito maior do que a revolução de 5 de Outubro de 1910, que apenas teve na provincia, como repercussão, pequenos disturbios*) suspendeu a Constituição de 1911, *sem modificar o regime*, criando assim uma situação de facto que governou em Ditadura até Março de 1933. Ora, se a substituição do regime em 1910 teve por si o consenso unanime ou quasi unanime da Nação, visto que a Monarquia tinha os seus alicerces arruinados e os seus vigamentos apodrecidos, quem poderá negar que em 1926 a supressão da Constituição tivesse tido por si o consenso unanime ou quasi unanime da Nação, quando os proprios servidores do regime parlamentar, os proprios partidos, eram os primeiros a reconhecer que a situação politica era insustentavel, e juntaram os seus aplausos aos aplausos da Nação pela vitoria do Exercito, que não precisou disparar um tiro para vencer?

Em 1911, com a promulgação pelas Constituintes da nova Constituição, saiu-se de uma situação de facto para se entrar em plena normalidade constitucional. Que normalidade era essa? A normalidade saída das primeiras Constituintes eleitas, reflectindo, por consequencia, as correntes de opinião dominantes naquela epoca. Que normalidade constitucional sairá da Ditadura em 1933?

A normalidade saída da aprovação do País, dada por meio dum plebiscito, ao Projecto de Constituição que lhe é apresentado pela Ditadura, uma normalidade constitucional que reflecte, por consequencia, as correntes de opinião dominantes em 1933, suficientemente edificadas pela anarquia constitucional que nos desgovernou de 1911 a 1926.

O paralelismo entre as duas situações é pois de tal ordem que *negar a legitimidade da Constituição saída*

(Segue na 2.ª página)

UNIÃO NACIONAL

SESSÕES DE PROPAGANDA

Continuam a realizar-se, em todo o País, as sessões de propaganda da União Nacional, que se revelou um corpo politico prestigioso, forte e disciplinado. Todos os trabalhos decorrem com o mais vibrante entusiasmo das assembleias, constituidas por todas as classes sociais, o que revela cabalmente a sua adesão consciente á obra progressiva da Ditadura e á nova organica do Estado.

As sessões de hoje

Hoje realizam-se sessões de propaganda da nova Constituição, organizadas pelas comissões da União Nacional das freguesias de Benfica, na sede da Junta, ás 21 horas e meia; e Lapa, no Instituto de Ciencias Economicas e Financeiras, edificio do Quelhas, ás 21 horas.

Em Oeiras

No proximo domingo, tem lugar na Camara Municipal de Oeiras, pelas 16 horas, uma sessão de propaganda, falando entre outros oradores o sr. dr. Nuno de Vasconcelos Porto, figura do maior destaque moral e intelectual naquela região.

No distrito de Setubal

Nos proximos dias 16, 17 e 18 do corrente o sr. engenheiro Mendes do Amaral realiza, respectivamente, em Alcacer do Sal, Grandola e S. Tiago do Cacem, conferencias de propaganda da obra reformadora da Ditadura e dos principios basilares do Estado Novo.

Sabemos que os povos dos referidos concelhos aguardam com o maior interesse a visita do ilustre conferencista.

Tambem o sr. dr. João Antunes, ilustre advogado e inspector do ensino escolar no distrito de Setubal, efectuará as seguintes conferencias, com o mesmo objectivo: amanhã, em Sesimbra; no domingo, na vila do Seixal, e na segunda-feira, na Camara Municipal de Palmela.

Orador fluente e culto, é bem justificado o entusiasmo com que, naquelas vilas, se aguardam as conferencias do sr. dr. João Antunes.

EM BARCELOS
Posse da Comissão Concelhia

BARCELOS, 9. — Na sala das sessões da Camara Municipal tomou hoje posse a comissão concelhia da União Nacional, constituida pelos srs.: dr. Antonio Ferreira Pedras, presidente; dr. Adélio Marinho Carvalho da Silva, vice-presidente; Antero Barreto de Faria, secretario; e padre Joaquim Gonçalves Dias, Joaquim G. Azevedo e Antonio Gomes de Faria Rêgo, vogais.

Ao acto assistiu s. ex.ª o sr. governador civil, presidente e membros da comissão administrativa da Camara Municipal, Juntas de Freguesia do concelho, regedores e muito povo.

Lida a acta de posse pelo sr. dr. Antonio Pires de Lima, secretario da Camara, usou da palavra o sr. governador civil, que explicou o que era a União Nacional, não um partido, mas sim um agrupamento de bons portugueses que acima de tudo põem o interesse da Pátria. E' seu presidente o sr. dr. Oliveira Salazar, uma autentica glória nacional, a quem presta homenagem, e em quem todos podem confiar. E, no que respeita ao concelho de Barcelos, são os componentes da comissão, hoje empossados, pessoas da maior consideração e boa vontade de que muito há a esperar.

Terminou dando vivas á Ditadura e dr. Oliveira Salazar, que a numerosa assistencia acolheu com uma quente salva de palmas.

A seguir falou o sr. dr. Furtado Martins, presidente da Camara. Resumiu sucintamente a grande obra da Ditadura, estradas, portos, marinha e restabelecimento do nosso crédito, interno e externo, e a sua politica de reconstrução nacional. E' essa politica que a União Nacional vai continuar. A Ditadura não pode morrer, pelo seu passado glorioso em seis anos de trabalho produtivo e pela obra formidavel já realizada.

Agradece ás Juntas de Freguesia a sua comparencia a este acto e exorta-as a ter fé na realização do Estado Novo para o qual todos trabalhamos.

No final do seu discurso repetem-se os vivas á Ditadura e dr. Oliveira Salazar.

Em nome da comissão da União Nacional falou o sr. dr. Antonio Ferreira Pedras, que afirma a sua confiança na obra da Ditadura. Agradece ao sr. governador civil a sua comparencia e oferece categóricamente, em seu nome e no dos seus colegas, o seu esforço, o seu trabalho, para o fortalecimento da Ditadura e realização do Estado Novo. Termina vitoriando a Pátria e a Ditadura.

Voltou a falar o sr. governador civil para agradecer ao sr. presidente da Camara o seu amavel convite para assistir a este acto. O sr. dr. Furtado Martins, diz, é um novo e um trabalhador incansável em favor do concelho, com sacrificio até da sua saude, tornando-se credor do agradecimento de todos. Agradece, tambem, ao sr. dr. Ferreira Pedras as palavras que lhe dirigiu.

Terminou a sessão com vivas a Barcelos, ao sr. governador civil, á Pátria e á Ditadura.

Cruzada do trabalho nacional

Continua a despertar interesse a sugestão feita pelo *Diário da Manhã*, sugestão tendente a conseguir que se inicie uma obra de reeducação mental do povo português, de maneira a ser possivel valorizar sensivelmente, valorizar notavelmente, o trabalho nacional.

A «Cruzada do trabalho nacional» iniciada pelo *Diário da Manhã* é fundamentalmente uma obra de propaganda, é fundamentalmente uma obra de acção social, no sentido, de que ela pretende actuar na maneira de ver dos portugueses perante problemas que aparentemente são banais, mas que na sua essencia são de interesse primordial, são de interesse vital para um povo.

A crise do desemprego em Portugal resulta em grande parte da falta de espirito social, da falta de sentimento de colectividade, da falta de espirito patriotico pratico, pois todos nós reclamamos soluções, todos nós desejamos remedios rapidos e infaliveis, mas esquecemo-nos de que depende principalmente de todos nós o bem, ou mal estar, de grande parte do povo português.

Combater essa falta de espirito social, combater essa falta de espirito ou de sentimento de colectividade, combater essa falta de espirito patriotico pratico é ao mesmo tempo facil e dificil.

E' dificil, pode ser mesmo utopico, pode ser quixotesco, se quem quiser lançar-se nessa campanha, quem quiser dedicar-se a esse combate, pensar que pode meter-se sosinho a lutar contra as ondas contra as vagas, da indiferença nacional perante os problemas inerentes ao trabalho e á população.

E' facil, é bastante facil, é muito facil, se quem quiser iniciar uma campanha, quem quiser organizar «uma cruzada do trabalho nacional» recorrer previamente, recorrer oportunamente aos grandes meios de propaganda, ao grande poder de sugestão que tem um belo desenho, um cartaz inteligente, uma demonstração grafica clara e concludente.

Quem utilizar estas armas, com habilidade, com sequencia, com arte, quem souber aproveitar a impressão persistente, teimosa, sugestiva, dominadora, que exerce uma obra de arte feita já com a intenção de obter determinados efeitos, tem meio caminho andado para a vitoria.

Portugal é um país onde ha uma obra de reeducação mental a fazer; Portugal é um país onde não faltam homens inteligentes, é um país onde ha artistas dignos desse nome; porque não devemos por isso aproveitar esses valores, auxiliar esses valores, proteger esses valores utilizando-os, orientando o seu poder intelectual, a acção sugestiva das suas ideias, no sentido de tornar util á Patria a «cruzada do trabalho nacional»?

LÊR NA 3.ª PÁGINA:

OS ARTISTAS PORTUGUESES E O «DIÁRIO DA MANHÃ»

ENTREVISTA COM

JORGE BARRADAS

A propaganda do Estado Novo no distrito de Viseu

VISEU, 10—Em missão de propaganda do Estado Novo, o presidente da Camara Municipal desta cidade sr. major Monteiro Leite, acompanhado de outras entidades oficiais e particulares, visitou os concelhos de Tondela, Santa Comba Dão e Mortagua, sendo em toda a parte acolhido com o maior entusiasmo.

Em alguns lugares daqueles concelhos, os visitantes foram alvo de manifestações de grande simpatia sendo a Ditadura e o nome do sr. dr. Oliveira Salazar muito vitoriados.—C.

Propaganda do Estado Novo

A conferencia do sr. dr. Angelo Cesar

A conferencia do sr. dr. Angelo Cesar, que estava anunciada para amanhã, foi transferida para segunda-feira ás 21 horas e realiza-se no teatro de S. Carlos.

A HORA OFICIAL

A hora oficial, que no verão costumava ser modificada, este ano não sofrerá alteração.

NOTAS SOLTAS

ORDEM E PROGRESSO

Num dos jornais estranjeiros que recentemente celebraram a obra notavel do sr. dr. Oliveira Salazar, são postas num justo relevo os beneficios do restabelecimento da ordem social e politica. Diz esse jornal, com toda a razão, que, sem a ordem garantida e mantida pela Ditadura, não seria facil, nem talvez possivel, a nossa reorganização financeira.

Isto é verdade — mas é apenas uma parte da verdade. A ordem tornou possivel a salvação de Portugal. No entanto, a sal-

(Segue na 11.ª página)

«DIÁRIO DA MANHÃ»

Amanhã, domingo, o nosso jornal publicará o seu nono numero especial, da série dedicada ao Distrito de Lisboa. O «Diário da Manhã» vai homenagear, no numero de amanhã, o ridente concelho de Vila Franca de Xira, dedicando-lhe páginas gráficas de beleza rara e uma reportagem escolhida e cuidada. Mais uma vez, pois, irá marcar como jornal moderno e, sob todos os títulos, interessante o

«DIÁRIO DA MANHÃ»

LÊR AMANHÃ:

PREFERIR PRODUTOS PORTUGUESES

ENTREVISTA COM O SR. JOSÉ MARIA ALVARES

por ***RUY DE PENNA***

A PONTE SOBRE O TEJO

de Vila Franca de Xira ao Cabo

Amanhã, domingo, a ridente vila ribatejana vistir-se-á de gala para receber o sr. engenheiro Duarte Pacheco, ilustre ministro das Obras Publicas, que a visitará para conhecer o local onde vai ser construida a ponte que vai ligar Vila Franca ao Cabo, beneficio de ha muito implorado pelo Ribatejo e que vai finalmente tornar-se um facto pela Ditadura Nacional.

O sr. ministro, que chega pelas 10 horas a Vila Franca, receberá as boas-vindas de todas as forças vivas do concelho e da Comissão Administrativa do Municipio no edificio dos Paços do Concelho, dirigindo-se seguidamente para o sitio onde se projecta a ponte.

Logo depois atravessará o Tejo em direcção ao Cabo, onde uma guarda de honra de campinos o esperará conjuntamente com os representantes de todas as Camaras dos concelhos limitrofes, seguindo-se um almoço á ribatejana oferecido ao sr. ministro e comotiva.

Coincidindo com esta visita, a que os ribatejanos dão, com razão, foros de acontecimento, publicará o *Diário da Manhã* um numero especial dedicado ao Concelho de Vila Franca.

Gremio de Exportadores de Vinho do Porto

Uma rectificação

Na entrevista com o sr. engenheiro Pedro Inacio Alvares Ribeiro, presidente da direcção da Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, inserta no nosso numero de 3 do corrente, uma lamentavel gralha tipografica prejudicava a rigorosa exactidão dos numeros publicados.

A exportação do vinho do Porto para França, em 1932 foi de **29.442 pipas** e não de **47.452**, como saiu na entrevista. Do nosso erro nos penitenciamos perante o ilustre vinicultor e perante o publico.

DR. RUFINO CESAR OSORIO

Aderiu á União Nacional, por intermedio do sr. ministro da Justiça, o distinto advogado de Lamego e uma das figuras mais prestigiosas daquela região, dr. Rufino Cesar Osório.

CAMARA DE VILA-FLOR

Drs. Francisco Guerra e Agostinho Pires

Com a entrada destes nossos amigos para a Camara Municipal de Vila-Flor o concelho encontra, enfim, a edilidade capaz de enfrentar os seus problemas mais instantes, alguns dos quais se arrastam sem solução ha bastante tempo.

Não parecem prósperas as condições financeiras do Municipio e nem é exigua a tarefa a desenvolver, tão instantes são as necessidades de administração e dilatadas as esperanças dos munícipes na capacidade e inteligencia dos nossos amigos.

O dr. Francisco Guerra é estimadissimo pela franqueza cativante do seu trato e pela sua actividade verdadeiramente prodigiosa.

Tem sido solicitado bastas vezes pelos governadores civis para o cargo que agora desempenha.

Ainda ha pouco tempo foi honrado com o convite do sr. ministro do Comercio para a direcção da Casa do Douro. E' o actual Conservador do registo predial do concelho.

O dr. Agostinho Pires é dos novos mais talentosos do distrito, desempenha funções no Registo Civil, possue a experiencia dos gabinetes ministeriais e deixou ha pouco tempo o lugar de sub-director do Reformatorio de Caxias onde ligou o seu nome a uma obra criteriosa e interessante.

A vinda destes nossos amigos para a primeira linha do bom combate distrital e nacionalista não é um facto banal mas sim uma afirmação publica de que vão sofrer profunda remodelação os quadros administrativos tradicionais e que não tardará muito que o distrito de Bragança se coloque a par dos demais distritos na obra formidavel de renovação e melhoramentos que a Ditadura Nacional em boa hora iniciou.

Assim se explica que a posse da nova Camara fôsse pretexto duma manifestação calorosa e entusiasta da qual participaram o ilustre governador civil e o administrador do concelho e de que não havia memoria.

Divisão territorial do Chile

SANT'IAGO DO CHILE, 9.—Vai ser feita uma nova divisão territorial. Pelo projecto enviado ao Congresso, pelo Governo, constituir-se-ia as seguintes provincias: Tarapacá, capital Icique; Atacama, capital Lacerena; Aconcágua, capital Valparaizo; Sant'iago, capital Sant'iago; Colchágua, capital San Fernando; Maule, capital Talca; Bio Bio, capital Concepcion; Cautin, capital Temuco, e Chiloé, capital Baldivia.—*Americana.*

ASSOCIAÇÕES

DE CLASSE DOS MANIPULADORES DE TABACO — Reuniu, ontem, em assembleia geral, a Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco, sob a presidencia do sr. João Rodrigues Cassão, secretariado pelas sr.as D. Maria dos Santos e D. Gertrudes Tribéres Ramos.

Aberta a sessão e depois de vários oradores terem usado da palavra, foi aprovado o relatório e contas e eleita a nova mesa da assembleia geral, que deu o seguinte resultado:

João Rodrigues Cassão, presidente; D. Georgina Fontes, vice-presidente; D. Amélia Maria dos Santos, 1.ª secretária; D. Julia Ribeiro, 2.ª secretária, e D. Gertrudes Tribéres Ramos.

Em seguida foi encerrada a sessão.

COMPANHIAS

COMPANHIA DE SEGUROS «METROPOLE» — Sob a presidencia do sr. dr. Mário Pinheiro Chagas, secretariado pelos srs. Eduardo Sebastião Almeida e Silva e dr. Joaquim Reis Torgal, reuniu, ontem, em assembleia geral a Companhia de Seguros «Metrópole».

Aberta a sessão e depois de vários oradores terem usado da palavra, foi aprovado o relatório e contas.

Não havendo mais nada a tratar foi em seguida encerrada a sessão.

CLINICA DO
Dr. Ferreira Pires
das Faculdades de
PENSYLVANNIA (Philadelphia, E. U. D'A) e de LISBOA
DENTAL SURGEON DO BRITISH HOSPITAL
DOENÇAS DA BOCA, DENTES MAXILARES
R. da Escola Politecnica, 77, 1.º
TELEFONE N. 7380
Especial para classes menos abastadas

NA FIGUEIRA DA FOZ

Uma bela jornada de propaganda do Estado Novo

no Salão Nobre da Camara Municipal

FIGUEIRA DA FOZ, 8.—A convite dos srs. drs. Nogueira de Carvalho e José Jardim, respectivamente presidente da Comissão Municipal da União Nacional e administrador do concelho, realizou-se a noite passada uma grande reunião a que assistiram as forças vivas da cidade, membros das diversas comissões, individualidades de destaque, etc.

Aberta a sessão pelo sr. dr. Nogueira de Carvalho, convidou para tomar a presidencia o sr. Fernando Arruda, engenheiro director da Companhia da Beira Alta, que convidou para secretariar os srs. dr. Mendes Pinheiro e Elisio da Silva Neto.

O sr. engenheiro Arruda diz ser surpreendido com o convite para presidir áquela sessão e agradece uma tal distinção.

Declara não ser politico, mas que, absolutamente integrado nos principios da ordem e no ressurgimento do nosso País, está pronto dentro do possivel a dar a sua cooperação como bom português que sempre foi.

Em primeiro lugar falou o presidente da Comissão da União Nacional, sr. dr. Nogueira de Carvalho, que expôs com clareza os fins daquela reunião, que se destinava a dar conhecimento de que se realizava no proximo dia 19, em todo o País, a eleição para a votação da nova Constituição, que é o mesmo que dizer o inicio duma nova obra de ressurgimento nacional, levada a efeito pela figura maxima da Nação, sr. dr. Oliveira Salazar.

Faz considerações varias e aponta como um mal para o País todo aquele que por indiferença se alhei a cooperar na votação da Constituição, para se entrar numa vida nova, que consiste no engrandecimento da Patria.

Ao terminar foi o ilustre figueirense alvo de fartos e justos aplausos.

Brilhante discurso do sr. administrador do concelho, dr. José Jardim

O sr. dr. José Jardim, ilustre filho da Figueira e distinto advogado, possuidor de uma rara inteligencia, novo ainda, tem qualidades de trabalho que o recomendam, postas bem á prova, no lugar de administrador que está ocupando com prejuizo da sua vida profissional.

Sabedor e de fino trato, conseguiu sem dificuldade obter em pouco tempo a organização das Comissões politicas das freguesias do concelho e cidade constituidas todas elas por pessoas de prestigio e valor local.

Trabalhador incansavel, tem-se dedicado ultimamente a uma propaganda intensa pelas varias freguesias do concelho, onde tem feito conferencias cheias de fé nos destinos e futuro de um Portugal *ainda* maior.

Do seu discurso desta reunião apenas conseguimos umas ligeiras notas que vamos reproduzir:

Depois de se referir largamente ao descredito a que chegou o liberalismo antes de 28 de Maio, com grande copia de factos, entrou na análise detalhada do que foi aquele movimento e da acção do general Gomes da Costa.

Hoje temos que nos pronunciar pelo Estado Velho ou pelo Estado Novo. Porque reconhecida a necessidade de se entrar no Estado Novo, todos temos de votar a nova Constituição pois a organica de um Estado, constituido de Direito, tem de estar assente numa Constituição.

Continuando, diz: Reportando-nos ás afirmações do sr. dr. Oliveira Salazar, gloria da raça latina, que fez na entrevista que deu ao brilhante jornalista Antonio Ferro, assim é: 1.º porque temos de sair da situação vaga em que nos encontravamos, sem formula nem principios definidos; 2.º porque sujeito o projecto inicial á critica do País, essa critica se manifestou tão pouca e tão palida... 3.º porque, no texto definitivo que vai ser plebiscitado foram introduzidas modificações, que agora se consideram objectivamente perfeitas. 4.º para tirar aos elementos dos *velhos* partidos republicanos a sua melhor arma de propaganda contra a Ditadura, e 5.º porque a Constituição inutilizou nos seus proprios moldes o ressurgimento deles.

Meus senhores: O estatuto fundamental está impregnado das mais belas expressões ideologicas que um povo pode ter.

Sua ex.ª fez em seguida uma exposição completa do que é a nova constituição e entre outras passagens, recorda-nos esta.—Haverá uma camara corporativa, composta de representantes de altas esferas locais e dos interesses sociais, e que é a garantia dos *direitos* dos patrões, dos operarios e dos *direitos* do consumidor:

Outra passagem. Fomos dos que estavamos em piores condições no período de «depois da Guerra» e somos os que estamos hoje comparativamente em melhores condições financeiras e de franco ressurgimento.

A administração do sr. dr. Oliveira Salazar é frequentemente apontada como modelo pelos orgãos oficiais da Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e França e como exemplo a reflectir, a proxima conferencia de Londres.

Ao sr. dr. Oliveira Salazar, se deve o sermos hoje um povo livre cheio de prestigio

Prosseguindo numa analise completa da obra formidavel da Ditadura e sobre o novo estatuto, diz: que, para todos os portugueses votarem a Constituição, bastaria para isso o saber-se ter sido elaborada sob a direcção do sr. dr. Oliveira Salazar, pois a ele se deve o sermos hoje um povo livre cheio de prestigio, internacional, com uma missão diplomatica a cumprir e uma obra colonizadora em curso. (Muitos aplausos).

Depois de afirmar que a Figueira nada deve ao leberalismo, fez uma larga exposição com dados dos melhoramentos que a Figueira e o seu concelho têem obtido, sob a egide da Ditadura.

Meus senhores: Embora não tenhamos realizado ainda as nossas maximas aspirações, como seja o porto e barra, etc., temos a possibilidade de as realizar pois o ilustre presidente do Ministerio, tem mostrado ser grande amigo desta terra e o Estado possui dinheiro para empreender essas grandes obras de fomento, o que não sucedia nos tempos dos partidos.

Os velhos metodos de caciquismo têm de ser postos de parte e todos nós mostraremos ao povo a obra formidavel da Ditadura, os vicios da Constituição de 1911 e as garantias da que vai ser votada no proximo dia 19, e digo todos nós, porque a minha modesta palavra pode não ser suficiente para o convencer e assim os votos que vão ser lançados nas urnas nem são de A nem de B ou C mas pertencerão todos ao dr. Oliveira Salazar pela sua grandiosa obra.

Com energia diz: — Repudiamos os antigos processos em que se exerciam todas as violencias—porque o Estado Novo não as comporta—*muitos apoiados.*

Lembrem-se de que desde 1911 a 1925 foamaram-se 44 Ministerios ou seja um *Ministerio* por cada período de 4 meses.

Sempre ouvida com interesse, o dr. Jardim ao terminar recebeu fartos aplausos.

O discurso do sr. dr. Canavarro Valadares

Em seguida usou da palavra o sr. dr. Canavarro Valadares, orador brilhante e distinto advogado.

Começou por saudar o ilustre capitão Fernando Arruda, distintissimo engenheiro-director da Exploração do Caminho de Ferro da Beira Alta, que, por feliz indicação presidiu aos trabalhos da assembleia—visto s. ex.ª ter especiais direitos á admiração e respeito de todos os presentes, por ter sido um dos mais brilhantes elementos da reacção anti-democratica, vincando com singular energia a sua acção nos movimentos de 18 de Abril e 28 de Maio, que terminaram definitivamente com o desastroso regime dos partidos.

Apresentou em seguida os seus cumprimentos ao sr. dr. Nogueira de Carvalho, figura figueirense de incomparavel relêvo, prestigioso presidente da União Nacional local e que no coração de todos os seus conterraneos, que bem prezam a sua terra, tem um culto especial de veneração e apreço—e ao sr. dr. José Jardim, inteligente administrador do concelho, a quem felicitou pela actividade e zelo que estava pondo na organização da propaganda do Estado Novo, corporizado na Constituição apresentada ao Pais pelo Governo da Ditadura.

Declarou estar ali, acedendo ao convite que lhe fôra dirigido, porque era português e como tal entendia ser dever de todos os bons portugueses não só votar a Nova Constituição, como promover por todos os meios de licita eficiencia, nas esferas respectivas da acção de cada um, que o plebiscito de 19 de Março rezultasse uma afirmação positiva de flagrante concordancia entre as classes conservadoras da Nação e o espirito de ressurgimento que inspira e orienta o Governo da Ditadura.

Torna-se necessario, afirmou, que no concerto internacional dos povos, o nome de Portugal, depois de ter reconquistado o antigo credito financeiro, mercê da obra extraordinaria do sr. dr. Oliveira Salazar, expoente maximo do valor da nossa raça, se imponha tambem pela ideologia organica do seu novo Estatuto Fundamental, que alia ás modernas aspirações das correntes do pensamento nacionalista, muitos dos melhores principios que davam ao velho estado português os seus interessantes traços de organização corporativa.

E a proposito citou sugestivos factos da energica independencia com que a velha Casa dos Vinte e Quatro exercia a sua util acção fiscalizadora, mesmo perante o proprio soberano, em epocas do mais intenso poder real, e fez, depois, o elogio do espirito geral que informou o projecto da Constituição que classificou, a-pesar-de naturais deficiencias, de verdadeiro monumento de Direito Politico.

Exortou todos os presentes a que se unissem disciplinadamente, congregando os seus valiosos esforços para que no concelho da Figueira da Foz, que já muito deve á actual situação politica, a manifestação de apoio aos principios que ela preconiza, fosse tão imponente que justificasse os mais instantes pedidos para obter soluções rapidas, nos limites do possivel, para os mais urgentes problemas da vida economica local.

Ao terminar, apresentando as suas desculpas por ter ocupado por tanto tempo a atenção da assembleia afirmou que, por sua parte, estava, como sempre, desde a primeira hora ao lado da Causa da Ordem e do Ressurgimento Nacional, pronto a cooperar com dedicação e entusiasmo em tudo o que fosse conducente á plena execução do programa tão claramente definido pelo sr. dr. Oliveira Salazar no seu notavel discurso de 30 de Julho de 1930.

Falaram ainda e na mesma ordem de ideias, enaltecendo a obra da situação actual. Os srs. Rever.ndo Patrinho e dr. Alberto Bastos.

Por ultimo não havendo mais oradores, o presidente da mesa sr. engenheiro Arruda mais uma vez agradece a honra de presidir áquela sessão, que encerrou depois de varias considerações, que se basearam na maneira como tem sido de grande elevação o espirito nacionalista que saiu do movimento de 28 de Maio, etc.

No final ouviu o sr. engenheiro Arruda uma prolongada salva de palmas.

A liquidação dos estabelecimentos bancarios

Pela pasta das Finanças vai ser publicado o seguinte decreto:

Artigo unico — O ministro das Finanças quando reconheça manifesta vantagem para os credores, poderá prorrogar por uma ou mais vezes o prazo de liquidação dos estabelecimentos bancarios, não podendo todavia as prorrogações concedidas exceder os 12 meses previstos no art. 10.º do decreto 19.212, de 8 de Janeiro de 1931.

No proximo domingo tomam posse a Comisão M. da União Nacional, todas as comissões de freguesias acto que será presidido pelo sr. governador civil do distrito sr. dr. Moura Relvas.

Após esse acto realizará uma conferencia o Inspector Escolar sr. Albano Ramalho, de Coimbra.—C.

REGRESSO Á NORMALIDADE CONSTITUCIONAL

(Continuação da 1.ª página)

da Ditadura e aprovada por um plebiscito, em que a Nação vota directamente, é negar ao mesmo tempo a legitimidade da Constituição de 1911, saída dumas Constituintes que poderiam muito bem já não representar a vontade da Nação ou interpretar fielmente o seu pensamento quando aprovaram essa Constituição.

A logica manda-nos pensar assim. Mas, que pode a logica dos factos contra os interesses feridos, contra as vaidades amesquinhadas, contra os preconceitos enraizados em mentalidades pouco arejadas? Não é pois a legitimidade ou a ilegitimidade da nova Constituição, não é a sua constitucionalidade ou a sua inconstitucionalidade o que serve de motivo aos adversarios da Ditadura para se oporem á criação do Estado Novo.

O que os fere, o que os magôa, o que os irrita, é que o Estado Novo parte de concepções opostas ás do Estado velho, é que a Constituição de 1933 parte de principios absolutamente opostos aos da Constituição de 1911. O que os fere, o que os magôa, o que os irrita, é afinal de contas simplesmente isto: *ser o Estado Novo a antitese do Estado Velho.*

Mas poderia porventura ser de outra forma? Ha coisas que somos obrigados com tristeza a escrever, porque escrevê-las obrigatoriamente pressupõe a estupidez ou a má fé de quem, pelo seu grau de cultura ou simplesmente pelas suas responsabilidades sociais, nunca deveria levar-nos a escrevê-las; e esta é uma delas: — seria um contrasenso sem classificação que a Ditadura tivesse nascido de uma reacção nacional contra o regime constitucional de 1911, que, liberta das peias e dos enredos da Constituição de 1911, a Ditadura tivesse feito em sete anos uma obra de verdadeiro ressurgimento nacional que á sombra da Constituição de 1911 nunca poderia ter-se realizado, para depois de ter iniciado essa obra ir entregar-se novamente aos mesmos êrros, aos mesmos defeitos, ás mesmas peias que no passado fizeram a ruina da Nação! O País estava intoxicado de parlamentarismo, e abeirava-se da morte; a Ditadura veio e, como para grandes males não ha como os grandes remedios, desintoxicou o País e deu-lhe, para de futuro, em vez de um toxico, um *tonico.* Procedeu, pois, como deveria proceder. Que queriam ou que pretendem os seus adversarios? Que em vez de um tonico a Ditadura oferecesse á Nação o mesmo toxico que a ia matando! E' estupido, mas é assim mesmo.

Seja porém como fôr, pensem o que pensarem *in petto* os inimigos da Ditadura, o certo é que o País vai entrar em vida nova graças ao Estado Novo, vai entrar numa normalidade constitucional que lhe permitirá continuar a sua jornada para destinos mais altos — enquanto os velhos preconceitos politicos do passado estrebucharão e acabarão por morrer no monturo das coisas velhas, acompanhados pelas lagrimas dos velhos e dos fosseis, e pelos aplausos dos novos e dos portugueses que desejam que Portugal viva.

«Diário Maritimo»

Recebemos um exemplar *especimen* desta interessante publicação, que em breve passará a fornecer diáriamente todas as informações relativas ás entradas e saidas dos navios, bem como a nota completa das mercadorias importadas e exportadas pelo nosso porto, a exemplo do que já se faz nos outros grandes centros comerciais.

Esta iniciativa que se deve ao sr. José Correia Henriques (Seisal) e que será dirigida pelo sr. Nuno de Castro Pereira, vem, assim, preencher uma falta que de há muito se fazia sentir, pelo que certamente merecerá a simpatia de todos os comerciantes da nossa praça.

CAMPINO
Peçam esta finissima Bolacha da
FABRICA CONFIANÇA

MANILHAS DE GRÉS
das fábricas da
Comp.ª das Fábricas Ceramica Lusitania
Séde-Rua do Arco do Cego, 88 Lisboa. Fábricas em Lisboa, Arraiolos, Albarraque e Coimbra
Deposito no Porto-R. do Almada, 249 a 253

Os artistas portugueses e o «Diário da Manhã»

Tem a palavra--O Estado!

disse-nos, confiadamente, o pintor Jorge Barradas

Sendo a Arte uma transformação da realidade, é natural que as multidões —que em todos os campos têm que ser guiadas—a não possam compreender. Assim, só muitos anos passados, bastas vezes quando o artista já não existe, é que a consagração material surge, quasi sempre filha, não do sentimento estetico e artistico, mas de um conjunto de circunstancias especiais, como a vaidade dos unicamente argentarios que sabem, de ouvido, a existencia de um artista então celebre mas que, tal qual Greuze—o grande pintor francês das tragedias humanas—muitos anos antes morrera na miseria...

Compreendemos muito bem que a multidão não pode sentir o ritmo esguio de um Puvis de Chavannes, a delicadeza de um Ingres ou uma paisagem de Corot... Admitimos a sua insensibilidade ante os quadros de Manet, de Velasquez, de Goya, de Grão Vasco, de Van Dongen ou de Pablo Picasso, de Antonio Soares ou de Abel Manta, de Dordio Gomes, de Almada, ou de Jorge Barradas... Mas não é possivel admitir que os dirigentes das nacionalidades, os homens que governando preparam futuros aos povos, ignorem que ha artistas, como não desconhecem que existem as multidões...

O problema dos artistas portugueses— atacados pela crise como todas as outras classes—tem, lucidamente, dois aspectos.

A sua situação imediata, a material —e para essa servem as soluções episodicas—e a de tornar-lhes propicio o ambiente para obras de vulto (os que tiverem inteligencia, talento ou genio realiza-las-ão; os que nem sequer possuam inteligencia serão banidos pela lei rigida da eliminação natural), obras como as que hoje decoram museus e galerias, templos e cidades, evocando os valores autenticos dos seus criadores...

Se dilatado e grandioso é este aspecto, sob todos os pontos de vista da espiritualidade, não menos importante é o outro—o de momento—como humano e justo.

Esse foi que levou o *Diário da Manhã* a iniciar a presente Cruzada, por nosso brio e funções na Imprensa, por plena confiança no renascimento da mentalidade nacional.

Fala hoje o pintor Jorge Barradas, outro valor seguro da pintura contemporanea.

Segue a palestra que tivemos com o Artista:

—Antes de mais nada quero publicamente declarar o meu reconhecimento ao «Diário da Manhã» pela generosa ideia de iniciar e prosseguir tão simpatica e oportuna campanha.

A maior parte da Imprensa portuguesa—repare que me refiro á maioria—não tem dado ao fundamental problema dos artistas portugueses o apoio e a largueza que o mesmo exige... E depois tem feito muita confusão... Olhe: há jornais que consideram como sendo de pura arte—já tenho visto isso impresso—manifestações que no resto da Europa já morreram de velhas há muito tempo... E digo «morreram» porque não eram de qualidade a resistir...

Mergulhámos a conversa no assunto mais importante, neste momento. E preguntámos:

—Como acha você, Barradas, que o Estado deveria interferir no imediato auxilio aos artistas?

—Em primeiro lugar chamar-nos. Os assuntos de arte, diga-se de passagem, têm sido resolvidos quasi sempre por chefes de repartição ou mestres de obras... E depois de nos chamar, de nos ouvir, resolver conforme entender.

—?...

—Só o Estado, unicamente o Estado, poderá em alargada visão compreender o importante papel que pertence aos artistas. Só o Estado, unicamente o Estado, poderá criar-nos possibilidades de trabalho para a realização de obras que poderão ficar documentando, nos Museus, a nossa existencia e o nosso valor, se o tivermos...

Voltámos ao assunto imediato, o urgente, esse pelo qual o *Diário da Manhã* terçou armas em auxilio dos artistas.

—A situação presente—responde-nos Jorge Barradas—tambem o Estado tem que a resolver. A ideia do *Diário da Manhã*, na parte relativa á propaganda portuguesa, por meio de cartazes, folhetos, graficos e decorações, é absolutamente urgente e oportuna.

JORGE BARRADAS

(Foto Bobone)

Mas não é a solução do problema artistico de Portugal. E', apenas, um socorro de momento. A resolução do problema é mais complexa, bem mais elevada...

E' claro—prosseguiu—que já é um magnifico sintoma o do Estado começar a interessar-se pelos artistas. Em Portugal, o interesse dos poderes publicos pelos problemas de arte tem sido, até aqui, meramente eventual e quasi que restrito aos fenomenos particulares da simpatia e do empenho... Se esta situação chamar para o seu lado todos os valores mais representativos da mentalidade portuguesa—desenhadores, pintores, decoradores, arquitectos, escritores e jornalistas—terá resolvido uma coisa que nenhum Governo fez: a aliança do espirito artistico com o espirito da Nação. E marcará, assim, a sua superioridade, eliminando certos velhos maus habitos dos quais os artistas têm sido vitimas.

A seguir, com firmeza:

—Foi essa a grandeza da Grecia, cuja moral, tão grandiosa e solida—filha directa da sua serena arte—ainda hoje nos domina! Foi esse o triunfo incontestavel no Museu do Jogo da Pela, em Paris, das taboas sagradas de Nuno Gonçalves!...

E apos um instante, confiadamente: Tem a palavra—o Estado!

A. F. G.

A seguir: A opinião do escultor Diogo de Macedo.

«SEMANA PORTUGUESA DE VIGO»

A «Festa do Livro» e a Exposição Bibliografica

constituirão um numero brilhantissimo das comemorações

Ventura Abrantes, o livreiro, editor promotor do certame, relata ao «Diário da Manhã» a forma como ele se realizará

A realização da «Semana Portuguesa de Vigo» é um facto, um facto consolador e de incontestaveis vantagens para os dois povos—galego e português—que se verificará desde 26 do corrente mês a 2 de Abril proximo.

As festas que assinalam essa «Semana» resultarão brilhantissimas, pois nisso estão empenhadas as comissões promotoras de Vigo e toda a Imprensa da grande cidade de Galicia, bem como todas as entidades oficiais e particulares portuguesas que na «Semana intervêm.

O programa está traçado, definitivamente, nas suas linhas gerais, e nele ressaltam alguns numeros de cujo exito não é licito duvidar sequer.

Entre esses numeros destacam-se a grande exposição bibliografica e a «Festa do Livro» de que é promotor o livreiro editor de Lisboa e nosso amigo sr. Ventura Abrantes—o português de Olivença, como ele proprio se intitulou, nobremente, em certo acto oficial.

São as iniciativas de Ventura Abrantes bem conhecidas. A ele se deve, por exemplo, a organização da primeira «Feira do Livro», em Lisboa, cujo exito ultrapassou a espectativa dos proprios interessados.

Agora, desejando Ventura Abrantes aproveitar a oportunidade excelente que a «Semana Portuguesa», em Galicia, lhe proporcionava, tomou a seu cargo organizar uma embaixada da literatura portuguesa áquela provincia.

A esta iniciativa nem sequer ha necessidade de encarecer o seu valor. Todos, por certo, o compreenderão.

*

Quizemos, no entanto, saber até que ponto iria o desenvolvimento dessa ideia. E encontrando Ventura Abrantes, ha dias, por fortuito acaso, solicitámos-lhe que nos dissesse algumas palavras acerca da exposição.

Acedendo a este desejo, gentilmente, como sempre faz, Ventura Abrantes disse-nos o seguinte:

*

—Da realização da «Semana Portuguesa de Vigo», até certa altura, sabia apenas que havia intenção de a realizar, e isso mesmo só pela leitura dos jornais.

«Mas um dia, uma alma caridosa enviou-me um numero do *Pueblo Gallego* tendo marcado a traço vermelho um artigo de Juan Carballeira, com o titulo *Conhecimentos de Portugal*. Li com atenção e verifiquei, com prazer, que os nossos irmãos galegos ambicionavam três factores; aproximação dos dois povos; conhecimentos mais intimos e mais fagueiros conosco e uma ansiedade grande de conhecer o que se pensava e se escrevia aquém-Minho.

Não pode calcular—continuou. Enchi-me de fé e escrevi uma carta á gazeta, dizendo da minha justiça, e rematava: *todas as aproximações se podem fazer, mas nenhuma tão intensa, tão necessaria, nem tão util para ambos os povos como levar daqui o coração e os livros que os nossos homens de leiras realizam, e os editores publicam com um sacrificio mais que patriotico.*

Ventura Abrantes, após ligeira pausa prosseguiu:

—A carta foi publicada, e então boa hora que esse espirito moço de Juan Carballeira teve a gentileza de se ocupar, não da minha pessoa, mas da ideia que constituia a sêde intelectual dos nossos irmãos galegos.

Telegrafei agradecendo a sua delicadeza, e agora, convem esclarecer, que a mão amiga que me enviou o jornal, era do meu velho camarada Joaquim Palhares, espirito irrequieto de trabalhador, que desempenhando as funções de vice-consul, fez conhecer estes detalhes ao nosso Consul, coronel Pestana de Vasconcelos, e este sendo espirito culto e cheio de uma extraordinaria boa vontade, viu o que isso representava de enlace e de patriotismo. De comum acordo com a Comissão, meteram ombros a esta festa, e um dia recebi o convite para organizar a exposição bibliografica.

E a seguir:

—Respondi a esse convite sugestionando a quem de direito cabia essa missão. Mas tantas foram as solicitações, que não tive outro remedio senão aceitar, porque não só o meu ramo carece desses impulsos e porque se tratava duma obra em favor da Patria, e eu, não tive outro remedio senão cumprir.

—Acredita V.—dissemos—que os livros portugueses se venderão em Vigo?

—E porque não?!... Devem vender-se mesmo mais do que poderemos supor. A Galiza é um país novo, cheio de talentos, tem para nós uma afeição de ternura que ainda se não pode aquilatar, tanto é o seu amor e o seu carinho a Portugal.

—Essa Feira fica limitada apenas a Vigo, não é verdade?

—Infelizmente assim é, mas o necessario sobretudo é ir lá, para se repetir esta festa literaria no proximo ano, não se limitando apenas a Vigo, mas indo á Corunha e a Santiago de Compostela, cidade que é a Coimbra portuguesa, a cidade coração pensante das gerações que hão-de dar vitalidade a esse povo, absorvido no trabalho e carecendo do nosso apoio pelos laços de carinho que sempre lhe dispensamos; e tão verdade isto é, que ao saber-se dos nossos propositos o coração galaico se abriu como para um irmão que ha muito não vê, e tem saudades da sua convivencia.

*

Outros interessantes pormenores relatados por Ventura Abrantes:

—A «Festa do Livro» e não *feira*—porque eu não gosto dessa designação—vai ser feita no *coração de Vigo*, na Alameda Curros Henrique.

«Na entrevista que tive com os elementos da Comissão promotora da «Semana Portuguesa» foram-me dadas todas as facilidades para que o certame resulte brilhantissimo.»

Uma pregunta nossa:

—O livro vai ser vendido ao preço de catalogo?

—E' livre essa faculdade. No entanto, devo dizer-lhe que, em meu entender, deve ser facilitado com descontos, no maximo, para dar facilidades á nossa sementeira. Isto é ainda o sacrificio do editor, espargindo o verbo para que se conheçam os literatos do nosso idioma e o valor que eles têm como expoente da raça.

—Os seus colegas como acolheram a ideia?...

—O melhor possivel tenho já assegurada uma representação magnifica e que não nos envergonhará.

—Pode dizer-nos ons omes?...

—Ainda é cedo. Demais, os meus colegas de uma maneira geral, são receosos. Esperam sempre saber quem vai, para chegarem á ultima hora a solicitar a sua entrada.

—Ha alguma selecção especial a enviar, ou mandam tudo que apareça?

—Certamente a comissão e o seu delegado, estão absolutamente dentro do criterio de não permitirem traduções de cordel mas apenas livros de autores nacionais, desde os classicos até aos contemporaneos. Não fazia sentido que fossemos lá fora expôr traduções. E' sempre interessante fazer conhecer, o que é nosso; pena é, que haja uma crise grande editorial e muitas das nossas joias literarias estejam esgotadas.

Sobre a futura expansão do livro português no mercado galego, disse o nosso entrevistado:

—A Galiza neste momento inclina-se até nós, independente mesmo de todo o seu afecto pelo idioma que ainda usa, expressando-se na linguagem dos nossos cancioneiros do seculo XV. O editor português que até agora só tem pensado no Brasil e na Africa, como refugio, esquece que pelo Mundo fora ha colonias enormes que carecem da nossa assistencia e ha povos que comprariam os nossos livros, se eles lhe fossem mostrados; foi assim que um espirito muito culto, que sobraçou a pasta da Instrução me dizia: —«Ventura Abrantes, a sua iniciativa é tão simpatica como patriotica; se eu pudesse auxiliá-lo-ia não apenas no Brasil, mas pelo Mundo inteiro. E' assim que os outros paises conquistam mercados, fazendo espalhar a sua mercadoria tão cheia de condições economicas, que vendem pelo Mundo fora, e trazem para a economia nacional uma fortuna incalculavel». Creia que era criminosa a não assistencia á festa literaria e de aproximação.

—O que ha sobre instalação?...

—Primeiramente tinhamos pensado em realizar a festa em barracas á semelhança das de Lisboa. Mas como essa factura pode resultar cara em virtude do transporte, estamos estudando um plano economico, que a ser resolvido, ficará muito mais barato.

—O Estado faz-se representar?...

—Esse é um elemento que está absolutamente do nosso lado; primeiro pa-

(Segue na 11.ª página)

CARTA DE PARIS

O EMPRESTIMO INTERNO

PARIS, 8.—A Camara dos Deputados votou o emprestimo. O Senado vai certamente fazer o mesmo.

Este facto, porém, não deve enganar o Governo.

Nem a votação das Camaras, nem mesmo a cobertura rapida do emprestimo quererão significar o apoio da opinião francesa á obra governamental.

O emprestimo será larga e facilmente coberto, segundo opinião dos tecnicos, porque a situação monetaria da França, unica no Mundo, assim o determina.

Ora, esta situação é uma consequencia logica, natural, de condições de politica externa e não de politica interna.

De resto, os milhões que vão agora entrar nos cofres do Estado não chegarão senão para pagar as dividas contraidas por uma politica de desperdicio, uma politica de gastos exagerados, de esbanjamentos censuraveis.

O espectaculo da sessão de ontem foi, como de costume, desolador.

Enquanto se tratava dum assunto de tamanha importancia como devia ser a votação do emprestimo, os srs. Herriot e Tardieu, seguidos pelos respectivos partidarios, entretiveram um duelo só prejudicial, só censuravel.

A estes homens interessa sobremodo a politica do partido, a politica do campanario. O resto é indiferente.

Voltou-se a 1926, aos mesmos erros, ás mesmas atitudes. Todavia, agora é bem peor, porque em 1926 houve um Poincaré que soube olhar com superioridade para todas essas questinculas, passou sobre elas para cuidar do interesse supremo, o interesse nacional. Hoje não há um Poincaré, e o caso é bem plor, porque os erros acumulam-se de maneira assustadora.

Daladier julga-se em terreno conquistado e o certo é que os acontecimentos parecem confirmar que assim é em verdade.

A politica francesa oferece cada vez aspectos mais enigmaticos, mais perigosos, mais dignos de cuidadosa atenção.

E será sempre assim enquanto houver um Parlamento como este que é incapaz, não apenas de representar a vontade da Nação, mas, até de saber interpretar o sentir nacional.

*

As declarações de Goehring, segundo as quais as massas comunistas tidas na Alemanha como indesejaveis estão batendo em retirada para França, alarmou, como era de ver a opinião publica.

Ora esta invasão comunista que pode ter gravissimas consequencias pode atribuir-se unica e exclusivamente á negligencia dos politicos que têm em suas mãos os destinos da França.

E' claro que os comunistas alemães já esperavam ter, mais dia, menos dia, que abandonar a Alemanha.

Para essa hipotese foram tratando de organizar as coisas em França de forma a poderem, daqui, desenvolver toda a sua acção.

As autoridades francesas sabiam disso porque não poucas vezes os jornais da direita denunciaram tais manejos. Todavia os moscovitas organizaram-se, fizeram o que quizeram e agora, com o reforço de camaradas que prestes lhes vai chegar ficarão numa situação que muito há que temer.

O exodo dos bolchevistas alemães obedecerá a um plano estrategico que tem por base as posições previamente preparadas.

Estas são os centros industriais e sobretudo Paris e o chamado «circulo vermelho».

Quere dizer, assistimos a uma mobilização geral das forças comunistas.

E, ante isto o que vai acontecer?

Não é facil prevê-lo ante a benevolencia que é costume ser usada pelas autoridades.

As forças de policia encarregada de manter á ordem nas ruas serão, dentro de pouco tempo insuficientes para a avalanche revolucionaria.

Porque o exercito bolchevista vai ser dentro em pouco reforçado com algumas centenas de milhar de comunistas alemães entre os quais existem muitos milhares de agentes provocadores, de *meneurs*, de chefes obedecendo a ordens dimanadasdas mais varias proveniencias.

Assim a defesa da ordem republicana, a defesa na ordem francesa pode ser batida, levada de vencida, no primeiro choque.

E' um perigo, e um perigo grande

(Segue na 11.ª pág.)

CRONICA DE LISBOA

UM CADASTRADO DE RESPEITO — Nos calabouços do Torel encontra-se preso o cadastrado Gabriel Henriques «O Sereno», residente na rua do Sol, a Chelas, n.º 30, que conta 31 prisões por vários delitos, principalmente por furtos, e que é acusado de fazer parte de uma quadrilha de gatunos.

LOUVORES — O sr. dr. Alves Monteiro Junior, director da P. I. C., mandou louvar os agentes Alfredo Maria da Silva e José Lopes, pelas diligencias que ultimamente têm efectuado.

MOVIMENTO DE PRESOS — Deram entrada na Cadeia do Limoeiro, vindos de Evora, do Comando da 4.ª Região Militar, a fim de responderem no 2.º Tribunal Militar Territorial, os civis Olimpio José Rato e Firmino da Silva Valente, ambos residentes em S. Matias de Beja, por terem ali agredido o regedor da freguesia.

QUEDA — Em estado grave recolheu ao Hospital de S. José o trabalhador Antonio Pisco, de 28 anos, Arraiolos, que em Evora caiu de uma carroça fracturando o cranio.

ATINGIDO POR UM TIRO DE PEDREIRA — No lugar de Alqueidão, Vila Nova de Ourem, onde reside, foi atingido pela explosão de um tiro de pedreira, o trabalhador Manuel de Oliveira, de 26 anos, o qual deu entrada no Hospital de S. José gravemente ferido no rosto.

MORTE SUBITA — Faleceu momentos depois de haver dado entrada no Hospital de S. José, o recluso n.º 57, da Colónia Penal Agricola, que ali adoeceu subitamente.

PELOS HOSPITAIS — No Hospital de S. José faleceram: José dos Santos Pires, de 6 anos, Largo dos Brunos, 6-1.º, que há dias foi colhido por uma camioneta, e Maria Ramos, de 56 anos, rua Triangulo Vermelho, barraca, que ali foi há dias agredida a sôco e pontapés, caso que noticiámos.

SOMA... E SEGUE — O sr. Julio da Graça Antunes, residente no largo Conde Barão n.º 44, apresentou queixa á P. I. C. contra um individuo, cujo nome indicou, acusando-o de lhe furtar vários artigos no valor de 4 contos.

— Vários agentes da P. I. C. procuram descobrir o paradeiro de quatro títulos da Companhia das Aguas, que foram furtados á sr.ª D. Rosa de Jesus Pestana, residente na rua de S. Sebastião da Pedreira n.º 125-1.º.

— Ontem foi preso Adilio de Brito Rodrigues, de 29 anos, carroceiro, morador no Bêco dos Contrabandistas n.º 16-loja, por ter furtado de um vagão da C. P., na estação de Alcantara-mar, uma saca contendo 100 quilos de açucar.

— O agente Francisco Loureiro, da P. I. C., conseguiu prender, ontem, um individuo de nome Edmundo Deniz, sem residencia, que há tempos furtou num hotel vários objectos.

— A's 6,30 horas foi comunicado á esquadra dos Anjos, pelo guarda nocturno da respectiva area, que estava arrombado o estabelecimento de chapelaria na Avenida Almirante Reis, n.º 10, pertencente a Feliciano da Silva Rodrigues.

Compareceu, pouco depois, o seu proprietário que verificou um furto de várias boinas e bonés no valor de várias centenas de escudos.

— O agente Miguel Bernardes, da P. I. C., terminou ontem as diligencias referentes a um furto no Montijo, de géneros alimentícios, no valor de 15 contos, praticado ao sr. Romão Sanches Hernandez.

Ficou averiguado que o autor do furto tinha sido o moço da mercearia, Manuel Pais, que se encontra preso a fim de ser enviado ao tribunal respectivo.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

26.º Aditamento á Tarifa especial n.º 1—Grande velocidade, em vigor nas linhas do Sul e Sueste

A partir de 10 de Março de 1933, a condição 3.ª do Capitulo IX (generos frescos) desta tarifa, passa a ter a seguinte redacção.

«3.ª—A's taras (caixas, camastras, cestos, gigos e sacos) vazias que tenham sido utilizadas para os transportes previstos nos §§ 1.º e 2.º, é aplicavel para a sua devolução em grande velocidade o preço estabelecido no referido § 2.º, desde que o trajecto a percorrer pelas taras vazias seja o mesmo, mas em sentido inverso, do efectuado pela remessa em cheio.

«Para ser aplicado este preço é necessaria a apresentação da carta de porte de remessa em cheio. Lisboa, 2 de Março de 1933.

O director geral da Companhia.—*Lima Henriques.*

Leilão de Penhores

«A COMERCIAL»

18, T. da Trindade, 22

(Frente ao Teatro do Ginasio)

T. 25082

No dia 13 do corrente e seguintes pelas 14 horas, na rua do Norte, 81.

Armazem da Casa

Companhia Colonial de Navegação

Carreira rapida da Costa Ocidental

Paquete

LOANDA

sairá no dia 18 de Março, pelas 16 horas, recebendo carga e passageiros para:

Funchal, S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Sazaire, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e para os outros portos da Costa Ocidental sujeito a baldeação em Loanda.

Vapor

LOBITO

sairá entre 25|28 do corrente, recebendo carga em Lisboa e Porto para:

Hamburgo, Rotterdam e Anvers e para qualquer outro porto estrangeiro, sujeito a baldeação em Hamburgo ou Rotterdam, com conhecimento directo.

AVISO IMPORTANTE: — A carga para embarque destinada aos portos da Africa deve estar no nosso Caes ou á borda, até ás 20 horas da ante-vespera do dia da saida do vapor, salvo quando a ante-vespera fôr domingo ou feriado, recebendo-se neste caso até ao meio dia da vespera.

Trata-se nos escritorios da COMPANHIA 33111

LISBOA:— Rua do Instituto Vergilio Machado, 14 (Telefone 2.0051).

PORTO:— Rua do Infante D. Henrique, n.º 9 (Telefone 2.342)

Senhor dos Passos da Graça

A veneranda imagem foi visitada durante o dia de ontem por milhares de fieis

No formoso templo dos antigos frades da Ordem de Santo Agostinho realizaram-se, ontem, piedosas cerimonias em louvor do Senhor Jesus dos Passos, tendo afluido, ali, durante o dia e parte da noite, milhares de pessoas, vindas dos arredores de Lisboa, em verdadeira romaria, render o seu culto e cumprir as suas promessas á sacrossanta imagem do Nazareno.

Ao meio dia celebrou a missa solene o rev. capelão da irmandade, Ernesto Sales, que tinha como diaconos os revs. dr. Joaquim Augusto Frazão e Vitor de Jesus Espirito Santo.

De tarde, ás 18 horas, o rev. prior Frazão, acolitado pelo rev. Ernesto Sales e srs. José da Saude e Americo da Ascenção, presidiu ao Hino da Cruz, «Miserere» e «Senhor Deus Misericordia».

Estes actos foram executados por musica vocal e instrumental, sob a direcção do maestro sr. Leopoldo Ferreira.

Junto do andor, adornado com muitas flores, especialmente violetas, estiveram fazendo turnos os mesarios, irmãos e irmãs, que, ao mesmo tempo regulavam a passagem dos fieis, que se dirigiam para oscular o pé do Senhor e deitar os seus obulos na respectiva bandeja. Este serviço era fiscalizado pelo zeloso procurador da irmandade e nosso amigo sr. capitão Pedro Correia, auxiliado pelo estimado andador sr. Aleixo dos Santos.

Hoje, continua á adoração dos cristãos a imagem e, amanhã, na festa da Senhora da Soledade, prégará o rev. dr. Joaquim Frazão.

Comissariado do Desemprego

Convocação de desempregados

Devem comparecer hoje com urgencia no Comissariado do Desemprego os seguintes desempregados: Constantino Fernandes, Custodio Teixeira da Costa, Antonio Maria de Albuquerque, Custodio Quintas e Armando Peres, respectivamente residentes nas freguesias da Encarnação, S. José, Santos e Arroios, e cujas moradas se ignoram.

Sociedade Portuguesa Cavan

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL.... 2co.ooo$oo

Rua Pascoal de Melo, 87—LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

São convocados para se reunirem, em Assembleia Geral Ordinaria, no dia 31 de Março de 1933, pelas 17 horas, na sede da Sociedade, todos os Senhores Accionistas.

ORDEM DO DIA

Fixar as remunerações do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal;

Relatorio do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal;

Apreciação das Contas do exercicio de 1932.

Lisboa, 9 de Março de 1933.

O Presidente da Assembleia Geral,

a) *Teofilo Lopes.*

Sociedade Industrial de Chocolates

E' convocada a Assembléa Geral ordinaria desta Sociedade para o proximo dia 27, ás 15 horas, na sua sede, Avenida 24 de Julho 74, com a seguinte ordem do dia:

1.º—Discussão e votação do relatorio, balanço e contas do exercicio de 1932 e parecer do Conselho Fiscal.

2.º—Proceder á eleição da mesa da Assembléa Geral, do Conselho Fiscal e de dois Administradores, por terminação dos seus mandatos.

Lisbôa, 10 de Março de 1933.

O Presidente da Mesa da Assembléa Geral,

(a) *Manuel Carlos de Freitas Alzina.*

NOVOS NAVIOS DE GUERRA

Deu ontem entrada no Ministerio da Marinha a acta da entrega do Aviso de 2.ª classe «Gonçalo Velho». A entrega do contra-torpedeiro «Vouga» deve ter lugar em 12 de Junho e a do Aviso de 2.ª classe «Gonçalves Zarco» em 29 de Agosto do corrente ano.

Na proxima terça-feira chega a Lisboa o sr. Yarrow, que vem tratar de assuntos relativos á construção de contra-torpedeiros em Lisboa.

O sr. almirante Magalhães Correia, chefe do Estado Maior Naval, vai hoje ás 11 horas á Sociedade de Construções e Reparações Navais, ver o estado de adeantamento em que se encontra a construção do contra-torpedeiro que faz parte do programa naval.

No dia da chegada do «Gonçalo Velho», a Comissão de Assistencia aos Tuberculosos da Armada, fretará o vapor «Tejo» a-fim-de as pessoas que quizerem ir fora da barra esperar o «Gonçalo Velho», tomarem nele lugar mediante uma determinada quantia a fixar, cujo produto reverterá a favor dos referidos tuberculosos.

A comissão organizadora do banquete ao sr. almirante Magalhães Correia, no dia da chegada do primeiro navio do programa naval, Aviso de 2.ª classe «Gonçalo Velho», vai por estes dias abrir a respectiva inscrição.

Comissão administrativa do Fundo Especial de Caminhos de Ferro

Teve a sua reunião semanal esta comissão, sob a presidencia do engenheiro Sousa Rêgo, director geral de Caminhos de Ferro.

Tomou posse de representante das forças economicas o sr. José Maria Alvares, presidente da Associação Industrial Portuguesa.

Foi aprovado o projecto de orçamento para o futuro ano economico de 1933-34 que, nos termos legais, deve ser submetido á apreciação do Conselho Superior de Caminhos de Ferro na proxima semana e depois á aprovação superior do Governo.

Estão orçadas em 25.000 contos as suas receitas ordinárias, para fazer face não só aos encargos legais obrigatorios como tambem aos estudos e construção de novas linhas da rede complementar do Estado, aos quais é destinado uma verba de contos 15.760.

E' inscrita como receita extraordinária nos termos do decreto n.º 20.618 de 4 de Dezembro de 1931, a verba de 55.000 contos, destinada a melhoramentos diversos a realizar nas linhas do Estado.

Foram autorizadas diferentes verbas para o prosseguimento de trabalhos em curso, e examinados os processos dos concursos realizados pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses para aquisição de brita destinada ás renovações de via entre Ermezinde e Braga e na rêde do Sul e Sueste. Fez-se a adjudicação dos respectivos fornecimentos, com a qual o sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações concordou, num total de 280.000m3 de brita, respectivamente 50.000 m3 e 230.000 m3 e Sul e Leste para as rêdes do Minho e Douro, sendo fraccionados por diversos concorrentes, conforme as propostas mais vantajosas apresentadas.

Aprovaram-se tambem diversos orçamentos apresentados pela C. P. e relativos a trabalhos a custear pelo Fundo Especial de Caminhos de Ferro.

GAZ-OIL, OLEOS CANFIELD, 68, Rua S. Julião, 70 Tel. 2 8903

GREMIOS REGIONAIS

De Tras-os-Montes

Realiza-se hoje pelas 21,30, na sede desta Gremio a inauguração da assistencia clinica.

Haverá uma sessão solene na qual além de outros oradores usará da palavra o sr. dr. José Pontes que fará a apresentação do corpo clinico ao qual deram adesão alem dos medicos já anunciados, o sr. dr. João Almendra e a sr.ª dr.ª D. Maria Manuela Meireles Pinto, sendo já 11 o numero de medicos inscritos.

Deram a sua adesão a esta relevante obra, 14 das principais farmacias da capital.

Reina a maior animação entre a colonia trasmontana, esperando-se, devido ao grande numero de pedidos de bilhetes para o baile, que esta festa marcará mais uma vez pela elegancia e distinção.

Foram convidados a assistir o sr. governador civil, Camara Municipal e director geral da Assistencia.

Aos trasmontanos pobres residentes em Lisboa pede-se que continuem a inscrever-se na sede do Gremio a fim de poderem usufruir os beneficios desta humanitaria obra.

RELIGIÃO

CRONICA DO DIA — Reza-se da Féria. Missa propria, sem «Gloria», 2.ª oração «A cunctis», 3.ª «Omnipotens», Prefacio da Quaresma e, no fim, «Benedicamus Domino». Rito simples, paramentos roxos. («Temporas» — Jejum e abstinencia).

Ordenações. Este mês é dedicado ao Patriarca S. José.

LAUSPERENNE — Passa da capela da Senhora do Monte e Carmo (Rua do Sol, ao Rato), para a igreja paroquial dos Anjos.

ACTOS DE CULTO — Sé, ás 12, missa.

Anjos,ª ás 11, festa da exposição, por musica; ás 19, Adoração.

Carmo (ao Rato), ás 11, festa da reposição, «Préces», procissão e benção.

Graça, ás 11, missa, continuando á veneração dos fieis, na capela-mór, a devota imagem do Senhor dos Passos.

S. Francisco (a Jesus), ás 9, oração Mental.

S. Francisco de Paula, ás 10, missa e devoção á Senhora de Lourdes.

Carmo, ás 9, missa e devoção da Graça Sabatina.

Encarnação, ás 9, Via Sacra e benção.

Oliveirinha (Rua de S. Julião), ás 10, missa e comunhão. Exposição da imagem do Orago até ás 13 horas.

TERÇO DO ROSARIO — A's 9,30, Socorro e S. Francisco de Paula; ás 17,30, S. Domingos e S. Francisco (a Jesus); ás 18, Coração de Jesus (freguesia); ás 19, Corpo Santo; ás 20, Coração de Jesus (Rua Renato Baptista) e S. Vicente.

MÊS DE S. JOSÉ — Nos templos já indicados nesta secção.

INFORMAÇÕES

Por ter sido nomeado vogal do Tribunal de Contas, o sr. dr. Alberto Xavier abandonou ontem as funções do seu cargo de director geral da Fazenda Publica e secretario geral do Ministerio das Finanças.

Segundo as portarias que ontem foram para o *Diário do Governo* será substituido interinamente, pelo chefe da 2.ª Repartição da mesma Direcção Geral, sr. Jaime Alfredo Machado, e no impedimento deste pelo chefe da 3.ª Repartição dos mesmos serviços sr. Francisco Ribeiro Tavares.

Para exercer interinamente as funções de secretario geral foi nomeado o director geral das alfandegas, sr. Manuel dos Santos, por ser o mais antigo dos directores gerais do Ministerio.

— Foi concedida a naturalização de português ao cidadão espanhol Constante Caldas, natural de Meder, concelho de Salvaterra do Minho, provincia de Pontevedra, e domiciliado em Lisboa.

— Vai ser aberto concurso documental para o provimento de uma vaga de agente oficial de marcas e patentes, aberta pelo falecimento do agente Machado da Cruz.

O sr. dr. Constantino de Meneses Cardoso foi exonerado, a seu pedido, de governador civil substituto de Angra do Heroismo.

— Vai ser publicado um decreto aumentando um subalterno no quadro da Casa de Reclusão da 1.ª Região Militar, no Porto.

— A 4.ª secção do Conselho Superior de Obras Publicas, na sua ultima sessão, deu parecer acêrca dos pedidos das Camaras Municipais de Baião, para expropriação urgente de um predio para instalação de uma estação telegrafo-postal e de uma cabina telefonica, e de Guimarães para expropriação do teatro D. Afonso Henriques, a fim de ser prolongada a rua de S. Damaso.

— Reuniu 5.ª-feira, sob a presidencia do sr. dr. José Penha Garcia, sub-secreario de Estado da Agricultura, a Junta de Fomento Rural e Conselho de Comercio e Industria, para apreciarem os pedidos de concessão da isenção de direitos de alguns insecticidas.

A Junta resolveu não tomar conhecimento dos pedidos formulados enquanto não estiverem definitivamente estabelecidas as normas a seguir neste particular e aguardar a conclusão dos trabalhos da comissão nomeada especialmente para esse fim.

MUSICA

Concertos no Teatro de S. Carlos

E' amanhã, domingo, ás 15 horas e 15 minutos, que se realiza no Teatro de S. Carlos o segundo concerto da Academia de Amadores de Musica, sob a direcção do maestro Pedro Blanch, da «série» organizada para este teatro.

A orquestra desta antiga instituição artistica, reforçada com professores no total de 50 executantes, executará a «Sinfonia em mi bemol», de Mozart.

A pianista portuense D. Helena Moreira de Sá Ferreira da Costa, executará a solo, em primeira audição, «Nocturno», de Fauré, e «Andante spianato e Polacca», de Chopin, executando, acompanhada pela orquestra o «Concerto em sol menor», de Mendelssohn.

DIARIO INTERNACIONAL

A CRISE BANCARIA NORTE-AMERICANA

Foram prorrogados indefinidamente a moratoria e o embargo á saida do ouro

Roosevelt vai pedir ao Congresso uma redução de salarios

WASHINGTON, 10—Roosevelt publicou uma proclamação anunciando a prorrogação da moratoria bancaria por tempo indefinido. O embargo á saída do ouro é tambem aplicavel por tempo limitado. Em todo o caso, parece que a moratoria terminará na segunda-feira.—*Havas.*

Os colecionadores... do vil metal

NOVA YORK, 10.—Os açambarcadores de ouro começaram a entregar ontem as importancias que tinham em seu poder. Só no Estado de Nova York foram entregues 30 milhões de dolares. O total entregue até agora é de 65 milhões.—*Havas.*

Nova proclamação de Roosevelt

WASHINGTON, 10.—Hoje de madrugada foi publicada uma nova proclamação do presidente Roosevelt que diz textualmente:

«Prosseguindo a emergencia bancaria, torna-se necessario prorrogar por tempo indefinido as medidas adoptadas, principalmente as que têm por fim impedir a exportação de ouro, prata e outros metais, e bem assim a especulação de cambios. — *United Press.*

NOVA YORK, 10.—Os governadores dos Estados de Nova York, S. Luiz, Georgia, Washington, Nova Jersey e Oregon proclamaram uma moratoria até sabado para os Bancos nacionais e até segunda-feira para os Bancos do Estado.—*Havas.*

A prorrogação da moratoria e a reabertura dos Bancos

WASHINGTON, 10.—Diz-se que a prorrogação da moratoria bancaria visa a permitir a reabertura de maior numero de Bancos. Roosevelt, na proclamação em que se refere á prorrogação da moratoria, esclarece que o estipulado nas suas proclamações de domingo e segunda-feira, continuam em vigor até nova ordem.—*Havas.*

Redução de salarios

WASHINGTON, 10. — O senador Robisson anunciou que o Presidente Roosevelt vai enviar ao Congresso uma nova mensagem especial pedindo uma redução de 500 milhões de dolares no total dos salarios pagos aos funcionarios federais que estejam afastados do serviço.

O presidente da Camara dos Representantes declarou que a redução desses salarios poderá atingir 15 por cento da cifra dispendida com eles.—*United Press.*

Diminuição nas existencias ouro da nação

NOVA YORK, 10.—O relatorio do Federal Reserve Bank até 8 do corrente mostra que houve diminuição sensivel nas existencias ouro da nação e um aumento de 818 milhões na circulação. Nos 12 Bancos de Reserva Federal a cobertura metalica caiu a 45 1/2 por cento, sendo o minimo legal de 40 por cento.—*Havas.*

A lei bancaria de emergencia

WASHINGTON, 10.—A lei bancaria de emergencia aprovada ontem pelo Senado foi já assinada pelo Presidente Roosevelt.—*United Press.*

Alguns bancos de Nova York abriram ontem

NOVA YORK, 10.—Abriram hoje as suas portas varios estabelecimentos bancarios desta cidade.—*United Press.*

A repercussão da crise na Bolsa de Londres

LONDRES, 10—Os novos aspectos da crise bancaria americana tiveram pouco efeito na abertura da Bolsa de Londres, cuja orientação continuou, como nos dias anteriores, a ser optimista. Os titulos alemães, no entanto, registam modificações constantes.

A City considera as propostas de Roosevelt ao Congresso como suficientes para fazer face á crise.

As noticias sobre a reorganização do sistema bancario americano são esperadas na City com grande interesse.

O redactor financeiro do «Times» escreve, a este respeito, que o mercado se mostrará hoje favoravelmente impressionado com o bom quilate das propostas de Roosevelt.

O «Daily-Telegraph» diz que a confiança na America e em outros centros financeiros resultará das medidas que venham a ser tomadas e descreve como «corajosas, praticas e inteligentes» as propostas de Roosevelt.

O celebre economista Walter Layton escreve no «News Chronicle» que, embora a maioria dos principais bancos de Nova York possa abrir imediatamente ao publico, o desapontamento dos centros industriais e agricolas, tão duramente atingidos, permanecerá, pois os Bancos desses centros continuarão, por enquanto, fechados, visto os seus valores do activo consistirem em hipotecas irrealizaveis. «Enquanto não forem conhecidos mais pormenores—acrescenta Layton—continuam a ser duvidosos os termos em que a America fará negocios com o resto do Mundo».

No entanto, pode-se afirmar que actualmente os receios acêrca de um movimento brusco do dolar são menores.—*Havas.*

A GUERRA NO ORIENTE

As noticias sobre a tomada de Ku-Pei-Kow

continuam sendo contraditorias

LONDRES, 10—Informam de Toquio que o Governo diriguiu a Pequim um aviso sério a proposito das tropas chinesas que ainda se conservam nos arredores da Ku-Pei-kow. A Legação Japonesa recebeu instruções para advertir os chineses de que se as tropas chinesas não forem retiradas, os japoneses ver-se-ão obrigados a atacar a posição por via aerea. Segundo parece os japoneses não tinham ainda conseguido tomar Ku-Pei-kow encontrando-se simplesmente em seu poder as defezas externas daquela passagem.

As ultimas comunicações de Toquio dizem que a tomada de Ku-Pei-kow foi anunciada oficialmente, como tendo sido efectuada ás 14,30, hora local. —*Havas.*

PEQUIM, 10—Os chineses mantêm que Ku-Pei-kow não foi tomado. Dizem que se travou ali uma grande batalha e que os japoneses tiveram perdas duas vezes superiores á totalidade das perdas desde o começo da campanha até á tomada da cidade do Jehol.

A demissão de Chang-Sue-Liang foi aceita. O comando das tropas chinesas foi assumido por Chang-Kai-chek, que enviou uma divisão para o campo de batalha de Ku-Pei-kow e se prepara para enviar mais uma divisão em reforço daquela. Os chineses afirmam que o Norte da China vai passar a ser teatro de importantes operações militares, afirmando sempre que os japoneses não conquistaram em Ku-Pei-kow uma só polegada de terreno.—*Havas.*

TOQUIO, 10—Admite-se que a noticia anunciando a tomada de Ku-Pei-kow é prematura.—*Havas.*

O espirito belico da Imprensa de Xangai

XANGAI, 10.—A Imprensa chinesa pede que se continui a guerra a todo o custo, reflectindo assim a opinião geral, e critica violentamente as autoridades militares chinesas e até as civis de Nanquim, pela perda do Jehol. —*Havas.*

50.000 chineses passaram Ga rande Muralha, por graça do adversario

LONDRES, 10.—Noticias de origem japonesa dizem que o exercito de 50.000 chineses que se encontrava isolado na fronteira da Mongolia pôde finalmente debandar, pois os japoneses deixaram-no passar a Grande Muralha.

Em Ku-Tchia-tun só está um destacamento chinês sob o comando do celebre general Sun-Tien-Young.

O Quartel General japonês foi transferido de Tchin-Tcheo para Xang-Xun, o que parece indicar que os japoneses consideram a campanha do Jehol terminada.

Segundo as autoridades japonesas as suas tropas ocupam presentemente a Grande Muralha em toda a sua extensão.—*Havas.*

NA ALEMANHA «NAZI»

Batalhões de assalto racistas

ocupam os edificios publicos de Munich

Os quarteis de Kehl, na fronteira francesa, foram tambem tomados

MUNICH, 10.—Os edificios publicos foram ocupados pelos batalhões de assalto racistas, que tambem ocuparam as redacções dos jornais «Bayerischer Kurier» e «Munichner Post», orgão socialista. Em consequencia dos acontecimentos, a sessão da Dieta, que deveria realizar-se no sabado proximo, para a eleição do presidente, foi adiada «sine-die».

Em Augsburgo, as tropas de assalto racistas e os «Capacetes de Aço», com o concurso da Policia organizaram uma marcha «aux flambeaux», fazendo uma grande manifestação em frente da Camara Municipal.

O deputado racista Wahll, que falou aos manifestantes, declarou que se acabara a arrogancia do Partido Catolico bavaro, e com ela os discursos do presidente do Conselho Held. «O general Epp exterminará o marxismo na Baviera»—afirmou.

As bandeiras racistas e do imperio foram içadas na Camara Municipal ao lado da bandeira bávara, apesar dos protestos do burgomestre. Em Nuremberg tambem a bandeira racista flutua na Camara Municipal.—*Havas.*

Na Baviera deram-se algumas desordens

BERLIM, 10.—A criação do Comissariado do Reich na Baviera foi seguida de manifestações em diversas cidades bávaras, onde foi hasteado o estandarte racista. Deram-se desordens em varios pontos, ficando algumas pessoas feridas. Em Saxe foram destituidos das suas funções varios funcionarios esquerdistas. No distrito de Zwickau, efectuaram-se 200 prisões, entre as quais a do chefe da «Bandeira do Reich» e de um deputado comunista. Em Dresde foi preso o deputado comunista Silbermann. Em Plauem os racistas proclamaram o estado de sitio no bairro comunista e apoderaram-se de vario armamento.—*Havas.*

A posse do general Von Epp

MUNICH, 10.—O general Von Epp comissario do Reich junto da Policia bavara, tomou posse oficialmente. O novo comissario afirmou que se ia esforçar para que a Baviera regressasse á situação que perdeu em virtude da revolução, a fim de poder participar de novo no movimento de libertação da Alemanha.—*Havas.*

Hitler comparado a Frederico II na opinião de um filho do ex-Kaiser

FRANCFORT, 10.—Frick pronunciou um longo discurso em que advogou a ideia duma Alemanha unida. «Queremos uma Alemanha só—diz-se—embora aceitemos um federalismo razoavel». Referindo-se aos comunistas, declarou que não haveria para eles lugar no Reichstag. «Dar-lhes-emos ocasião de trabalhar utilmente nos campos de concentração, acrescentou, e é preciso que com eles desapareça a social-democracia, raiz de onde brotou o comunismo». O filho do ex-kaiser Guilherme da Prussia falou tambem, para declarar que «era um simples soldado de Hitler», que comparou a Frederico II.—*Havas.*

Pronuncios de mau tempo...

PARIS, 10.—De Estrasburgo mandam ao «Journal» pormenores relativos á ocupação pelos racistas dos quarteis de Kehl. Os ocupantes, em numero de 400, entre os quais um em cada dez estava armado, assim que entraram nos quarteis, içaram nos telhados quatro bandeiras racistas.

Parece que os hitleristas pretendem ocupar todos os edifiicios publicos. As autoridades francesas tomaram já medidas de protecção, vigiando rigorosamente as pontes sobre o Rêno. Kehl, como Rastadt e Friburgo em Brisgau, fazem parte da zona desmilitarizada. Em face das disposições do tratado de Versailles, a Alemanha não pode, nessa zona, fazer manobras militares de qualquer natureza, sendo-lhe igualmente proibido manter naquela zona quaisquer facilidades materiais de mobilização.

A contravenção destas disposições pode ser considerada pelas potencias signatarias como um acto de hostilidade, susceptivel de perturbar a paz mundial.—*Havas.*

... ou a nuvem por Juno?!

BERLIM, 10. — A proposito da ocupação dos quarteis de Kehl declara-se nesta cidade que o grupo de racistas que os tomou era de 200 homens, e que o caso não tem qualquer caracter militar. Acrescenta-se que a ocupação foi feita por motivos politicos e que os homens que vieram a Kehl e que moram nas aldeias proximas regressaram ás suas casas.—*Havas.*

A impressão em Genebra

GENEBRA, 10. — A tomada dos quarteis de Kehl por um contingente das tropas de assalto racistas é comentado com animação nos corredores da Conferencia do Desarmamento. De facto Kehl fica numa zona desmilitarizada da fronteira e a ocupação dos quarteis por formações militares vem responder á tão debatida questão dos efectivos, isto é, se as formações militares devem ou não ser consideradas como efectivos armados.—*Havas.*

Prisões... protectoras

COLONIA, 10.—O deputado socialista Sollmann, redactor chefe do *Reinischa Zeitung*, de Colonia, e o redactor Efferoth, foram presos. Tendo o partido Social Democrata protestado junto de Hindenburgo, Goering e Von Papen, foi-lhe respondido que como os dois presos haviam sido vitimas, no seu proprio domicilio, de agressões, a prisão se tinha feito com o intuito de os proteger. Sollmann foi mais tarde posto em liberdade.

As autoridades, entretanto, mandaram encerrar a Casa de Augusto Babel, onde se imprimia o *Reinischa Zeitung.—Havas.*

Demitiram-se os Governos de Baden e da Saxonia

BERLIM, 10.—Os Governos de Baden e Saxonia demitiram-se. O jornal *Berliner Tageblatt* foi supenso por três dias.—*United Press.*

Hitler, deputado

BERLIM, 10.—Hitler aceitou o seu mandato de deputado pelo distrito da Alta Baviera e Suabia.—*Havas.*

O sabio Einstein não volta á Alemanha

WASHINGTON, 10.—Einstein declarou que está resolvido a não regressar á Alemanha, devido á politica do Governo hitlerista.—*Havas.*

NO PAÍS VIZINHO

A greve academica de Madrid

Os estudantes extremistas querem a demissão do ministro da Instrução

MADRID, 10.—Ha já algum tempo que nos centros universitarios reina uma certa agitação, pelo facto de os estudantes não concordarem com a politica de reorganização do Ensino Superior, adoptada pelo ministro da Instrução, que acham demasiado lenta.

Os estudantes tinham anunciado uma greve para hoje, mas ontem á noite decidiram adiá-la. As aulas foram pois dadas como habitualmente, mas cerca do meio dia um grupo de estudantes da extrema-esquerda invadiu as classes e partiu o mobiliário, pedindo em altos gritos a demissão do ministro da Instrução.

Alguns estudantes, sobretudo os da extrema-direita, tomaram partido pelos manifestantes.

Os republicanos intervieram, dando-se então desordens.

Ouviram-se alguns tiros que feriram alguns estudantes.

Por fim os desordeiros foram expulsos da Universidade.—*Havas.*

«Morras» a Hitler e ao fascismo

MADRID, 10.—Os estudantes expulsos da Universidade formaram um pequeno grupo que se dirigiu ao Ministerio da Instrução, dando «morras» a Hitler e ao fascismo.

Em frente do Ministerio o grupo foi facilmente disperso.

O Conselho de Ministros estava reunido quando se deram as manifestações na Universidade e ocupou-se imediatamente do assunto.

O ministro da Instrução expôs aos seus colegas o relatorio que trata da reorganização do ensino e do pessoal pocente, bem como das novas construções escolares.

Segundo parece, os individuos que tomaram parte mais activa nos incidentes escolares são estranhos aos circulos universitarios. —*Havas.*

Perante esta atitude o capitão Rojas não se pôde conter e diparou a sua pistola sobre ele, matando-o.

Os guardas de assalto e os civis que o acompanhavam fizeram o mesmo sobre os restantes prisioneiros que varados pelas balas dos exaltados, cairam mortalmente feridos.

A Comissão Parlamentar afirma que a responsabilidade é do director geral de Segurança Publica sr. D. Arthur Menendez e do capitão Rojas, que já se demitiram».

A proposito da exposição feita á Camara pela Comissão Parlamentar deram-se serios debates.

Ficou resolvido que na reunião da Camara, de sexta-feira proxima, a referida Comissão complete os seus informes, no sentido de se averiguar se ha mais responsaveis pelos acontecimentos de Casas Viejas. — *United Press.*

As conclusões da Comissão Parlamentar sobre os acontecimentos de Casas Viejas

MADRID, 10—A Comissão Parlamentar que está encarregada de investigar os lamentaveis acontecimentos de Casas Viejas expoz esta tarde á Camrra as seguintes conclusões:

«Está provado que depois de ter terminado a luta se fuzilaram varias pessoas, não se podendo precisar ao certo qual foi a autoridade que ordenou ás tropas de assalto para actuarem de tal forma; pelo que se afirma na informação não ha provas suficientes de que essas ordens partissem dos membros do Governo.

Na mesma informação figura uma declaração do capitão Rojas que naque la ocasião comandava as referidas tropas de assalto nos acontecimentos de Casas Viejas, dizendo que ao conduzir os revoltosos para a prisão, um deles ao ver um cadaver de um guarda de assalto fez um acto de desprezo.

O novo Governo grego

ATENAS, 10.—Fazem parte do novo gabinete, entre outros, Tsaldaris, Presidente; Condylis, Guerra; Metaxas, Interior; Maximos, Estranjeiros e Loverdos, Finanças.—*Havas.*

EM EVORA

UMA MAGNIFICA SESSÃO DE PROPAGANDA

A posse da comissão concelhia da União Nacional

EVORA, 7.—Com vasta concorrencia dos melhores valores que em todo o distrito se encontram ao lado da situação actual, teve hoje lugar pelas 14 horas no gabinete do sr. governador civil a posse dos novos elementos da Comissão Distrital e Comissão Concelhia da União Nacional de Evora.

Ao acto da posse que foi conferida pelo sr. governador civil, assistiu o sr. dr. Joaquim Nunes Mexia—vogal da Comissão Central da União Nacional.

Os empossados foram os srs. dr. José Afonso de Matos, João Baptista Nunes Malta e José Garcia Nunes Mexia, da Comissão Distrital, e dr. Manuel Lopes Marçal, Luiz Alves Martins, Julio de Morais, João Manuel Pires e Manuel Rosado Mira, da Comissão Concelhia.

Entre a numerosa assistencia lembra-nos ter visto os srs. dr. Leovegildo Queimado Franco de Sousa, Jacinto José Moura, José Sebastião Torres Vaz Freire, Antonio Dias Saraiva, Joaquim Fernandes Lopes, Alfredo Eduardo de Almeida, Antonio Leonardo Mexia d'Almeida, Julio Augusto de Brito Malta, João Maria Sarregoso, Mario Cordeiro Ramos, P.e Joaquim José da Rocha, Jacinto Maria da Gloria Marte, Antonio Coelho de Vilas Bôas, Antonio Vicente Pascoal, Manuel Joaquim Pires, João Barreiros de Torres Vaz Freire, dr. Jaime Leal, Antonio Borges Barreto, Mario Viegas Alves, Alberto Pinheiro Falcão, dr. Alfredo Praça Cunhal, dr. Antonio Praça, dr. Antonio Justino da Costa Praça, José Falcão de Sousa, Augusto Ferreira, Cipriano de Campos, Francisco Antonio Monteiro, Manuel Duarte de Almeida, Alberto de Campos Lopes, Joaquim Preto Rebelo, Francisco da Rocha Carvalho, Joaquim José Guerreiro, dr. Antonio Bartolomeu Gromicho, José Dordio Rebocho Pais, capitão Luiz de Camões, capitão Mendes Moreira, tenente-coronel Antonio Joaquim de Faria, Jaime Henrique Lopes, Virgilio Salvador Ricardo da Costa, Henrique Marcolino Arnaud, Domingos Antonio de Sousa Coutinho, José Fernandes, João Antonio Pires Fresco, José Pedro Ramos Piçarra Vilar, José Antonio Cristovão, Manuel Antonio Paussão Junior, major Duarte Silva, capitão Marrecas, major Matias, provedor da Casa Pia, capitão Manuel da Fonseca Salvação, dr. Rosado da Fonseca, dr. Camarate de Campos, eng. Bicker Pimentel, dr. André Tavares, José Belo, Luiz de Sousa Cabral, José de Sousa Cabral, eng. Lourido, eng. Mendonça Ribeiro, dr. José Nunes de Almeida Lopes, dr. Ernesto Mexia, dr. Armando Gião, José Mexia, Joaquim Mexia, dr. Leitão, José de Almeida Barrancos, dr. Manuel Bento Moniz, dr. Henrique Navega, Monsenhor Barradas, Francisco Homem de Campos Rodrigues, tenente-coronel Francisco Teixeira, José Francisco Melro, Felipe de Lobo Brito Malta, alferes João Silveira, alferes João Gonçalves Valentim, dr. João Lourenço Castelo Branco, dr. Joaquim Pedro Rebelo Arnaud, Luiz Silverio, Alberto Pinheiro Falcão, Leandro Alves, Braz Garcia da Costa, José Joaquim Julião, etc., etc.

Foram além disso recebidos varios telegramas pelos srs. governador civil e Camarate de Campos.

Sua ex.ª o sr. capitão Gomes Pereira, dando inicio ao acto da posse, diz:

E' do conhecimento de todos o motivo porque tive a honra de os convidar a vir aqui.

Traça o elogio dos empossados, afirmando que eles são sobejamente conhecidos pela sua categoria e valor pessoal, sendo possuidores de elevadas qualidades de inteligencia, cultura, honestidade e ponderação.

A facilidade com que aceitaram os cargos para que os convidei, é o penhor seguro de quanto é desejada a realização do agrupamento nacional, que outra coisa não é, que a união de todos os portugueses.

Faz a apologia da União Nacional e agradece ao sr. dr. Nunes Mexia, de quem traça o elogio, a sua comparencia aquele acto, que devido á sua categoria, mais o faz realçar.

O governador civil orgulha-se de ter ali ao seu lado, aquele ilustre vogal da Comissão Central.

Segue-se no uso da palavra o sr. dr. Nunes Mexia que agradeceu ao sr. governador civil a possibidade que lhe deu de assistir áquele importante acto e, depois de fazer o elogio de sua ex.ª cumprimenta os empossados, como autenticos valores da nossa terra.

Refere-se largamente á União Nacional e preconisa a junção de todos no sentido de se fazer uma politica de ordem, que é a verdadeira politica conservadora.

Acentua que Portugal não está sofrendo crise igual á que se vê em outros Paises, porque tivemos a felicidade do 28 de Maio e de ter encontrado o grande português que é, o dr. Oliveira Salazar.

Em seguida, usou da palavra o sr. dr. Camarate de Campos, presidente da comissão distrital da União Nacional que diz:

Muito grato me é apresentar a v. x.as, em nome da comissão distrital da União Nacional, os meus melhores e mais afectuosos cumprimentos.

São v. ex.as bem conhecidos em toda a cidade, em todo o distrito, pelo que não ha necessidade de fazer o seu elogio.

A vinda de v. ex.as para a União Nacional é a demonstração mais perfeita, mais provada, de que a União Nacional é alguma coisa de grande na terra portuguesa.

Com efeito, se v. ex.as que eu tenho visto sempre afastados da vida publica, não sentissem a grandeza dos principios em que assenta a União Nacional não lhes davam, como dão, o seu apoio.

A União Nacional, criada pelo grande restaurador das finanças publicas, bem merece dev. ex.as e bem merece de todos nós.

Teve ela a suprema virtude, a suprema grandeza, de fazer intervir na vida do Estado muitos indiferentes,

«E' preciso acabar com o indiferentismo.

O indiferentismo é um crime sem derimente. E' necessario constatá-lo com energia, onde se combatem outros crimes sociais.

O Governo da Ditadura, no combate ao indiferentismo, determinou, a proposito do plebiscito nacional que vai ter lugar no proximo dia 19, que não há indiferentes.

Partindo do principio de que quem cala consente, consignem que quem fica em casa dá o seu apoio ao projecto da nova Constituição.

Apesar disso, eu entendo que é da maxima conveniencia que todos aqueles que concordam com a Ordem Nova se devem apresentar a votar, pois temos que demonstrar aos adversarios a vitalidade dos nossos organismos.

A nova Constituição é tecnicamente, juridicamente, modelar.

Foi feita por mão de Mestre.

Pode a pratica é que o dirá — não se adaptar ás necessidades nacionais. Se assim acontecer, será modificada, porque na Ordem Nova não ha principios imutaveis, principios absolutos.

O unico principio absoluto é este: A Nação acima de todos nós.

Segundo o artigo 5.º da Constituição, o Estado português é uma Republica unitaria e corporativa.

Para a Constituição, o homem-individuo não é nada, pois para ela tudo é o homem-social.

E' anti-individualista.

Salazar, dando-nos a Constituição, presta ao País, presta á Republica, mais um grande serviço.

Que a Constituição traga melhores dias para o País.

São os meus votos e de todos aqueles que põem a Nação acima dos interesses particulares, dos interesses individuais.

A sessão foi encerrada pelo sr. governador civil que pediu á assistencia que não esquecesse o proximo plebiscito Nacional, a realizar em 19 do corrente, pois era preciso mostrar aos adversarios a força de que dispomos.

Todos os oradores foram muito aplaudidos, ouvindo-se muitos vivas ao Estado Novo e á Ordem Nova.

A Ditadura marcou mais uma vez, neste distrito, e de forma bem brilhante a sua posição.

Após a posse, realizou-se no majestoso Teatro Garcia de Rezende a anunciada conferencia do sr. dr. Nunes Mexia. O Teatro estava completamente cheio, vendo-se nos camarotes muitas senhoras, da primeira sociedade de Evora e uma assistencia distintissima em que predominavam os melhores valores desta cidade e do distrito.

No palco encontravam-se todos os membros das Comissões Distrital e Municipal de Evora da União Nacional.

Presidiu o sr. governador civil, que se fez secretariar pelos srs. dr. Camarate de Campos, dr. Hermenegildo Sousa, dr. Manuel Marçal e Luiz Alves Martins.

O sr. governador civil, ao abrir a sessão, fez o elogio do sr. dr. Mexia, que, seguidamente, e depois de ter pedido dois minutos de silencio em homenagem ao sr. Joaquim José de Matos Fernandes, grande Eborense, falecido nesta cidade no passado domingo, proferiu o magistral discurso que publicamos abaixo.

O sr. dr. Nunes Mexia, ao terminar a leitura do seu belo trabalho, foi muito cumprimentado e ovacionado.

A sessão foi encerrada pelo sr. governador civil.

Foi um grande dia para a Ditadura Nacional, que no Distrito de Evora está bem enraizada, atendo á politica de inteligencia e ponderação que nele se tem feito. — C.

O ESTADO NOVO E A QUESTÃO AGRARIA

Meus senhores:

Começando pelo cumprimento de um dever, que é ao mesmo tempo a obediência a um sentimento, apresento a V. Ex.as as minhas saudações e os meus sinceros agradecimentos pela honra que me dispensam, ouvindo-me.

E sentindo que sobre toda a assistencia paira um movimento de surpresa, derivada da minha vinda aqui, cabe-me a obrigação de a explicar, declarando já, que a não estranho; porque o primeiro surpreendido fui eu, ao ver-me designado para este posto, na obra presentemente em marcha, da propaganda da actual situação nacional.

De facto nem para V. Ex.as nem para mim podia ser indiferente a minha investidura no papel de conferencista, quando transpostos já os 60 anos de idade.

Velho porém, tenho tido sempre uma caracteristica que, estou certo, V. Ex.as conhecem, a da concordancia das minhas acções com as posições que ocupo, espontaneas ou impostas pelas circunstancias.

Preso por situações criadas, vitima do meu feitio, que me não permite alijar responsabilidades, houve um momento em que não pude furtar-me a fazer parte da Junta Central da União Nacional, sujeitando-me por isso a todas as consequências dali resultantes.

Resolvido por este alto corpo directivo de forças importantes da Nação, com a presunção, posta, da própria Nação representar, que os seus componentes a ela se dirigissem, expondo os critérios com que a mesma pretendia servir, só tinha que acatar a deliberação tomada a-pesar-de bem sentir, a incompetencia, do agente de ligação.

Foi-me posta a mim a questão, em termos de poder optar pela sede de qualquer dos distritos alentejanos, e a qualquer eu poderia ir, porque componentes todos do nosso Alentejo, a todos eles me liga o meu regionalismo vincado, modo caracteristico de ser de meu nacionalismo, e ainda porque a todos devo provas de amiga consideração, que não esqueço.

A Evora, porém, me ligam sentimentos mais intimos, de casa ou de familia, ia eu a dizer, lembrado sempre do carinho com que, desde tempos remotos, me tem tratado. Por gratidão pois eu devia distingui-la e ainda por um pouco de egoísmo, visto que falando, por assim dizer, aos meus, eu podia abstrair da solenidade protocolar da conferencia, para que me falta competencia, substituindo-a, antes, pela leitura de uma simples palestra.

Assim permitir-me-ão os meus pares, de que se compõe a maioria da assistencia e mais não esperarão de mim os restantes de V. Ex.as que muito me conhecendo, farão justiça á minha sinceridade e com a benevolencia, com que me atrevo a contar, facilitarão o caminho, que procuro, do entendimento que as circunstancias do momento que passa, tanto recomendam.

Foi-me oferecido o tema, que V. Ex.as já conhecem, «O Estado Novo e a reforma agrária», que abordo já, iniciando as minhas considerações com a declaração prévia de que desdobrando-o, nos seus dois termos, o primeiro me desagradou.

Conhecem todos V. Ex.as a minha feição conservadora, que ao meu modo de ser apolitico, se apresenta como a melhor, porque se conduz a manter e defender o que o nosso passado nacional nos apresenta como bom, expurgando-o de tudo o que não é de conservar, e adaptando-o e completando-o com tudo o que o evolucionar da civilização, tem trazido como condição de progresso e bem estar nacional.

O «enxerto» parlamentarista

Se Estado Novo traduzia forma revolucionária, implicando maior abandono das nossas tradições, para nova adopção de ideologismos importados, nunca lhe poderia dar a minha adesão, e muito menos dela me fazer pregoeiro, tendo sentido todos os inconvenientes, que a história regista, da importação da Inglaterra do figurino parlamentarista, que, nessa grande nação teve o seu «habitat» próprio, e que, por se adaptar ás suas tradições, pôde proliferar e conduzi-la á prosperidade contemporanea.

Enxertado em Portugal, como para outros países foi conduzido, com igual insucesso, condicionou a abolição de um regime político, tendo feito periclitar o segundo, tornando forçosa a intervenção do Exército que, pelas condições fundamentais de composição e recrutamento, consubstancia a alma nacional, dando lugar á situação presente da suspensão parlamentar.

Incapacitado de colaborar noutra importação, possível exoticismo, insusceptível de se adoptar ás necessidades da Nação, fui levado ao estudo do Estatuto, e tive felizmente de concluir que, outro objectivo, se nos punha.

Antes se baseava no conhecimento da nossa tradição, e tomando-a desde os principios da nacionalidade, dela aproveitava o que tinha constituído alicerces da Nação, origem das forças racicas, que a habilitaram a impôr-se ao respeito do Mundo.

Inicialmente constituindo um simples condado, brevemente surgiram ideias separatistas baseadas em principios etnicos frisantes, a impôr a constituição da nova Nação, dia e noite orientada para o alargamento das fronteiras.

Cada conquista territorial era fixada e nacionalizada pela instalação de familias, nucleos criadores de novos municipios que, firmando-se internamente nas corporações diferenciadas, representadas pela sua «elite» de «homens bons», como que aboliam o individuo, dado que de per si, pouco representava, quando dissociado. Criou-se assim o corporativismo que iniciado na familia, fortalecido nos Estados, e amparado pelo Municipio e classes ou corporações, deu vitalidade á Nação, sufocando o egoísmo individual.

Foram estas as forças que presidiram á formação feliz de Portugal, e, durante toda a primeira dinastia impuseram á raça as suas virtudes, corrigindo-se umas ás outras, pela moderação, quando precisa, do exagero de algumas, verdadeiras origens do heroísmo, que conduziu á tenacidade das descobertas, e á ocupação de parte importante do Mundo, em inacreditável desproporção, entre ocupante e ocupado.

A força moderadora do Municipio

De facto pode afirmar-se que foi o municipio a força moderadora dos exageros da nobreza, facultando ao Rei, razão e força para a corrigir, como nela também foi encontrada a limitação da própria Igreja, quanto ás suas pretensões excessivas, de poder temporal. O próprio Rei tinha que ouvir as reclamações dos representantes dos concelhos, que iam até dizer-lhes: «senão, não».

Brilhantes lições de civismo nos deram os nossos antepassados, que constituem superior motivo de orgulho, e que o período heróico e opulento que, se nos abriu, com a segunda dinastia, havia de obliterar. Permitiu o equilibrio em que todas estas forças se mantiveram, que se efectivasse a construção nacional, e que se fizesse face á tormenta que ameaçou Portugal, na sua própria autonomia, no final da primeira dinastia.

As descobertas e conquistas ultramarinas que condicionaram o enfraquecimento civico, trouxeram com este, a política de engrandecimento do poder real, com ruptura da tradição e enfraquecimento da familia, pela ausencia dos seus varões, anulação do municipio, pelo abandono dos melhores municipes, que a ansia de rápido enriquecimento fazia desertar dos seus lares, criados pelos seus antepassados, e mantidos pelo trabalho próprio, modesto, mas civico e honrado.

Enriquecido e brilhante o trono, mas depauperada a familia, desamparado o concelho, a própria aristocracia dispersa, afastava-se a Nação das suas virtudes, base da raça, preparando-se-lhe a ruína, que uma autentica anestesia psiquica conduziu até a perda da própria autonomia.

O martirio da dominação filipina, depurou-nos da desmoralização atingida, relativamente, e tornou possível a reacção de 1640; não nos restituiu porém as virtudes do passado, porque não houve o cuidado de ligar o presente de então, com as fontes da sua sanidade moral, revigorando a familia, fortalecendo o concelho, cultivando a acção dos Estados e fazendo a política das corporações. Antes se manteve o critério do poder real, continuando-se na prática do individualismo grosseiro só desagregador, nada nobilitante e consequentemente incapaz de construir com permanencia.

Uma oportunidade perdida

Perdida a oportunidade da emoção nacional, despertada pela restauração, mais se agravaram os males que de trás vinham.

Pôde ainda o resto da energia racica fazer face á luta restauracionista e consolidar a autonomia da Nação. O Rei porém, sem forças organizadas abaixo de si, deixou, se não motivou, que de facto a Nação continuasse a decaír, como corpo consciente e são, ante multidão de individuos eivados de egoísmo, sem preocupações de classe, nem de concelho, e a própria familia, a caminho de maior enfraquecimento.

Incapáz já de manter a heroícidade da época das conquistas, obliterado o cadinho depurador de onde ela outrora saía forte e combativa, estimulada só por ideias nobres e elevadas, a familia; perdido o rico mas desmoralizador Oriente, no próprio Brasil deixando de fazer obra portuguesa, para colaborar em orientação separatista, o individuo dia a dia mais se patenteava egoísta, dissociado e interesseiro, perante o sucesso fácil, incapaz porém da tenacidade do lutador, e do altruísmo do verdadeiro cidadão, e de que é escola e cultivo corporativo.

A própria Igreja apresentava sintomas de enfraquecimento, a-pesar-do luxo que exibia. Eram principalmente visíveis, através da instituição monacal.

O convento, instituição eminentemente respeitável, quando congrega pessoas estimuladas por vocação sincera e dominadora, porque então nos faculta espírito de renuncia surpreendente, donde brotam as flores da caridade, e da dedicação pelo próximo, inexcedíveis, e que só a fé é capaz de produzir, torna-se lugar de refugio, ou sequestro, dos vencidos da vida e dos filhos segundos, sacrificados aos privilégios da primogenitura, incapazes aqueles de per si vencerem na vida, ou das filhas sem dote, todos insusceptiveis de constituírem novos lares geradores de futuros cidadãos. Proliferaram, com estas falseadoras características do seu objectivo inicial, e foram mais uma manifestação de egoísmo individual, em marcha para a progressiva desmoralização nacional.

Cresceram, porém, de tal forma em numero, que foram até ameaçar a própria economia do País, e provocaram, não a justificando, a acção extremista da «chamada» revolução liberal.

E servimo-nos destes termos, porque, se nela nos surgem ideologos de intenções inteiramente respeitáveis e até mesmo, alguns dotados de capacidade construtiva, há que reconhecer que foi sua principal determinante a crise económica, determinada pela invasão francesa, ausencia da familia real, refugiada no Brasil, perturbações íntimas, dentro da mesma familia e, afinal, discordancias graves que levaram á separação dos dois irmãos, infante e principe real, que, chefiando cada um a sua facção partidária, foram determinantes da luta fratricida, em que se lançou o País.

Implantado o regime liberal, longe de se procurar ligar o novo regime com as instituições tradicionais da Nação, ante a influência que, na luta teve a Inglaterra, facilitou que desta nos viesse o regime parlamentar, que com elas se não coadunava.

Assim continuaram incolumes os vicios que vinham de trás, que brevemente se adaptaram ao artificio implantado, dentro dele medrando, pelo maior cultivo do individualismo, destituido de espírito de sacrificio, tornando-se aglutinante social, o interesse pessoal que mantinha e movimentava tudo, com sacrificio da causa publica.

A acumulação de erros

Na avalanche de reformas que caiu sobre o País veio a supressão dos conventos, baseada nos excessos a que tinham chegado, e em razões de economia política moderna: não se vitalizou porém a Nação; a familia, o municipio e as corporações ou classes não se reorganizaram; e sempre o individualismo grosseiro, a que atrás me referi, a acentuar-se, depressa se adaptou ao novo estado político, substituindo-os pela mesa orçamental, a que comodamente se sentou.

As chamadas organizações partidárias, transformaram-se em clientelas; a propaganda política fez-se através de favores pessoais e o mal estar nacional continuou a agravar-se. Suprimiram-se concelhos, e não se criaram municipes, e em todos progressivamente mais se acentuava a falta de civismo, criando-se um estado de desagregação e revolta, que conduziu á supressão do regime monárquico.

A revolução de 1910 não nos trouxe a regeneração dos costumes políticos e, como as mesmas causas têm de produzir os mesmos efeitos, apenas nova adaptação se deu, quanto ao caracter personalista da nossa política, continuando o regime individualista.

Foi unica diferença o acentuar-se o predomínio duma facção sobre as restantes, e para ela se orientou o maior numero dos ambiciosos que, despidos de ideal político, progressivamente mais a materializavam.

O aspecto da Nação era desolador; ela, convulsa perante a luta das facções, sofria moralmente e arruínava-se materialmente. Com a sua rêde de estradas arruínada, impossibilitada de construir outras, os rios e os portos açoreados, o exército desarmado, a marinha sem navios, a moeda sem poder de adquisição interna, e a constituir vergonha quando a exibíamos no estranjeiro, as autarquias locais arruínadas, estacionando, e, sob muitos aspectos, retrogradando os centros populacionais, e a tudo presidindo um Parlamento, onde as facções perdiam o tempo, degladiando-se em volta de objectivos pessoais ou de partido.

Durante o constitucionalismo monárquico, como durante o liberalismo republicano, várias tentativas de reacção foram tentadas, através da forma ditatorial. Provindas geralmente dum partido, vieram sempre eivadas do vício da origem e, todas resultaram efemeras, e até algumas antes contraproducentes, porque mais quiseram servir o partido que a Nação, ou foram impedidas de bem a servir.

Foi esta a genese do movimento de 28 de Maio que, partindo do Exército, deixou á margem os partidos, agindo como força representativa da Nação, porque de todas as suas parcelas, ou antes, classes, ele provém.

Vão pasasdos mais de 6 anos depois que o movimento eclodiu, sendo indispensável constatar quais os seus efeitos.

A regeneração

Indeciso nos primeiros passos, tomou directivas definidas quando se socorreu do professor dr. Oliveira Salazar, entregando-lhe o departamento das Finanças e pôs a sua disciplina mental, ao serviço do Governo. Sempre alicerçado no Exército, representante da Nação, liberto dos personalismos políticos, que aglutinavam as facções partidárias, obtida a ordem através da dominação de várias tentativas de desordem, cultivadas sistemáticamente as autarquias locais, encontramos uma situação financeira de equilibrio orçamental, e saneamento de contas, quási unico no Mundo, a moeda estabilizada, dando-nos igualdade de poder de aquisição interna, e respeito quando a exibimos no estranjeiro; a rêde de estradas, não só reparada, mas ainda acrescentada, os rios e portos em inicio de desassoriamento, o Exército disciplinado e melhor armado e municiado, a Marinha com a garantia de brevemente dispôr de navios, cujo pagamento se antecipa, ao envés de se protelar.

O meio circulante, antes absorvido quási exclusivamente pelo Estado, através do Banco de Portugal, Caixa Geral de Depósitos e Bilhetes de Tesouro, é presentemente mais facultado ao trabalho nacional em taxas de juro, que, se ainda são altas, traduzem diferenças que vão até 50 % do que antes se pagava, e com que proliferavam os usurários.

Tivemos de suportar sacrificios? Indubitavelmente; mas porque a tempo pôde conseguir que a bola de neve, símbolo da nossa ruína, há muito em marcha do alto do monte e constituindo já avalanche, que despedaçaria a Nação irremediávelmente, pudesse ser travada eficazmente, o devemos abençoar. Bem merece de nós todos, quem no-lo impôs, e tão patrióticamente o utilizou. E se tal travão não tivesse accionado em que situação estaríamos hoje, com que sacrificios nos teríamos de defrontar? Que nos respondam os homens bons que me ouvem, devidamente ponderado o assunto.

Hoje, mantido na gerencia da pasta das Finanças, e elevado á presidencia do Governo, mais eficazmente póde presidir e dirigir o complemento da sua obra nacional, dando-lhe alicerces que a façam perdurar.

E' o que se pretende com o Estatuto novo, que chama a força civil a agir, escudada sempre no iniciador restauracionista, o Exército, guarda vigilante da Nação, mas com função própria, a que deve regressar.

Assenta esse Estatuto na expurgação dos erros cometidos na ligação do presente com as sãs tradições do passado, e apurado que no culto da familia, na instituição concelhia e no reforço das corporações, tivemos cadinho depurador de que saíu a raça forte que fomos, a ele regressar ligando-o e completando-o com as necessidades impostas, ou criadas, pela civilização presente, dando-nos garantia de melhores dias, e um Portugal maior dentro do qual, todos caibamos, penitenciados dos erros do passado.

São estes os principios basilares do Estatuto constitucional, em consulta plebiscitária, a determinante da minha aceitação do Estado Novo que é fundamentalmente um Estado diferente, feito do aproveitamento do que nos fez bons, a familia, as corporações e os concelhos.

E que significado tem para nós, alentejanos, a nova organica nacional á luz do que nos proporcionou o regime sustado?

Já me confessei regionalista, careço, por isso, de me pronunciar também como alentejano. Psiquicamente dotado dum feitio excessivamente independente, é o alentejano dificil de arregimentar, e consequentemente inapto a manter-se na facção política personalista; e daí proveio a sua fraca representação nos quadros dos políticos dominantes, na avalanche do funcionalismo, na comparticipação dos melhoramentos publicos.

Poucas estradas, poucos e maus caminhos de ferro, poucas escolas, falta de correios e telégrafos, e ausencia constatada de todos os melhoramentos locais.

Criada a presente situação de independencia dos partidos, mais larga participação nos melhoramentos estadoais, e entregues os seus concelhos, não aos representantes dos partidos, mas a grupos de homens seleccionados entre os bons da respectiva região, por toda a parte se sentindo uma acção renovadora e progressiva.

Fomos enjeitados, durante o domínio do liberalismo individualista, rigorosamente lembrados para pagar, eramos, sistematicamente esquecidos, para receber.

Um criterio de justiça

Deu-nos a situação outro critério de justiça, temos a nossa rêde de estradas reparada, outras novas recentemente construidas, novas pontes e um inicio consolador de melhoramentos por muitas localidades, o que é indicio seguro de que melhor está sendo servido o nosso Alentejo, e porque muito lhe queremos, com dedicação devemos defender o Estado diferente, em que vivemos há 6 anos, dando toda a sanção e apoio ao Estatuto que se propõe consolidá-lo, sobre a égide do homem que, felizmente, pudémos ir arrancar ao sossego do seu gabinete de estudo, para, sem ambições pessoais, vir servir-nos e á Nação.

Compreenderam V. Ex.as, espero-o, como principiei por desconfiar do termo Estado Novo e acabei não só por o aceitar, mas até, vencendo o meu natural acanhamento, atrever-me a fazer, não só a sua defesa, mas ainda a sua confiada apologia.

Definido o primeiro termo de tema que aceitei, resta-me abordar o segundo e bem interessante no momento que passa, a «reforma agrária», subordinando-a a sua ligação com o estatuto do Estado Novo.

Muito se fala presentemente em reforma agrária, o que para muitos traduz apenas a busca de uma forma que melhor arrume a distribuição da terra em termos de bem servir a economia nacional, em objectivo ainda de resolução da questão social, trazendo para a barricada da ordem, consequência dos que possuem a terra, o maior numero. Neste critério todos nós enfileirariamos, respeitados, como é evidente, os interesses legitimos.

Pretendem outros, ideologos duros ou especuladores contumazes, entregar a terra em regime colectivo, abolindo a propriedade privada, que não admitem.

Querem ainda alguns, dentro da mesma regidez, ou do mesmo propósito especulador, derruir o direito alheio, e fazer da terra distribuição individual por todos, ou mais própriamente por todos aqueles que ao cultivo da terra se encontram ligados. Alvitram e pretendem praticar outros, que se limite o direito de propriedade, pelo critério da superfície máxima, distribuindo toda, a que a exceda, pelos habitantes do campo não proprietários.

Referindo-nos já á segunda e terceira modalidade, temos que dela se fez largo uso na Russia, por parte de Kerenski, quando derruido o império czarista, se pretendeu criar nos camponeses, mujiks tornados proprietários, a barreira impeditiva de qualquer tentativa imperialista. Foi mais uma formula política, que se focou do que uma reforma económica que se tentava.

Fragmentou-se assim toda a enorme propriedade pertença dos antigos senhores, constituindo latifundios sem fim, e igualmente se dividiu a propriedade comum, em larguissima representação no regime fundiário russo.

Efemera a dominação de Kerenski, foi substituido pela dominação comunista de Lenine, que nos camponeses encontrou os seus maiores opositores, porque não queriam, e ainda hoje não querem, ver-se desapossados dos bens, que lhes outorgou a primeira revolução.

Deslumbrados com essa posição de proprietários, têm pago com lágrimas de sangue a defesa do reduto outorgado, encontrando-se hoje na situação mais trágica que ainda atravessou qualquer classe trabalhadora.

As alternativas da batalha para os desapossar, traduzindo-se por mudanças frequentes de atitude, dos detentores da força, que, quando se vêem forçados a assumir aparencias de transigencia, com a situação criada, antes preparam novas e mais fortes arremetidas, em que as execuções abundam, e áqueles faz ver, como unico refugio, a expatriação.

Essa mesma lhes é trágicamente impedida, e quando o gelo lhes permite a passagem do Dniester, lá mesmo, os espera a espingarda do soldado vermelho, que impiedosamente os fuzila.

Estranho país a Russia, que, pretendendo ter implantado o regime da máxima democracia, através do dominio do proletariado, reduziu, este, á mais autentica escravidão, só excedida pela tirania imposta aos representantes das antigas classes dominadoras do império.

Abstraindo do que nos dizem os livros e jornais escritos pelos actuais representantes do poder, elucidados, porém, pelos observadores imparciais e até pelo que o cinema nos patenteia, em propósitos de propaganda do paraiso soviético, quantas contradições se nos deparam em cada dia.

Anti-militaristas e propugnadores da paz, surpreendem-nos pela opulencia dos seus organismos militares, desvendando um militarismo progressivo e capaz de todas as agressões.

Comunistas puros, inimigos por isso de todo o capitalismo, namoram os capitais estranjeiros através do argumento sugestivo do maior juro e oferta das máximas garantias. Prontos, sem duvida, a mais uma vez defraudarem a boa fé dos contratos na prática já seguida de cancelarem as dividas.

Ultimamente como travão á improdutividade do trabalho colectivo, a-pesar-de todos os rigores já postos, rodearam de uma apertada rêde de espionagem todos os trabalhadores industriais ou agrícolas, que têm sempre presente o pelotão de execução, que lhes terá tornado saudosos, até os desterros czaristas para a Sibéria, donde muitas vezes conseguiam voltar ou fugir, á luz das novas sanções, donde não há regresso possível.

A nossa organica agraria

Inimigos tenazes da familia, que bem sabem ser o reduto invencível, onde se têm esboroado os seus ataques á organização social presente, só focam os individuos que déla querem dissociar-se, na ansia destruidora, que os faz atacar ainda a religião, como capaz de fazer a aglutinação, dos que aberta ou tacitamente se lhes opõem, dentro das próprias fronteiras.

Que o Mundo civilizado lhe conheça os propósitos e os processos, para que o sentimento natural de defesa, o conjugue para a libertação da ameaça de um regime que, afinal, a grande maioria arruína, aristocracia, burguesia e trabalhadores, em proveito do dominio de uma pequena minoria. As reformas agrárias, como os dominadores da Russia as têm preconizado, maximas na ultima modalidade comunista, são simplesmente de inspirar repulsa, até porque não representam finalidade própria, mas meio de dissolução e ruína. Como forma de ataque á instituição fundamental da sociedade, a familia, é mais uma prova de que, no fortalecimento desta, temos de procurar a consolidação do relativo bem estar presente.

Sociologos eminentes têm demonstrado que a supremacia das raças anglo-saxonicas, provem da sua melhor organização familiar, e que a decadencia da raça latina, deriva do respectivo afrouxamento.

O estatuto do Estado novo, já o disse e aqui o repito, tendo como alicerce maximo a familia, tem por esse mesmo facto, razão decisiva para a nossa aceitação.

Condenadas e por isso mesmo afastadas estas soluções que, tendo como caracteristicas, não a busca duma formula agraria construtiva, antes porem o encontro de um ariete destruidor do alicerce social maximo, a familia, porque lhe recusa a sua primeira necessidade, a propriedade, á volta da qual se agrupa, ha que constatar que tambem está, tem garantia e dignificação no projecto constituicional em consulta.

Qual é porem a nossa presente organica agrária, e de que reformas ou complementos coordenadores carece?

Reconhece a capacidade de proprietario a todos os portugueses, na salvaguarda que lhe dá a nossa legislação civil.

A mesma e uma só é, porem, esta, e apesar disso, auscultando o que se passa do norte ao sul do País, temos de constatar:

1.º — que no Norte conduziu á parcelação da terra, e no Sul á sua concentração;

2.º — que apreciando os resultados economicos de uma e doutra, mais inconvenientes têm resultado da excessiva pulverização, do que da concentração;

3.º — que esta conclusão é tanto mais frisante que, já se tendo imposto medidas legislativas de correcção á tendencia parceladora, outras têm sido publicadas tendendo á concentração;

4.º — que a parcelação das grandes propriedades, apenas se mantem, como simples aspiração, determinada, não por motivos de ordem economica, mas, sim de perto, por motivos de ordem social.

V. Ex.as conhecem as disposições fiscais impeditivas de parcelação de propriedades, abaixo de determinada superficie, e ainda a lei dos predios encravados.

Abandonando agora o critério corografico, para atendermos a outras circunstancias derivadas da coluna pluviometrica, significado hidrologico dos terrenos, etc., onde se encontra a propriedade de superficie [illegible] a predominar?

Nas regiões de coluna [illegible]

(Segue na 10.ª [illegible])

EM CELORICO DA BEIRA

A posse da comissão concelhia da U. N.

deu lugar a importantes afirmações politicas e a grandes manifestações de aplauso á Ditadura

CELORICO DA BEIRA, 10.—Conforme noticiámos, tomou posse nesta vila, no salão nobre dos Paços do Concelho, a comissão concelhia da União Nacional, que é constituida pelos srs.: Dr. Antonio de Pina, dr. José Osorio Cabral de Alarcão, dr. Augusto Lopes Furtado, José Joaquim Borges, Carlos Augusto Monteiro Osorio, Jaime de Albuquerque Andrade, Leopoldo de Almeida Ribeiro, padre Manuel Tavares Ferreira e Antonio José Gomes; vogais efectivos, professor Francisco Alexandre, Antonio Loureiro de Figueiredo, José Lopes de Almeida e José Augusto da Fonseca, substitutos.

Ao acto da posse compareceram além do sr. governador civil deste distrito e do sr. dr. Carlos Borges, distinto advogado e nosso prezado conterraneo, pessoas da mais elevada categoria social e politica, encontrando-se representadas todas as freguesias do concelho, por intermedio dos membros das comissões de freguesia da União Nacional.

O sr. governador civil deu entrada no salão acompanhado pelos srs. dr. Carlos Borges, administrador do concelho, membros das comissões da U. Nacional, etc.

Nesse momento foram levantados «vivas» ao sr. dr. Antonio Borges Pires, que correspondeu com entusiasticos «vivas» á Patria, ao Governo, á Republica e á Ditadura.

O discurso do sr. dr. Carlos Borges

Depois de lido o auto da posse fala o sr. dr. Carlos Borges.

Dirigiu as suas saudações a todos os presentes, expôs detalhadamente os fins da União Nacional e analisou a obra realizada pela Ditadura Nacional.

Orador eloquente e arrebatador, coerente entre afirmações e actos, o sr. dr. Carlos Borges, que sabe o que quere e para onde vai, pronunciou um discurso de elevada importancia politica, que arrancou aos assistentes vibrantes aplausos.

No final das suas palavras, o sr. dr. Carlos Borges foi muito felicitado.

O que disse o sr. D. José de Alarcão

Em seguida falou o sr. D. José de Alarcão, que pronunciou o seguinte discurso:

E' com a mais viva satisfação que eu tómo parte no acto de posse da nova Comissão da União Nacional de Celorico da Beira, satisfação essa tanto maior quanto é certo ter eu procurado contribuir, dentro dos limites das minhas forças, para a sua constituição, empregando nesse sentido o meu melhor esforço e toda a minha boa vontade.

E' em nome da Comissão que acaba de tomar posse que tenho a honra de falar, não para traçar com precisão um programa, mas tão sómente para dizer em linhas muito gerais qual a acção que lhe compete desenvolver; e espero que as minhas considerações traduzirão o modo de pensar e de sentir dos meus ilustres colegas.

Meus senhores: — Incumbe á Comissão da União Nacional mais dupla função.

Os dois aspectos que a sua actuação deve pois revestir são: o aspecto politico propriamente dito e o aspecto regional ou local.

Sob o ponto de vista politico deve a Comissão esforçar-se primeiro que tudo por criar á Situação um bom ambiente, uma atmosfera favorável, pela divulgação da obra da Ditadura, pela propaganda dos seus notabilissimos resultados. E' preciso fazer aos olhos deste bom povo, simples e rude, mas sincero também, o confronto eloquente entre o passado de decadencia e de desordem e o presente, que já é próspero e cheio de progresso. E' necessário que o povo de Celorico e do seu concelho compare a situação do País anteriormente a 28 de Maio de 1926, com aquela que hoje desfrutamos, e que saiba que Portugal progrediu, graças á Ditadura Nacional, nos ultimos 6 anos, mais do que nos 60 imediatamente anteriores.

Em 1926 não tinhamos estradas, os caminhos de ferro achavam-se desorganizados, os portos por conservar, o Exército não tinha material moderno e a Marinha não possuia senão meia duzia de navios destituidos de valor militar.

Além disso as nossas finanças achavam-se na mais terrivel das situações, as perturbações da ordem eram quási constantes e o descrédito externo da Nação era uma triste realidade; ao passo que agora tudo isso mudou: possuimos estradas esplendidas, algumas verdadeiras pistas; os caminhos de ferro foram dotados de material moderno, os portos estão em via de realização, o Exército já possui muito e excelente armamento, e a Marinha vai ter bastantes unidades modernas — não couraçados, que os nossos modestos recursos financeiros nos não permitem adquirir — mas sim navios de real valor militar, que irão mostrar a gloriosa Bandeira das Quinas aos afastados Continentes, onde se acham os restos ainda grandiosos do nosso opulento Império Colonial. A par de tudo isto, temos uma situação financeira verdadeiramente próspera, que é a admiração dos outros países — obra grandiosa do eminente homem de Estado, dr. Oliveira Salazar — a ordem reina nas ruas e nos espíritos e gozamos dum escepcional prestigio internacional.

Tudo isto, que é muitissimo, o devemos á Ditadura Nacional, e isso é que é preciso tornar conhecido do povo de Celorico através duma propaganda intensa.

Paralelamente com este trabalho há porém que organizar as forças da União Nacional, promovendo a inscrição nos seus quadros de todos os que estão ao lado da Situação, disciplinando esses elementos, imprimindo-lhes unidade e directriz, de modo a dar á União Nacional no nosso concelho a máxima eficiência.

E' preciso acabar com a lenda que se criou da grande força politica dos partidos — ou antes dum partido — no concelho de Celorico. Essa força, meus senhores, vivia sómente á sombra da nossa indiferença, da nossa apatia, da nossa falta de organização.

Este o aspecto politico da função que á Comissão da União Nacional compete desempenhar.

Sob o ponto de vista regional cabe porém á Comissão uma importantissima missão — e essa é que mais directamente interessa a este povo.

Meus senhores: — Por circunstancias de vária ordem e cuja responsabilidade eu não quero nem devo atribuir a quem quer que seja, o concelho de Celorico da Beira não tem beneficiado da obra benéfica da Ditadura; pode dizer-se que essa onda de progresso que tem inundado o País de norte a sul não chegou ainda aqui. Ora esta situação é necessário que acabe; urge realizar alguns dos melhoramentos que são a mais cara das aspirações desta terra. Para isso pode e deve a Comissão da União Nacional contribuir eficazmente, colaborando com a Camara Municipal, e dum modo geral com todos os bons amigos de Celorico, e pondo ao serviço de tão benemérita missão toda a sua influência e valimento politico. Se assim fizer bem terá a Comissão merecido o reconhecido agradecimento deste povo, que ele decerto lhe não regateará. Que o nosso lema seja, parafraseando a notável expressão do sr. dr. Oliveira Salazar — Tudo pelo concelho e nada contra o concelho.

Para cabal desempenho, porém, deste programa, que a largos traços deixo esboçado, forçoso se torna que se ponham de parte, e de vez, todas as divergencias ou discordancias, e que antes todos trabalhemos unidos com a maior dedicação e boa vontade para poder realizar-se o objectivo que temos em vista.

Meus senhores: — Não quero por mais tempo fatigar a benevolente atenção de v. ex.as.

Antes de terminar quero, porém, fazer duas saudações: A primeira é dirigida ao sr. governador civil deste distrito ,que, vindo assistir e presidir a esta sessão, bem merece os nossos agradecimentos e os cumprimentos que aqui lhe apresento.

Seguidamente eu quero saudar o sr. dr. Carlos Borges, filho ilustre desta terra, e que, pelas suas qualidades de caracter, pelo brilho da sua inteligencia e pela sua qualidade de advogado notável e eloquente, bem merece a consideração de todos nós.

Quis também sua ex.a empregar para a formação da Comissão da União Nacional, agora empossada, os seus valiosos esforços e todo o seu prestigio, o que é mais um motivo que o impõe ao nosso agradecimento.

Finalmente, meus senhores, eu proponho, em nome da Comissão, que sejam enviados dois telegramas: um ao sr. dr. Oliveira Salazar, ilustre presidente do Ministério e presidente da Comissão Central da União Nacional; e o outro ao sr. dr. Albino dos Reis, ilustre ministro do Interior e vice-presidente, também, da Comissão Central da União Nacional; a ambos enviando respeitosas saudações e assegurando o nosso firme e leal propósito de trabalharmos para o progresso da União Nacional e para o prestigio da gloriosa Ditadura Nacional.

As afirmações do sr. dr. José Crespo

Fala em seguida o sr. dr. José Crespo, que sauda o sr. governador civil e o sr. dr. Carlos Borges, lendo depois o seu discurso.

Começa por dizer que como membro da comissão distrital da União Nacional não podia deixar de comparecer ali, e, depois examinou a obra politica realizada, pondo em confronto o que fizeram os partidos politicos que antecederam a 28 de Maio, com o que fizeram os homens que têm governado o País depois daquele glorioso movimento. Cita as obras dos portos, telefones, estradas, caminhos e toda essa serie de melhoramentos que têm sido introduzidos no País.

Uma frase: — «Antigamente as estradas eram verdadeiros alçapões onde perigava a cada passo, a vida do transeunte. Hoje são verdadeiras salas de visitas, onde se pode andar sem receio».

Fala da maneira como os caciques eleiçoeiros conseguiram antes do 28 de Maio ganhar as eleições e termina o seu discurso por uma saudação ao estadista de renome mundial que é o sr. dr. Oliveira Salazar, a quem Portugal deve a sua salvação.

O problema do abastecimento de agua

O sr. Antonio Augusto Monteiro Osorio lê tambem o seu discurso principiando por citar a solução do problema da luz electrica, que do «deficit» permanente em que se encontrava, passou para o «superavit».

Referindo-se ao problema da agua, aspiração maxima do povo de Celorico da Beira, o sr. administrador do concelho diz:

—O abastecimento de agua á vila, é o problema municipal que sobreleva a todos em importancia. Sem agua não pode haver canos de esgoto e portanto higiene, o que é vergonhoso nem serviços de incendio, o que é pavoroso. Quando ha um incendio, o pavor apodera-se de todos nós, com a lembrança de que somos impotentes para o dominar correndo a vila o risco de ser destruida. Vive-se em constante sobressalto e o badalar do sino, em alta noite, anunciando um incendio, como dobre a finados, enche-nos a alma de terror.

Diz que actual comissão administrativa espera que o abastecimento de aguas á vila deixe em breve de ser uma utopia para se transformar em realidade, para o que será contraido um emprestimo de 250 contos, esperando-se que o Governo da Ditadura auxilie na medida do possivel a realização dêsse melhoramento. Dirigindo-se ao sr. governador civil, disse que praticaria um acto de ingratidão se não dissesse ali bem alto que encontrou em S. Ex.a um colaborador valioso da sua obra na Camara.

Terminou por saudar o sr. dr. Antonio Borges Pires e todos os membros da Comissão Concelhia da União Nacional, levantando-se então vivas á Patria, á Republica, á Ditadura, etc., que foram entusiasticamente secundados.

Fala o sr. governador civil, dr. Borges Pires

Finalmente levanta-se para falar o sr. governador civil.

Começa por explicar que a sua missão se encontra duplamente simplificada em virtude dos discursos proferidos pelos oradores que o antecederam.

O sr. dr. Antonio Borges Pires, que é um orador de frases brilhantes, alma aberta a todas as generosidades, de uma modestia e de uma lealdade a toda a prova, tendo por fanatismo a grandeza de Portugal, expõe claramente a obra da Ditadura salientando o facto de ultimamente ter resolvido pagar a pronto o aviso «Gonçalo Velho» do que resultou para o Tesouro uma economia de libras 11.639.

Põe em destaque as obras dos portos e a construção de estradas, fazendo ressaltar com galhardia o espirito de isenção com que foi resolvido o problema dos trigos, de que o sr. dr. Carlos Borges já se tinha inteligentemente ocupado.

Agradece as saudações que pelos oradores lhe foram dirigidas, e traça o perfil do dr. Carlos Borges, a quem a politica do País muito deve e de quem o concelho de Celorico muito pode esperar. Depois de agradecer ao sr. presidente da Camara, de quem é amigo velho, as palavras que lhe endereçou, afirmou que ia interessar-se ardentemente pelo concelho de Celorico da Beira, declarando que ia ser dada realização a algumas necessidades vitais de que anda carecido.

Fala da União Nacional, dizendo que é um organismo onde cabem todos, monarquicos e republicanos, desde que tenham como lema — *Bem-servir*.

Termina fazendo votos pelos progressos do nosso concelho.

O discurso de S. Ex.a, de que isto é apenas tenue esboço, foi entrecortado por prolongadas salvas de palmas e por *apoiaos constantes*. No final foram levantados vivas ao sr. Presidente da Republica, ao sr. dr. Oliveira Salazar, ao Governo, á Patria e á Ditadura Militar, os quais foram unanimente correspondidos.

Os vivas e as palmas sucederam-se, até que o sr. governador civil, acompanhado por muitas pessoas, se retirou, a fim de assistir á primeira reunião da Comissão Concelhia.

A seguir, foi assinado o auto de posse por todos os assistentes.

EM SABROSA

Uma sessão de propaganda do Estado Novo

VILA REAL, 10.—Ontem realizou a Comissão de Propaganda da União Nacional do distrito de Vila Real mais outra sessão em Sabrosa presidida pelo sr. governador civil do distrito dr. Montalvão Machado. Sua ex.a dirigiu-se para aquela vila acompanhado do presidente da Camara de Vila Real sr. dr. Roque da Silveira; tenente-medico sr. Fernando Martins, governador civil substituto, dr. Sebastião Claro, capitão José da Luz e Alberto Passos.

Eram aguardados á entrada da vila pelas autoridades locais, corporação dos bombeiros, com a respectiva banda de musica e milhares de pessoas que aclamavam entusiasticamente a Ditadura, o Governo, Sua Ex.a o Presidente da Republica e o sr. governador civil.

Posto o cortejo em marcha prosseguiram as manifestações e as senhoras das janelas lançavam flores á passagem do chefe do distrito. Chegados ao teatro onde se realizou a sessão foi novamente o sr. governador civil muito ovacionado, tendo as senhoras dos camarotes lançado flores. Tomando a presidencia o sr. dr. Montalvão Machado convidou para secretarios os srs. Antonio Pessanha e José Maximiano Correia de Barros.

Usaram da palavra os srs. administrador do concelho, reitor Sotto Maior; dr. Roque da Silveira, dr. Armando do Amaral, padre Saavedra e por ultimo o sr. governador civil.

Todos os oradores focaram a obra da Ditadura e afirmaram que votar a Constituição era aprovar a sua obra. Expuseram varias passagens da Constituição dizendo que todo o povo devia acorrer em massa no proximo dia 19, ás urnas, para votar.

Seguiu-se um «Porto de Honra» no salão nobre da Camara Municipal, o qual deu ensejo á troca de brindes amistosos, realizando-se depois uma visita á sede da corporação dos Bombeiros Voluntarios findo o que o chefe do distrito, com a sua comitiva, regressou á capital do distrito, tendo feito uma pequena paragem em casa do sr. dr. José Moreira de Carvalho, importante capitalista na povoação de S. Martinho de Anta.

Foi mais uma jornada gloriosa para a Ditadura, tendo-se afirmado o carinho, a fé e a simpatia com que o povo do concelho de Sabrosa via o Governo da União Nacional e as suas autoridades.

Dr. Leal de Faria

A tratar de assuntos de interesse para o concelho de Felgueiras, esteve nos Ministerios do Interior e Instrução, na Junta Autonoma de Estradas e Direcção Geral dos Correios e Telegrafos, o sr. dr. Leal de Faria, presidente da Camara Municipal de Felgueiras.

João Penim

Com o fim de adquirir as ultimas novidades para a proxima estação de verão, partiu, ontem, no «sud-express» para Paris o nosso particular amigo sr. João Penim socio gerente da Casa Penim.

MÚSICA

Viana da Mota no Estoril

Realiza-se na noite de 15 do corrente, ás 22 horas, no salão de festas do Casino-Estoril, um concerto de gala, em que tomam parte o eminentissimo artista Viana da Mota, o violinista Paulo Manso e o violoncelista Fernando Costa. O grande pianista Viana da Mota realizou ha dois anos, em união dos dois outros artistas, o ciclo de Beethoven, sendo por isso especialmente sensacional o facto de agora, neste concerto, voltarem a colaborar.

Os bilhetes para este extraordinario concerto estão já á venda na Casa Sassa de Lisboa, e no Casino-Estoril.

Secção Radio

DIA 12

As emissões práticamente audiveis em Portugal, pela maioria dos receptores, por ordem do numero de metros de onda e «Kilociclos», são as seguintes:

Londres nacional—261 m.—1.148 kc. —65 kw. Turim — 273 m.,—1096 kc.— 20 kw. Estrasburgo — 345 m.—869 kc. 8,5 kw. Bordeus — 304 m. — 986 kc. —17 kw. Barcelona — 348 m. — 860 kc. — 8 kw.

Londres regional — 356 m. — 842 kc. — 76 kw. Argel — 363 m. — 825 kc. — 15 kw. Tolosa — 385 m. — 778 kc. — 8 kw. — Suiça Italiana — 403 m. — 743 kc. — 25 kw. Roma — 441 m. — 680 kc. — 50 kw. Langenberg — 472 m. — 635 kc. — 75 kw.

AUDIÇÕES EM DESTAQUE

LISBOA, ás 12,30 h., C. T. 1 D H.
A's 15 h., C. T. 1 G L.
A's 18 h., C. T. 1 D S.
A's 21,30 h., C. T. 1 G L.
A's 22,20 h., C. T. 1 B O.

ESTAÇÕES DE EXTRA-CURTAS

* Império	31,50 m. — 49,60 m.
Rio de Janeiro, PREB	31,58 m.
Schenectady, W2XAF	31,48 m.
* Zeesen, DJA	31,38 m.
* C. T. 1 A A	31,25 m.
Pontoise-Rádio Colonial,	25,60 m.
Pittsburg East, W9XAA	25,25 m.
* Roma, 2RO	25,4 m.
Schenectady, W2XAD	19,56 m.

(O asterisco indica as que se ouvem melhor).

Azeite
SAFIL
fonte limpa

ELEGANCIAS

OBRAS DE CARIDADE

CHÁ MAH-JONG

E' esta tarde, que se realiza nos salões do Avenida Palace, o anunciado «Chá Mah-Jong» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, leva a efeito a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio.

Haverá tambem mesas para «Bridge» e «Bluff».

Pelo grande numero de mesas marcadas, tudo nos leva a crer que a tarde de hoje no Avenida Palace, vai decerto marcar pela elegancia.

NO CAPITOLIO

O programa elaborado pela brilhante escritora sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros Ferro, para a interessante «matinée infantil» de caridade, que na tarde de amanhã, se realiza no salão do Capitolio, no Parque Mayer, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor do Primeiro Parque Infantil, será constituida pela exibição de filmes, e de varios numeros de variedades, entre os quais figuram palhaços, prestidigitação e fantoches.

No intervalo haverá «merenda», durante a qual se fará ouvir um excentrico «Jazz-band».

Os bilhetes para esta linda festa dão direito a entrada a 2 crianças, cada criança a mais 5$00, e vendem-se na Casa Bobone, rua Serpa Pinto, telefone 27721, ou no camaroteiro do Capitolio, no Parque Mayer.

BODAS DE PRATA

Festejando as suas bodas de prata, vinte cinco anos de casados, ofereceram ante-ontem na sua elegante residencia, á Avenida Duque de Avila, uma festa, que revestiu um caracter de muita intimidade, a sr.ª D. Leonor Bensaude Lemoine Branco e comandante sr. Fernando Branco.

CASAMENTOS

Na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se, o casamento da sr.ª D. Maria Dulce Mottilli Botelho, gentil filha da sr.ª D. Dalila Mottilli e do sr. Vasco Carlos do Rego Botelho, com o sr. Pedro de Freitas, filho da sr.ª D. Belmira Berta da Camara Rodrigues e do sr. José Izidoro de Freitas.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos os srs. José Francisco Monteiro e Antonio de Freitas.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de artisticas prendas.

DE VIAGEM

Partiu do Porto para Entre-os-Rios a sr.ª viscondessa Borges da Silva.

——De Braga regressou á sua casa no Porto, o sr. José Sales de Sousa Lima.

——Para Valdigem partiu do Porto o sr. José Domingos Bastos.

DOENTES

Retirou da Casa de Saude da Familia Militar, á Estrela, completamente restabelecida, da operação a que se sujeitou nessa Casa de Saude; feita com muito êxito pelo ilustre cirurgião militar sr. dr. Bastos Gonçalves, a sr.ª D. Maria Andrade de Aguiar Ferreira, esposa do sr. capitão Aguiar Ferreira.

——No Hospital da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, hospitalizaram-se a sr.ª D. Laurinda Ramos os srs. Manuel de Oliveira Neto, Joaquim Coelho e padre Antonio da Silva Rosario.

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Maria de Magalhães e Meneses Pinho de Almeida, D. Maria Amelia de Ferreira Lima Camelo Lampreia, D. Julia Pinto Leite, D. Maria José Anjos Deniz, D. Maria Dorotea Pereira de Lacerda, D. Maria Inez Dotti, D. Maria Fernanda de Lisboa Oliveira Dores, D. Honorina Seabra Vieira, D. Julia Fino de Sousa Taveira Pinto e a menina Maria Albertina Carvalho de Oliveira Carmo,

E os srs.:

D. João Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Pedro O'Neill de Avilez, dr. João Korth, Raul Gilmann, Manuel Valente Braamcamp de Matos, Armando Vilar de Sousa (Bolhão), Julio Sena de Castro Ribeiro, Marius Gaillard, e Joaquim Leite de Bessa Pinto.

Hospitalização de doentes

Diarias de 20$00 e 35$00 em enfermarias e quartos particulares no ponto mais central de Lisboa.

V.el Ordem 3.ª de S. Francisco da Cidade

R. SERPA PINTO, 33, ao Chiado
Telef. 25235

CINEMA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«Os Seis Misteriosos», no Ginásio

Depois da serie de filmes em que as proezas dos «gangsters» e grupos afins, como os «racketeers» e os «bootleggers», essa complicada fauna que a lei de Volstead trouxe ao continente americano, eram focadas, quasi exaltadas até, outros vieram em que a defesa da sociedade contra esses bandos, a caça a esses criminosos, constitui o assunto basilar dos seus argumentos.

Tal foi, entre muitos outros filmes ineditos entre nós, o caso de «Fera da Cidade», há tempos exibida, como o é, agora, com «Os Seis Misteriosos», ou seja uma sociedade secreta formada por individuos de elevada posição social, empenhada em fazer desaparecer, em determinada grande cidade, o dominio dos «gangsters».

George Hill, lançando mão dum tal argumento, deu-nos um filme vigoroso e sobrio, em que a atmosfera tipica onde a acção está situada foi por ele traçada com segurança e justeza, conduzindo acertadamente o desenvolvimento de todo o filme.

Dos seus interpretes conseguiu ele, tambem, uma esplendida actuação, duma grande unidade e relevo.

Wallace Beery, hoje, sem duvida, um dos maiores artistas do cinema americano, tem em *Scorpio*, o chefe dos «gangsters», uma interpretação admiravel pela maneira como compôs e viveu esse personagem. A interessante Jean Harlow, Lewis Stone, com uma magnifica actuação, e Clark Gable completam, com acerto, o resto da distribuição de «The Secret Six».

F. R.

CARTAZ

S. LUIZ—A's 15,30 e 21—«Ama-me esta noite»
TIVOLI — A's 21 — «Sangue vermelho».
GINASIO—A's 21,30—««Os 6 misteriosos».
CENTRAL — A's 21,30 — «Não quero saber quem és...»
«Matinée» ás 15 horas.
CONDES—A's 21,15—«Os Três Mosqueteiros».
OLIMPIA—Das 14,30 ás 24 — «O Deserto da Morte», «Ingaghi», Casa Desfeita» e «Almas do outro Mundo».
CHIADO TERRASSE — A's 21—«Uma canção, um beijo e uma mulher» e «Ouro e Polvora».
ROYAL—A's 21,30—«Anny na escola» e «Na pista do ouro».
CAPITOLIO—A's 21—Cinema e variedades.
ODEON—A's 21—«A Grande Parada».
LYS—A's 21,30—«Arséne Lupin» e «Boemios».
PALACIO—A's 21,30—«A Grande Parada».
JARDIM-CINEMA—A's 21 — «O Principe da Arcadia».
PARIS-CINEMA — A's 21,15 — A «Ultima Noite» e «Laurel e Rardy em Marrocos».
EUROPA-CINEMA—A's 21—«Codigo Penal» e «Precisa-se de um filho».
PALATINO—A's 21,30— «Pamplinas milionario».
VOZ DO OPERARIO—(cine)—Aos domingos «matinée» e «soirée» e ás quintas e sabados «soirée»
PROMOTORA — A's 21.30— «Pamplinas Milionario».
SALAO IDEAL—Rua do Loreto.
EDEN CINEMA—A's 20 e 22—«Codigo Penal». A's segundas, quintas, sabados e domingos ás 21,30.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição de animais.

CONDES

Os Três Mosqueteiros

UM SUCESSO MONSTRO

Sindicato dos Operarios Distribuidores de Pão de Lisboa

Reuniram-se, ante-ontem á noite, os corpos gerentes do Sindicato dos Operarios Distribuidores de Pão do districto de Lisboa, juntamente com a comissão de melhoramentos. Depois de ventilados alguns assuntos de ordem intima, foram apreciadas as «demarches» feitas junto do sr. sub-secretario de Estado da Agricultura, que prometeu tomar em consideração as reclamações da classe, principalmente na parte que se refere á forma como o pão é fornecido aos distribuidores, donde resulta serem estes perseguidos por uma intensa fiscalização, quando os verdadeiros responsaveis das fraudes são unicamente os industriais.

MARÉS — Dia 11

PREIAMAR: manhã, ás 2,30; tarde, ás 15,00. BAIXAMAR: manhã, ás 8,20; tarde, ás 20,30.

PELO TEATRO

O «Senhor Roubado» no Avenida

Antonio Palma escolheu para a sua festa artistica a conhecida peça de Chagas Roquete «O Senhor Roubado». E bem escolhida foi a hilariante comedia, que o publico acolheu, como na primeira hora, com vivos e expressivos aplausos.

De facto «O Senhor Roubado» àparte uns pequenos retoques sobre equivalencia de dinheiro, podia ter sido escrita hoje e deve de ficar no arquivo das nossas comedias, como afirmação de boa graça portuguesa—aquela graça (não é demais insistir) esfusiante de palavras e de tipos que contrasta com a graça de trocadilhos, de importação francesa, e com o *imbroglio* de situações á maneira italiana ou espanhola.

A comedia de Chagas Roquete como tantas outras da sua categoria, que deveriam de ser repostas, é modelar no genero, como elabulação, como espirito, como recorte impressivamente pitoresco dos personagens, como reconstituição caricatural do meio.

*

A recita de ontem teve tambem a novidade da reaparição de alguns dos primitivos interpretes. Lá estava *Virginia Fonseca*, uma simpatica velhinha que ha muito dobrou o cabo dos setenta e que representou o seu papel com uma segurança, uma frescura de de memoria, um intencional à vontade dignos dos maiores aplausos. Lá estava *Hortense Luz*, um nome feito e que sabe bem ver nos palcos de comedia, onde deixara justificadas saudades.

Lá estava *Mendonça de Carvalho*, num gesto de simpatica solidariedade. Lá estava *Joaquim Semedo*, no impagavel Henriquezito, de uma tão expressiva comicidade.

Uma casa cheia. Fartos aplausos. Um espectaculo que fez rir a bom rir.

J. F.

A festa dos camaroteiros do Avenida

E' amanhã com a ultima e definitiva representação do «Noivo das Caldas» a hilariante comedia de João Bastos que figura no cartaz do *Avenida* ha mais de dois meses, que fazem a sua festa os simpaticos bilheteiros do *Avenida*.

Em fim de festa, anuncia o programa algumas interessantes surpresas.

S. Carlos

O publico continua a acorrer ao Teatro de S. Carlos para assistir á representação da comedia «Os hospedes da D. Epifania», cujo entrecho original é dos mais curiosos. Além disso a peça é cheia de espirito, o que leva os espectadores a romperem em gargalhadas da 1.ª á ultima cena.

CARTAZ

NACIONAL—A's 21.30—«O homem das calças pardas». e a zarzuela «El baile de Luiz Alonso».
S. CARLOS—A's 21,30 —A comedia «Os hospedes da D. Epifânia».
TRINDADE—A's 20.30 e 22,30 — A revista «Las Leandras, pela Companhia Espanhola «Eslava de Madrid».
POLITEAMA— ás 20,30 e 22,30—A opereta «A Viela dos Gatos».
AVENIDA—A's 21.30 — A revista «O Noivo das Caldas».

S. CARLOS

HOJE, ás 21 e 30

A representação da comedia triunfante

Os Hospedes da D. Epifania

O maior exito de gargalhada

DESORDENS E AGRESSÕES

O crime da Ponte de Chelas

O agente Jeronimo, da P. I. C. terminou ontem as diligencias, acêrca da morte do taberneiro José Martins Muralha, que há dias, quando seguia com dois individuos pela ponte de Chelas, foi empurrado por um deles de nome Manuel Nunes Cachucho, conforme temos noticiado.

O Cachucho que se encontra preso no Torel, foi ontem interrogado, declarando que empurrara o Muralha, depois de uma forte discussão entre ambos.

A Policia aguarda o relatorio do Instituto de Medicina Legal, a fim do Cachucho ser enviado ao Tribunal da Boa Hora.

Cena de pancadaria

Receberam curativo, de ferimentos varios na cabeça os trabalhadores José de Almeida, de 25 anos, Azinhaga do Carrascal 149; Manuel Felipe, de 20 anos, rua B. á Picheleira, A J. e Ricardo da Silva, de 28 anos, rua de Santa Cruz ao Castelo, 74, 1.º, os quais se envolveram em desordem com outros companheiros de trabalho, numa obra onde todos trabalhavam, na estrada da Picheleira.

Por desobediencia

Foram presos Saul Gomes Nunes, de 20 anos, distribuidor de leite, morador na rua Luz Soriano 26 r/c por desobediencia á Policia e tentativa de agressão.

DESPORTO

LAWN-TENNIS

Foi adiado o torneio internacional do Estoril, que estava marcado para hoje

Foi adiado para 19 do corrente o inicio do torneio internacional de «Tennis» do Estoril, que estava marcado para hoje. As chuvas a isso obrigaram e o adiamento deve favorecer muito o torneio, principalmente nas inscrições, pois que se aproveita para prolongar o respectivo prazo, que fica agora até 15 do corrente. As taxas são de 20$00 para as provas individuais-senhoras e indidividuais-homens e de 30$00 para as provas pares-senhoras, pares-homens e pares-mistos, fazendo-se a inscrição, no Estoril, nas Termas, por intermedio de José Torok, e em Lisboa, nas Laranjeiras, no Clube Internacional de Foot-ball.

Enquadrado nas provas disputar-se-á o campeonato de inverno do Estoril.

O «DIARIO DA MANHÃ» — vende-se em Tomar — na sua sucursal —

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Tendo brevemente de ser desocupados os covais que serviram durante o mês de Fevereiro de 1928 e que compreendem as sepulturas n.os 763 a 1026 (adultos) e n.os 152 a 283 (menores) do 1.º Cemiterio (Alto de S. João); n.os 1794 a 1797 (adultos) e n.os 606 a 637 (menores) do 2.º Cemiterio (Prazeres); n.os 5923 a 6046 (adultos) e n.os 4107 a 4190 (menores) do 3.º Cemiterio (Ajuda); n.os 12594 a 12733 (adultos) e n.os 6341 a 6369 (menores) do 4.º Cemiterio (Benfica); n.os 7669 a 7678 (adultos) e n.os 13 a 24 (menores) do 5.º Cemiterio (Olivais); n.os 2842 a 2878 (adultos) e n.os 657 a 693 (menores) do 6.º Cemiterio (Lumiar), a Comissão Administrativa assim o faz constar ás pessoas interessadas, para que até ao dia 31 do corrente mês façam a remoção das ossadas para jazigos ou ossarios municipais.

Igualmente avisa as familias dos finados que foram depositados nos ossarios municipais dos cemiterios, durante o mês de Fevereiro de 1932, para que até ao indicado dia 31 do corrente mês renovem a importancia das reformas dos respectivos compartimentos ou transfiram para outro local os referidos cadaveres.

Lisboa e Paços do Concelho, em 7 de Março de 1933.

E eu Joaquim Kopke, Chefe da Secretaria o subscrevo.

O Presidente da Comissão Administrativa,

(a) *Henrique Linhares de Lima.*

AS HEMORROIDAS

Um dos maiores flagelos da humanidade é sem duvida as hemorroidas, ela são a origem de graves perturbações intestinais e provocam por vezes insuportaveis dores na região lombar e da cabeça, especialmente no inicio de crises graves. Para evitar esse terrivel incomodo usae sem perda de tempo O ADRENAL que prontamente fará cessar as dôres por mais violentas que sejam: pára as hemorragias e reduz os tumores. Uma ou duas aplicações do ADRENAL bastam para vos assegurar um repouso tranquilo. O ADRENAL é recomendado pelos mais distintos clinicos, de preferencia aos produtos similares estranjeiros, não só pela sua esplendida composição como tambem pelos benéficos resultados obtidos nos seus doentes. Estes, graças ao ADRENAL, puzeram de parte a idéa de se operarem, e de outros tratamentos dolorosos.

DEPOSITO GERAL

FARMACIA OLIVEIRA — Rua da Prata, 240 — Lisboa

USE E ABUSE DO Espumante Alentejano

A' VENDA

Mercearia TAVARES (Rua da Prata)—Confeitaria ROSA ARAUJO (Rua S. Nicolau) — Gremio Alentejano (Eugenio dos Santos) e em todas as boas casas

Representante — GILBERTO SEQUEIRA

R. DOS DOURADORES, 150, 1.º Telefone 2 6713

São Luiz

TELEFONE DA BILHETEIRA 22172

O maior de todos os exitos

MAURICE CHEVALIER

e Jeanette MacDonald em

Ama-me esta Noite

TIVOLI

apresenta

Clara Bow

no filme da Fox

Sangue Vermelho

Uma nova Clara Bow!

Uma Clara Bow transfigurada num filme que se assemelha á historia da sua vida

UMA MAGNIFICA SESSÃO DE PROPAGANDA

(Continuação da página central)

ca elevada e, sobretudo, com regular distribuição de chuvas, e onde a abundancia de nascentes estimula as culturas irrigadas.

E nestas mesmas, desde que se sai dos terrenos baixos, mais capazes de armazenar humidade, ou onde os terenos irriguos abundam, surge-nos logo a encosta, e até o planalto, em regime de baldios sem fim, de fraco ou quasi nulo aproveitamento economico.

Onde se encontra a media, ou mesmo a grande propriedade, com caracter acentuado?

Nas zonas de baixa coluna pluviometrica, e quando mesmo media ou alta, sempre formada por um regime irregular de chuvas, torrenciais umas vezes, escassissimas outras, onde faltam as nascentes, capazes de formarem superficies culturais, em regime de regadio. E nestas mesmas tem de constatar-se que a propriedade é media ou grande, conforme se acentuam, ou falecem, as condições naturais de fertilidade do terreno.

E outra constatação tem de fazer-se, e é que nelas desaparece a charneca, porque o grande e medio proprietario, toda desbravou, muito embora utilizando-a em culturas pobres, porque os seus recursos lhe permitiram imobilizações demoradas.

Só ha pois que concluir que na formação do regime da propriedade tem função quasi insignificante a lei directa, e são factores dominantes as suas condições de productividade, e regime de aguas pluviais ou subterrancas.

A reforma agraria deve assentar nas condições economicas da terra

Reformas agrarias que apenas provenham de uma ideologia, não assentando nas condições economicas da terra, são condenadas ao insucesso.

Ausencia de reformas decretadas, mas modificação consciente das possibilidades de cultura, muito principalmente através do abastecimento de agua para rega, conduz invencivelmente ao parcelamento que logo se adapta á resolução dos restantes problemas, demografico e social.

Recentemente a Romenia pretendeu reformar o seu regime agrario, promovendo o parcelamento de extensas propriedades. Apesar das condições de excepcional produtividade deste paiz, porque se esqueceu das observancias daqueles principios, toda a região parcelada decaiu de tal forma, na sua produção, que teve de recorrer a correctivos imediatos.

Mais recentemente, a feição radical da politica presente, na nossa vizinha Espanha, conduziu á fixação em reforma agraria, de maximos de superficie, do uso de direito de propriedade fundiaria; o que conjugado com medidas de expropriação de propriedades de origem senhorial, ou pertença de politicos envolvidos em movimentos de caracter revolucionario, ameaçou de parcelação muitas dezenas ou centenas de milhares de hectares.

Como porem, em muito, foram focadas pessoas, e não seleccionados predios parcelaveis, encontraram abrangidas enormes extensões de propriedade florestal, economicamente imparcelaveis, e cuja divisão conduziria á ruina a riqueza florestal que representam, incapazes ainda de levar meios de vida normal ás familias a quem fossem atribuidas.

Sabemos que ainda se não modificou o aspecto imoral e anti-economico das Leis respectivas, alteraram-se porem de facto, visto ter-se assentado em exceptuar do parcelamento toda a terra de caracteristicas florestais, e até a isentar das obrigações, tambem impostas, da prestação forçada de trabalho.

Duplo desprestigio já impende sobre a referida reforma, antes mesmo do inicio da sua efectivação; iniquidade das suas disposições e sustação *da sua aplicação.*

O estado revolucionario motivado pelo final da guerra, e a esta seguido, e ainda o arrumamento nacional, determinado pelo tratado de Versalhes, provocaram varias reformas agrarias, em quasi todas as nações do centro e oriente da Europa.

Determinadas umas por esse mesmo radicalismo revolucionario, outras impulsionadas pelo irridentismo nacionalista, a todas se deu violencia inicial, que o tempo, normalizando-se, tem moderado e até anulado.

Na propria Russa se apreende já a legalização do salariato rural e a implantação, de facto, da propriedade privada.

Noutras nações foi-lhe dado caracter de aplicação temporaria, e, finda ela, voltou o regime ao sistema de liberdade normal.

Em alguns a sua aplicação foi tão desigual que, quasi só atingiu as minorias populacionais absorvidas, queixando-se na Letonia os alemães de expoliação, na Lituania e na Polonia os russos e os alemães, na Checo-Eslovaquia e na Jugo-Eslavia, sempre também as minorias, na Grécia os turcos, e, tão intensas foram essas reclamações, que subiram até á Sociedades das Nações.

E o seu resultado geral foi tão precario que, á pregunta formulada, sobre se as reformas agrarias mantiveram as promessas que pareciam anunciar, por Artur Wauters, Doutor em ciências económicas, belga, e seu grande defensor, responde como comentario, *que não é sem grande angustia do coração e uma profunda inquietação de espirito, que a questão* hoje é posta.

Existe a questão agraria?

Tambem em Portugal tivemos já, sob o governo radical do dr. José Domingos dos Santos, se bem me lembro, e quando ministro da Agricultura, o sr. Ezequiel de Campos, uma tentativa de reforma agraria, e esse facto faz-nos inquirir se realmente em Portugal existe uma questão agraria.

Não existindo, presentemente, entre nós, privilegio algum envolvendo a propriedade fundiaria, estando a aquisição desta patente, á acção de todas as forças economicas, e franca a todos os portugueses, por força de lei civil; não se conhecendo o latifundio, e apenas se denunciando o inconveniente do minifundio, em determinadas provincias, onde cohabita com o extenso baldio, temos de concluir, porque não existe a questão agraria.

A mesma Lei civil, baseada no regime da herança forçada, se sob muitos aspectos, tem sido e é nociva á economia do paiz, como nociva tem sido em todas as nações de formação latina, tem o aspecto de corrigir as grandes aglomerações de propriedade, que em cada geração se desfazem, e automaticamente temperam a questão agraria, quando delas, pretendem que provem.

Não o viu assim o sr. Ezequiel de Campos, e impressionado pela acumulação populacional do nordeste, e baixo indice demografico do sul, pretendeu desviar a corrente migratoria do Brasil para cá.

Esqueceu ou ignorou, que o que mantem esta corrente migratoria, é o feitio aventureiro do português, todo um pouco jogador, que não se sentindo bem no lar onde nasceu, e vendo regressar, do Brasil, ricos, alguns dos poucos que lá conseguiram vencer, toma uma passagem, por vezes, como quem compra um bilhete da lotaria.

Do Alentejo, ouve falar, como se ainda estivesse tapado de charnecas, povoado de feras, e não conhece quem, de cá, tenha regressado opulento.

Sem estimulo de aventura e cheio de falsos preconceitos, só preso para lá iria. De facto o sr. Ezequiel de Campos não curou da inadaptabilidade das populações do norte, nem da impossibilidade das parcelas do sul, lhes darem meios normais de subsistencia.

Nem sequer se lembrou do insucesso da sua iniciativa do Casal Minhoto, instalado ás portas de Evora, apesar das experiencia ter sido tentada em terrenos de eleição, para o sul, quando a solução generalizada tinha de alcançar terrenos muito mais ingratos.

Alcançava a experiencia pessoas, animais e novos processos culturais ofertados á observação do alentejano rotineiro.

As pessoas breve desertaram, regressando ao Minho fresco e humido, a pouco mais de um ano de pratica alentejana; os animais, condenados a maior estadia, perderam o luzidio do pelo, o conforto da gordura, e entraram em definhamento progressivo; a tecnica agraria moderna conduziu terrenos regularmente produtivos á incapacidade de produção cerealifera, transformados em pascigoso primaveril.

Na sua propria região, que bem devia conhecer, não observou tambem o sr. Ezequiel de Campos a mais probatoria contradita das bases do seu projecto.

Abunda em Traz-os-Montes o sobreiro, fazendo vida triste, a-pesar-do valor apreciavel, que lhe garante a qualidade do seu tecido suberoso.

Preocupado com o consumo das rolhas, e benemerito fundador da Casa Menéres iniciou a aquisição de numerosas glebas, onde havia arvores desta espécie e com uma rara tenacidade, entre portugueses, conseguiu reunindo milhares de parcelas na mão de um só proprietario e que muito embora dispersas por muitos concelhos, quasi todos os da chamada terra quente, nalguns constituem nucleos de superficie continua, atingindo centos de hectares.

Toda esta massa fundiaria, saindo do regime da pequena propriedade, para constituir pertença de um grande proprietario, faculta a qualquer observador este resultado sugestivo e até probatorio.

Onde o sobreiro se apresenta sadio e em boas condições de produtividade de corticeira, póde afirmar-se que se trata de propriedade Menéres. Onde se depara, mal tratado, amputado, dilacerado, enfim carecido de bom aproveitamento, continua a ser pertença de pequeno proprietario.

A propriedade florestal não se presta á parcelação

E' que a propriedade florestal não se presta á parcelação, que se apreenda sob o aspecto dos seus frutos, quer dos seus produtos, como só a ela conduz e com ela prolifera a terra regadia, de vinho e em menor escala o olival, e mal com ela se coaduna tambem, a cultura cerealifera de sequeiro.

Ignoram-no, ou esquecem-no, os reformadores agrarios, ideologos, ou politicos especuladores, que na ansia de facil popularidade traem as leis economicas, desservem os proprios, a quem dizem querer beneficiar, crendo que reformar o agro é trabalho simples de regua e compasso.

E assim não fazem obra economica, nem resolvem os problemas sociais e antes constroem edificios sobre areia que, brevemente, se transformam em montes de ruina, habilidosamente se escapando da derrocada.

O que ha fazer

Ha então que manter o presente estado fundiario, que no norte nos dá ao lado do minifundio, o latifundio do baldio improdutivo, no sul nos dá a media e grande propriedade, com fraca representação do casal da familia?

Evidentemente que não.

No fraccionamento do baldio nortenho, ha que intervir discretamente o medio e o grande proprietario, para complemento do aproveitamento cultural da região; no sul ha que transformar, pela politica hidraulica, onde ela é possivel, o regime cultural da terra, tornando-a apta á sua parcelação e á sustentação dos nucleos familiares pela cultura irrigua.

E desde logo, por improprio, do grande proprietario, o regadio se abre á fragmentação, inicialmente em regime de parçaria, que logo se completará pela alienação aos pequenos proprietarios representantes da familia cultivadora, fixando-se e elevando-se o indice demografico, constituido por elementos de ordem e combate ao perigo social.

Só isto?

Tambem não.

De longe em longe surgem na plaga alentejana tratos de terrenos que, sem representarem o optimo, permitem consições de possivel adaptação a nucleos populacionais, formados por pequenos proprietarios.

Mais discretamente ha que intervir o Estado na aquisição desses terrenos para serem divididos e adjudicados aos possiveis pequenos proprietarios.

Como vemos não ha necessidade de reformas agrarias, que antes devem ser substituidas pelo simples enunciado de melhor arrumação do agro, através de formulas indirectas de politica hidraulica e de intervenção discreta, mas sistematica do Estado, que assim não carece de leis de excepção, porque para tanto lhe sobram os meios de que presentemente dispõe?

Voltemos agora ao Estado novo e respectivo estatuto e vejamos se ele se harmonia com os criterios postos, não só definindo-os, mas, creio — eu, demonstrando-lhe a procedencia.

Reconhece ele o direito de propriedade, sanciona a lei civil presente e dignifica a familia, investindo-a em maior significado nacional e propondo-se dar-lhe mais dignificação e bem estar material. E' mesmo um dos seus objectivos principais, porque lhe destinou especialmente um dos seus capitulos.

Nestes termos tem premissas bastantes, quer em meios, quer em objectivos, restando buscar outros elementos de ordem indirecta, para nos apossarmos da utilização, que lhes será dada.

Primeiro e precioso elemento de elucidação, temos porem nas palavras proferidas pelo orientador da situação presente, conceptor do proprio projecto do Estatuto Constitucional, dr. Oliveira Salazar.

E dissemo-lo precioso, porque se a formula é muito, não é tudo, e até por vezes pouco é, porque fundamentalmente depende dos agentes efectivadores.

No momento que passa, trata-se do autentico estadista, que com a sua obra feita, responde pela do futuro, e os seus criterios ele explanou, nas brilhantes entrevistas publicadas recentemente, que já estão compiladas em livro, por ele mesmo prefaciadas, e consequentemente autenticadas.

Interrogado pelo arguto entrevistador, sobre o seu critério quanto a este assunto, *reforma agraria*, que anda na actualidade em todos os centros mundiais, e constitue bordão, sempre em actividade, por parte dos *meneurs* revolucionarios, apesar dos insucessos repetidos, *declarou categoricamente que tambem ele cuidava da reforma agraria*, e assim já tinha destinados 100.000 contos para obras de hidraulica agricola.

Sintese lapidar, que constitue todo um programa de enriquecimento economico e toda uma revelação de disciplina mental e honestidade politica, que ao envés, de se propor especular, na busca de uma popularidade facil, implica o reconhecimento de que antes de parcelar, se torna necessario e economico tornar parcelavel.

E' meter numa simples frase todo um programa de atacar o problema, não com a simples publicação de um diploma legislativo, forma facil mas improficua, porque não representando a lei a sanção do fenomeno economico resulta letra morta, frequentemente agressiva, e portanto destruidora, pela maneira construtiva da preparação e encaminhamento do mesmo fenomeno.

Para a parcela viver é preciso que tendo condições bastantes para dar vida á familia, que se pretende instalar nela, e que desde que as não encontre, breve desertará, voltando a parcela ao caminho ou socorrendo-se da concentração, regime unico em que pode ter função economica.

Todos conhecemos enormes parcelações feitas no sul, de terrenos improprios para a fixação populacional e todos temos verificado o seu caracter precario.

Um exemplo que não deve esquecer

Foi a sera de Serpa com os seus 15.000 hectares, divididos em glebas, atribuidos aos paroquianos, dos quais alguns já chegaram a casa com elas alienadas, e onde hoje já existem concentrações consideraveis, atingindo uma, pelo menos, mais de 1.000 hectares. E' a charneca de Pavia, dividida em proximamente 200 parcelas, o maior numero das quais constitue uma unica e grande propriedade.

Muitos outros exemplos poderiamos apontar, de insucessos de parcelamentos feitos;

E' que finalmente o parcelamento dependendo, quanto á sua procedencia das condições do terreno, ainda prende com a psicologia do candidato a proprietario, o que complica mais o problema, na ligação que impõe da selecção ou preparação da terra, á selecção dos homens.

E quando aquela reveste condições proprias, á respectiva economia a repele da posse dos grandes e medios proprietarios, para ser oferecida ao cultivo da familia, de caracteristicas qualidades cultivadoras.

Posto assim o problema, serve-se a economia geral, não se prejudica arbitrariamente ninguem, arruma-se a questão social, dando-se melhor situação moral a numerosas familias, esteios da ordem.

E' esta a conclusão a que temos de chegar depois da analise sincera dos principios do *Estado Novo*, em face do problema agrario, que ele pode resolver á luz do novo estatuto, que carece de ser implantado, porque, não representando tudo, representa evidentemente ambiente favoravel, para a evolução natural do fenómeno.

Defensor do estatuto constitucional, em consulta plesbicitaria não o preconiso como unico, como optimo, difino-o como a formula de ligação do que o passado nos deu de melhor, a familia, a classe ou corporação, o concelho, com o que o presente nos faculta de bom.

Mostrei como as formulas de importação, na organização politica da Nação, se mostraram inadaptaveis á nossa feição, sendo deturpadas; e, sem me referir a pessoas, porque delas não trato, a todos fazendo justiça, antes as crendo vitimas, que agentes da desorganização, sem odios nem opiniões antecipadas, nos conduziram a situações vizinhas da ruina irremediavel.

Nestes termos o projecto da nova constituição representa a consagração de uma politica que, tendo remediado, mercê da alta competencia do actual orientador do Estado Português, não os efeitos de um terramoto, pela reconstrução do derruido, mas a nossa ruina financeira e economica, provocada pela politica liberalista, em crise mundial, faculta todos os meios de correcção e aperfeiçoamento futuros.

Não é uma porta que se fecha, é uma porta que se abre para um futuro progressivamente melhor, facultando-o a todos os portugueses, em edificio assente sobre os nossos alicerces tradicionais.

Votando-o hoje, pelo seu aperfeiçoamento, poderemos continuar a trabalhar pacifica e ordeiramente.

Algumas das suas disposições representam experiencias; que o tempo as fixe ou modifique, conforme o superior interesse da Nação.

Interveiu o exercito, continuemos nós, civis, a obra de paz e de fomento, na busca de um Portugal melhor para os nossos filhos.

O liberalismo individualista desacreditou-nos interna e externamente.

Através da *moeda* sentiamos o desalento dentro das *fronteiras*, nas suas variações de poder de aquisição, sempre deminuindo e a vergonha quando as transpunhamos.

A liberdade tomou o aspecto da licença. A' ordem substituiu a desordem.

Hoje tudo mudou, em sossego internamente, sentimos que nos respeitam externamente.

Torna-se porem indispensavel que o presente estado de excepção constitucional se normalise, que o façamos barreira, unidos, evitando transformações violentas e radicais, que, de tudo e de todos nós, farão vitimas.

Vejamos cuidadosamente o que se passa á nossa porta, com a vizinha Hespanha.

Rica e ordeira na situação Primo de Rivera, contra ela constituiu, ariete demolidor, a aristocracia espanhola, porque uma reforma da arma de artelharia, lhe cerceou previlegios. Mesquinho desforço, que bem caro lhe saiu, com a agrura presente, que a traz dispersada e arruinada, intra e extra fronteiras.

As classes burguezas, *passe o termo*, quer vivessem da terra, quer da industria, quer do comercio, procuraram numa mudança de regime, que lhe garantiam conservador, a desforra de pretendidas injustiças; defrontam-se hoje com atitudes preseguidoras que as flagelam, e o proprio proletariado deixou o relativo bem estar que lhe assegurava um Estado rico e ordeiro, para cair na permanencia da luta fratricida, que só lhes acarretará a miseria.

Cerremos portanto fileiras, para que o mesmo nos não suceda; e tiremos do exemplo espanhol, lição que a nós mantenha a presente situação, quasi unica no mundo, de solidez financeira e de propressivo desenvolvimento economico iniciado.

Ha ainda motivos de reclamação? O que temos não é optimo? E' sem duvida menos mau de que os outros suportam, e será com certeza pior, senão nos mantivermos na senda iniciada e que é de progressiva melhoria geral.

Está em marcha o progresso de Portugal, não travemos a roda, antes em esforço conjugado consolidemos a obra já feita, que entregue, como está, nas mãos do insigne estadista, que é o dr. Antonio de Oliveira Salazar, tem resistencia bastante para receber, com segurança, a cupula definitiva.

A todos V. Ex.as os meus sinceros agradecimentos, pela penhorante paciencia com que me ouviram.

O Emblema da União Nacional

Tendo sido oficialmente adoptado este emblema, as comissões e filiados da União Nacional que desejem adquiri-lo podem dirigir-se ao concessionario (exclusivo) da fabricação

Julio Zeferino Alvarenga
OURIVES FABRICANTE
Rua do Arco, a S. Mamede, n.º 39, 1.º
LISBOA

Bacalhau

ISLANDIA, á descarga do vapor Orn.

SUECO, qualidades finissimas aos melhores preços do mercado, entrega imediata estabelecimentos

SILVA & C.ª
RUA DOS DOURADORES, 196
Tele { fone 2 1988
{ gramas SILVACO

Tubos «Sá»
nunca são CANUDOS

NECROLOGIA

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: do sr. Augusto Fernandes Vaz, ás 15,30, da Travessa da Nazaré, 41, 3.º; do sr. Frederico de Carvalho, ás 15, da Rua Augusta, 176, 4.º; da menina Hedeviges Carvalho da Silva, ás 15, da Rua do Arco em Alcantara, 21, 1.º; da sr.ª D. Maria do Carmo Jesus Cisneiros, ás 16, da Rua Miguel Lupi, 44; do sr. Raul da Gama Santos, ás 14, da Rua do Rato, 37, 4.º; do sr. Vitorino Cardoso Mendes, ás 14, da Rua do Olival, 254, r/c.; da sr.ª D. Maria da Conceição Dias, ás 15, da Rua João do Outeiro, 29, 1.º; do sr. Joaquim Lopes, e do sr. Abel de Jesus, ás 14, do Hospital de S. José.

COVILHÃ, 7. — Faleceram neste concelho na Aldeia do Carvalho, Antonio Francisco, de 63 anos, natural de Unhais da Serra; na Aldeia do Souto, Joaquim Silveira, de 76 anos; na Boidobra, Amalia dos Santos Viegas, de 76 anos; na Erada, Maria Delfina Bernardo, de 81 anos; no Teixoso, Maria Correia Esteves Paes, de 76 anos; no Pêso, Joaquim Pereira, de 58 anos; no Sobral, Maria Augusta de Jesus, de 18 anos; em Perabôa, Barbosa de Matos da Torre, de 18 anos, natural do Ferro; em Casegas, Ana Henriques Pereira Marques, de 57 anos; em Unhais da Serra, Manuel Lucas da Costa, de 74 anos, natural de Moimenta da Serra, concelho de Gouveia; no Tortozendo, Manuel Quelhas, de 79 anos. — C.

D. AMELIA DIAS DOS SANTOS BARROS LIMA

VIANA DO CASTELO, 6. — Faleceu em Esposende a sr.ª D. Amelia Dias dos Santos Barros Lima, extremosa mãe do sr. dr. Artur de Barros Lima, ilustre magistrado superior do distrito, e sogra do sr. major Carlos Pereira de Barros, dig.º 2.º comandante do G. S. de Artelharia n.º 15.

A suas ex.as apresentamos os nossos mais respeitosos cumprimentos de pesar. — C.

TELEFONE 489
AGENCIA MAGNO
R. SANTA MARTA, 172-174—LISBOA

Funeraes e Trasladações
Joaquim Ferreira Alves
44—Rua Nova da Trindade
Telefone 2 7523
Serviço permanente

Camaras Municipais

A nova comissão administrativa da Camara Municipal de Campo Maior ficou assim constituida:

Efectivos: Dr. Francisco Telo da Gama, João Vitorino Umões José Joaquim Mata, e Domingos Antonio Bastos Carrapato Calado Branco, que desempenhará as funções de administrador do concelho.

Substitutos: Dr. Justo Garcia Pereira Agrela, Mauro das Dores Alves e José Silva Rasquilha Córado.

Foram nomeados para a comissão administrativa da Camara Municipal de Amares, os srs. dr. Eduardo Gonçalves, José Antonio Ribeiro Alexandre de Oliveira, efectivos; e Carlos Augusto Gonçalves Correia Peixoto e Avelino José Ribeiro, substitutos.

Carta de Paris

(Continuação da 3.ª página)

para o qual ha que olhar com olhos de ver.

Os sovietes, os ditadores vermelhos da G. P. U. têm processos que, infalivelmente aplicam aos queatentam contra o regime comunista. São as metralhadoras e quando não estas, os campos de concentração onde a fome opera aquilo que os tiros não fizeram.

E' claro que ninguem de bom senso pode preconizar o uso de tais processos ainda mesmo que eles vão atingir aqueles que os empregam.

O que, porem, ha que fazer é evitar que a França possaser invadida por uma massa enorme de agitadores que porá em perigo a ordem social.

A defesa é nestes casos uma obrigação a que nenhum francês se deve eximir.

O perigo está bem patente, bem claro.

A Alemanha expulsando os comunistas defende-se. Ha que ver agora se a França se sabe defender, tambem, não consentindo a sua entrada adentro das suas fronteiras.

PIERRE BRISSOT

DO PORTO

O «Concurso do Vestido Barato»...

Ora ainda bem! ainda bem que o «Concurso das Costureiras do Porto», que anualmente se realiza no Palacio de Cristal desta cidade, enveredou este ano por um novo caminho!

Deixa de ser, em parte, um concurso banal «de beleza», a eleição duma «rainha» a prazo— para se tornar num lindo e util «Concurso do Vestido Barato».

Assim, sim!

Pena é, lamentamos, que o «Concurso das Costureiras do Porto» mereça apenas, em parte, o nosso inteiro aplauso. Porque não ha-de prescindir-se daquele outro numero do programa — a eleição da «rainha»? A festa — cujo fim beneficente merece todo o nosso carinho! — não perderia interesse. Te-lo-ía por aquele curioso «Concurso do Vestido Barato» — que, além de sua utilidade, representa no nosso país um concurso inédito.

Felicitamos vivamente os promotores da festa pela sua lembrança; e queremos ainda frisar que a finalidade beneficente daquela festa nos merece o mais carinhoso dos aplausos. Não vão as «almas inocentes» interpretar «à la diable» um reparo nosso, — que não passa, afinal, dum simples e bem intencionado reparo...

*

O «Concurso do Vestido Barato» tem por fim premiar o amor ao trabalho e á economia, aliando a estas duas bases o bom gosto das concorrentes — *esclarece o programa.*

Depois: O preço do vestido depois de pronto não pode exceder 25$00 escudos, excluindo o feitio. Os vestidos poderão ser de qualquer tecido e modelo.

Haverá três premios.

...E aqui têm os nossos leitores o «Concurso do Vestido Barato» — um concurso a que podem concorrer todas as senhoras, todas as senhoras de entre os 17 e os 24 anos.

Dr. Domingos Moreira

PORTO, 10—No «rapido» da tarde, chegou a esta cidade vindo de Lisboa, o sr. dr. Domingos Moreira, ilustre chefe do distrito, que na capital tratou assuntos de interesse para o distrito.

No Governo Civil

Com o chefe do distrito, conferenciou a direcção da Cruz Vermelha, delegação desta cidade.

Conferenciaram mais os srs. tenente Macedo, administrador de Marco de Canavezes, José Maria dos Anjos, administrador de Gaia, e dr. Adriano Fernandes de Azevedo, administrador de Santo Tirso.

No Salão Silva Porto

Inaugura-se na proxima segunda-feira, 13, no Salão Silva Porto, á rua de Cedofeita, 285, a exposição de trabalhos do distinto pintor Luiz Machado Pereira, que devia abrir amanhã, sabado.

Dentista recomendavel...

Apresentou queixa á Policia, o sr. Alfredo Alves de Moura, agricultor, da Foz do Douro, contra o dentista France Mink, do Largo da Senhora da Luz, porque tendo ido ao seu consultorio no dia 23 de Janeiro ultimo a fim de tratar um dente, o arguido receitou-lhe um medicamento que lhe produziu uma infecção na boca, tendo de extrair todos os dentes do maxilar superior.

O queixoso pede uma indemnização de 10 mil escudos e o pagamento do tratamento que está fazendo no Hospital da Misericordia.

Movimento maritimo

Na barra do Douro entraram os vapores noruegueses «Stromboli» e «Eikat III», ambos da Corunha e o estoniano «May» de Vigo, o primeiro com carga diversa e os restantes em lastro.

Não houve saidas.

No porto de Leixões, não houve entradas. Saiu o vapor holandês «Zeelandia» para Amesterdão, com carga e 61 passageiros. Desembarcou 102 passageiros.

Nucleo do Porto

No passado domingo esteve a apresentar cumprimentos a mrs. M. Karr, do «Comité Internacional» de Escoteiras, uma delegação do Nucleo do Porto composta pelos srs. dr. Afonso Maria de Vasconcelos, Alberto Pinto Saraiva, Amadeu Candido Braga, Fernando Braga, Serafim de Oliveira, Americo Magalhães e Oscar Saraiva, respectivamente chefe do Nucleo, chefes do 41 e 15, ajudante do 15, instrutor do 70 e escoteiro e Lobinho do 41.

A' partida do «Sud» em que a ilustre escotista retirava, compareceram na estação os escoteiros e escoteiras do 70 sob a direcção do seu chefe sr. João Pinto e alguns escoteiros doutros grupos.

A reunião ordinaria do Nucleo que se deveria realizar no dia 7 fica adiada, devendo brevemente realizar-se a posse do novo Escoteiro Chefe do Nucleo sr. dr. Afonso Maria de Vasconcelos.

Padrões da Grande Guerra — O concerto de D. Guilhermina Suggia

Por motivos imprevistos, teve de ser adiado o concerto que, promovido pela comissão dos «Padrões» na 1.ª Região Militar, tem sido anunciado para o proximo dia 17.

A' eminente violoncelista, gloria nacional que tanto nos honra no estranjeiro, fôra dirigido convite pela Comissão solicitando o seu concurso para a realização de uma festa que, organizada com a fim de obter recursos para a patriotica obra dos «Padrões», assim era de esperar atingiria um brilhantismo e uma elevação espiritual ao nivel da nobilissima finalidade que preside á acção desse organismo nacional.

A ele correspondeu galhardamente a nossa grande artista, sensibilizada pelos termos em que tal convite fôra formulado e impulsionada pelo fim patriotico que tinha a projectada festa, anuindo e aceitando a organização artistica de um concerto, em que seria acompanhada por uma orquestra sob a direcção do distinto maestro sr. Pedro Blanch.

Infelismente o estado de saude da eminente artista, ressentindo-se nesta ultima semana de uma crise gripal sofrida ha pouco tempo, obriga-a a um periodo de repouso imediato e portanto a um adiamento deste concerto, que sabemos igualmente ter determinado o adiamento de outros concertos que tinha marcados, ainda para o presente mês, em Lisboa, Madrid e Barcelona.

CARTAZ DE ESPECTACULOS

DIA 11

Teatro Sá da Bandeira — «Desculpa, ó Caetano».

Teatro Carlos Alberto — «Espectáculo a favor da Assistencia do Norte de Portugal».

Teatro Rivoli — «Feitiço...»

S. João Cine — «A Frente Invisivel».

Salão Jardim da Trindade — «A Cortezã».

Salão Olimpia — «Recital de canto por Konstantino Sadko» e «Um sonho dourado».

Salão da Batalha — «O Médico e o Monstro».

ALUGA-SE
Sála espaçosa, no melhor local do Porto, servindo muito especialmente para consultorio medico ou escriptorio de advogado.
Falar na Delegação deste jornal no Porto, Avenida dos Aliados, 43-1.º

Governo Civil de Bragança

Foi ontem para o «Diário do Governo» o decreto que nomeia o sr. capitão Antonio Augusto de Oliveira Dias Junior, governador civil substituto de Bragança.

OS RETRATOS
A' Cinéfilo e Esboço artistico
Estão em moda Custam 10$00 e tiram-se na Fotografia Barros
R. da Palma 146—Aberta aos domingos

«Semana Portuguesa de Vigo»

(Continuação da 3.ª página)

ra dar o exemplo; segundo, porque não faria sentido que fôsse apenas a industria particular, produzindo esses modelares estabelecimentos verdadeiras joias. Independente disso, realizaremos com a sua cooperação a exposição bibliografica, adjunta ao mostruario da Agencia Geral das Colonias, que será instalado junto do cais da famosa ria, em lugar bem apropriado e bem disposto.

—Afinal quando julgam abrir a «Feira» ou «Festa do Livro»?

—Está assente que será inaugurada em 26 do corrente e encerrada em 2 de Abril. Temos tudo absolutamente bem organizado, e não estaremos no proprio dia a martelar barracas. Desse fracasso estão livres os meus colegas.

Ventura Abrantes rematou a sua palestra desta maneira:

—Fiz á força a primeira manifestação do livro na praça publica em Portugal, realizei outra em Coimbra, tê-la-ia feito nas Colonias, no Brasil e até na America do Norte. Tudo leva tempo, mas chega com oportunidade. De resto eu tenho fé nos destinos do meu País.

E assim findou a nossa palestra com esse espirito activo de trabalhador que faz da sua profissão um sacerdocio e que as esferas oficiais louvaram condecorando-o com o Habito de Cristo e que vai levar á Galiza, a primeira manifestação da cultura portuguesa.

VIGO, 10. — (Pelo telefone) — O *Ayuntamiento* de Vigo aprovou hoje por unanimidade uma proposta do alcaide sr. Martines Garrido, para serem convidados os presidentes das Camaras Municipais de Lisboa e Porto a vir á Semana Portuguesa em Vigo, sendo considerados hospedes da cidade.

A festa do Livro Nacional

E' já elevado o numero das edições das casas portuguesas, concorrentes á Exposição do Livro Nacional, que deve resultar brilhantissima.

Contam-se, entre outras, as seguintes casas: Ventura Abrantes, Livraria Lemos, L.ª, Imprensa Nacional, Bertrand L.ª, Agencia Geral das Colonias, Paulo Guedes, Sociedade de Geografia, Companhia Portuguesa Editora, Universidade de Coimbra, Portugal Turistico, Empresa Historia de Portugal (Barcelos), Parcaria Antonio Maria Pereira, Sociedade Editora Patria, etc.

O governador civil da capital galega pediu para que a esquadra espanhola se faça representar

VIGO, 10. — O goverdador civil, desta cidade pediu ao ministro da Marinha que autorize a esquadra espanhola a fazer-se representar na baia de Vigo, por ocasião da festa da Semana Portuguesa, que se inaugurará em 26 do corrente e que tambem será abrilhantada com a presença de alguns barcos de guerra e hidro-aviões da Marinha de Guerra Portuguesa.—*United Press.*

Caminhos de Ferro

Por despacho do sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações, de 7 do corrente, foram aprovadas as garantias de juro das linhas ferreas de Santa Comba Dão a Viseu, de Foz-Tua a Mirandela e de Mirandela a Bragança, apresentadas pela Companhia Nacional de Caminhos de Ferro e uma alteração ao horario dos comboios em vigor na linha da Beira Alta, criando dois novos comboios «tramways» entre Mangualde e Guarda, proposta pela Companhia da Beira Alta.

——Por despacho da mesma data, concordando com o parecer do Conselho Superior de Caminhos de Ferro, foi esclarecido que se torna obrigatória nas escrituraçães das remessas, a indicação da data de chegada das mesmas ás estações destinadas ou ao domicilio dos consignatarios; e, em referencia aos transportes do Estado que sobre os minimos de cobrança espitulados na Tarifa Geral em vigor, não pode nem deve incidir qualquer redução; que os preços de transportes abrangidos pela doutrina dos artigos 123.º a 125.º e 134.º da mesma Tarifa Geral, têm direito á redução de 50 % sem sujeição a minimos de cobrança e que os excedentes de peso de bagagem dos oficiais sargentos e praças do Exército de terra ou mar, são taxados pelos preços da Tarifa Geral, sem redução de 50 % e sujeitos a minimos de cobrança.

——Conforme pedido feito pela Camara Municipal de Cantanhede, foi declarada sobrante uma parcela de terreno com a superficie de 1494 m2, necessaria para a construção da estrada junto á estação de Murtêde da linha ferrea da Beira Alta.

——Por necessidade de alargamento do pateo da estação de Moledo do Minho bem como da modificação do conjunto da estação, foi declarada de utilidade publica e urgente a expropriação de duas parcelas de terreno, respectivamente com as superficies de 129 m2 e 65,92 m2.

——Foram autorizadas superiormente as isenções de direitos para o seguintes material de Caminhos de Ferro:

1.273 carris, 3.024 éclisses e 6 molas de suspensão para bogies de locomotivas destinadas ás linhas da Beira Alta e 100 caixas de lubrificação, para vagões, sem os bronzes, diversos elementos de sobreaquecedor de locomotivas e 1 eixo motor para locomotiva, materiais estes destinados ás linhas da C. P.

——Foi convocada reunião do Conselho Superior de Caminhos de Ferro para a proxima 2.ª feira 13 do corrente.

CADERNOS CORPORATIVOS
Encontra-se já á venda o n.º 4
Redacção e Administração
R. da Horta Sêca, 7-1.º
LISBOA

NOTAS SOLTAS

(Continuação da 1.ª página)

vação de Portugal foi devida, mais do que á propria ordem criada pelo 28 de Maio — ao homem de Estado que soube aproveitá-la, e que soube realizar, sob a sua protecção, um grande esforço construtivo, metódico e renovador.

De facto, a ordem — como escreveu muito bem um dos maiores escritores do nosso tempo, «não é mais do que um meio, um ponto de partida. *Restabelecer a ordem é constituir uma atmosfera favoravel ás actividades patrioticas, economicas e financeiras. A ordem torna estas actividades mais livres e mais fecundas. E' indispensavel, porém, que as actividades existam — e que sejam dirigidas segundo um plano inteligente no sentido do maximo rendimento e da máxima harmonia».*

Recordemos, pois, que a ordem não é tudo. E', na frase autorizada do autor que citei, um ponto de partida. *Quere dizer: é a base fundamental duma empresa de largo alcance, como aquela em que a Ditadura se lançou, desde que tomou conta dos destinos portugueses. Se, porém, a Ditadura não tivesse encontrado a alta figura de dirigente, de organizador, de reformador que é o actual Chefe do Governo — a ordem, embora sempre util e benéfica, não teria dado os frutos que deu, não teria produzido, só por si, o prodigioso renascimento que admiramos.*

Parece-nos oportuno lembrar estas evidencias do senso comum para não deixar esquecer uma pequena parcela que seja do muito que a Nação deve ao sr. dr. Oliveira Salazar. A ordem nas ruas, era, de facto, um elemento necessario para a convalescença do Portugal moderno. A ordem nas contas publicas, na vida social e politica, nos espiritos — tem sido firmada e cimentada pela acção decisiva do Chefe admiravel que a Ditadura encontrou.

Volta-me com insistencia, á memoria, o aforismo célebre de Augusto Comte: o progresso é o desenvolvimento da ordem. *Nada mais certo — mas é preciso que apareça quem seja capaz de transformar a* ordem *em* progresso, *como o sr. dr. Oliveira Salazar...*

GIL DE ROMA

ULTIMAS NOTICIAS

PELO ESTADO NOVO

MAIS UMA SESSÃO DE PROPAGANDA DA NOVA CONSTITUIÇÃO

na qual usaram da palavra os srs. engenheiro Carlos Santos e Joaquim Lança, que foram delirantemente aplaudidos, bem como a Ditadura Nacional e o sr. dr. Oliveira Salazar

A Comissão da União Nacional da freguesia de Camões promoveu, ontem á noite, uma sessão de propaganda da nova Constituição, que se realizou na sede do Dispensario n.º 2 da Misericordia de Lisboa, na rua de Santa Marta, perante uma numerosa assistencia, dentre a qual se distingniram algumas senhoras.

Presidiu o sr. tenente-coronel João Luiz de Moura, ilustre governador civil de Lisboa, que tinha a secretariar os srs. Pedro Terenas, presidente da Junta e da Comissão da U. N. da freguesia de Camões, e Alfredo de Andrade, vice-presidente da União Nacional.

Eram 22 horas quando o sr. governador civil, perante uma calorosa ovação, declarou aberta a sessão, saudando o sr. Presidente da Republica, a quem desejou rapidas e completas melhoras. Saudou tambem os srs. dr. Oliveira Salazar e ministro do Interior para os quais—disse—se dispensava de ter palavras de elogio, tão conhecidos eles já são de todos os que ali se encontravam.

Melhor do que nós—acentuou—falam os estranjeiros do sr. dr. Oliveira Salazar, focando com toda a justiça a obra desse homem que trouxe a redenção a Portugal.

Depois de dirigir saudações aos presentes, aconselhando-os a irem votar na Constituição, no proximo dia 19, afirmou a necessidade de ninguem escrever a palavra *não*, que tanto tem sido réclamada pelos inimigos do Governo.

Quem votar contra a Constituição, vota contra a vontade do Governo e, portanto, contra a vontade da Nação! (*Apoiados e palmas*).

Uma frase:

—A Constituição de 1911 não é, no capitulo dos direitos e garantias individuais, nem mais liberal, nem mais completa, nem mais perfeita do que aquela que vamos votar no proximo dia 19. E, se é assim, porque vêm afirmar os nossos inimigos que ela é desarticulada, reaccionária?

*

Prosseguindo na analise:

—O titulo 3.º da Nova Constituição ocupa-se da familia. A de 1911 nem dela fala. Tambem a Constituição de 1911 preceitua a elaboração de varias leis, como: Codigo Administrativo; leis orgânicas das colonias; lei das responsabilidades; lei das acumulações; leis eleitoral, etc., e, de todas estas, apenas a eleitoral os politicos fizeram, porque lhes convinha. Mas a Ditadura fê-las já todas, com excepção do Codigo Administrativo, que é a unica que falta publicar.

O sr. Joaquim Lança demorou-se depois na comparação do que se faz em Portugal, em plena Ditadura burguesa, e do que se faz na Russia, em Ditadura do proletariado, ocupando-se tambem da Ditadura de Hitler, na Alemanha, onde não é possivel a ninguem manifestar opinião diferente á daquele, onde os jornais são constantemente assaltados, etc. E afirma:

—«Devemos confessar que esta linguagem nunca ninguem a ouviu nos discursos dos chefes dos partidos, nem é a mesma que saiu dos bicos da pena deshumana de Lenine. Mas é a linguagem da maioria dos portugueses, a unica que quadra á sua indole.

«Todos queremos a Patria engrandecida, a Nação prospera, o Estado forte; o povo elevado á maior altura da civilização. Menos direitos politicos? E' possivel, mas uma melhor situação social. Queremos Portugal prestigiado e respeitado entre as demais Nações. O nosso orgulho de raça, a nossa sensibilidade de portugueses, o nosso patriotismo, sofrem dolorosamente, sangram, quando sobre o nome do País não cai toda a luz da justiça que nos é devida pelo nosso passado e mesmo pelo nosso presente. E, todavia, já o Mundo começa a olhar-nos com atenção, curiosidade, interesse». (*Muitos aplausos*).

*

O sr. engenheiro Carlos Santos passou depois a falar da nova Constituição.

E afirmou:

—«Tudo o que nestes sete anos se tem realizado dentro duma situação que os mais exigentes praxistas da legalidade, consideravam de facto, aparece agora enquadrado numa situação de direito. E não pelo voto e vontade duns tantos deputados, mas pelo voto e vontade da propria Nação. Entraremos assim na normalidade constitucional, não pela entrega do Poder aos partidos como estes desejariam, mas pela consolidação da politica nacional da Ditadura.

Chegou o momento do País dizer a todos os que souberam administrar com honestidade, patriotismo e inteligencia, que o Poder lhes pertence de direito. O plebiscito do dia 19 não tem, não pode ter outro significado.

«Não sou politico, nunca fui politico, sou apenas um português que tem filhos.

Por isso votarei a Constituição, pondo na minha lista a palavra *sim*, unica que exprime patriotismo, dignidade, independencia, concordancia com a necessaria defesa dos mais sagrados interesses do nosso País». (*Muitos aplausos*).

*

Continuando, o conferencista disse que a Constituição de 1911 era feita para os partidos; a nova Constituição é feita para a Nação. (*Palmas*). A Constituição de 1911 reconhecia apenas a existencia do individuo isolado da familia, do sindicato, da associação a quem conferia a liberdade de lutar contra a autoridade do Estado, cuja organização elevava o Parlamento, ou seja o partido politico mais forte e numeroso, á categoria de arbitro dos destinos da Nação.

O sr. engenheiro Carlos Santos aludiu ao artigo de fundo o *Diario da Manhã* de ontem, da autoria do nosso colaborador *Angelo Cesar*, apontando a doutrina nele exposta, como sendo a unica a seguir, terminando por saudar os homens da Junta de freguesia, colaboradores desinteressados que foram seus, quando presidiu á Junta Geral do Distrito de Lisboa e do sr. governador civil, na sua já memoravel obra de assistencia.

O conferencista foi muito aplaudido cumprimentado, tendo-se repetido ao terminar o seu discurso, por parte de todos os presentes, calorosos «vivas» á Ditadura, ao Chefe do Estado, ao sr. dr. Oliveira Salazar, ao sr. governador civil, etc.

*

Falou a seguir o sr. Joaquim Lança, ilustre governador civil de Setubal e secretario geral da União Nacional, que foi recebido pelos assistentes com muitas palmas.

Principiou o orador por definir o que é uma Constituição e passou depois a comparar a posição do cidadão perante o Estado na Constituição de 1911, e a posição que lhe é criada pela nova Constituição. Para isso, leu algumas passagens daquela, no capitulo que trata das garantias e direitos do cidadão, demonstrando com as correspondentes, apresentadas pela Constituição que vai ser sujeita a plebiscito no proximo dia 19, que estas, apesar de acusadas de reaccionarias, são incomparavelmente mais liberais.

Constantemente interrompido por aplausos, o sr. Joaquim Lança passou em revista as constantes violações da Constituição praticadas pelo Governo de antes de 28 de Maio, em materia de liberdade de crenças religiosas e politicas, violação de correspondencia, falta de instrução do povo, falta de assistencia e muitas outras.

A proposito, afirmou:

— A nova Constituição estabelece direito moderno e mesmo revolucionario, se traduzirmos esse termo como de melhor distribuição da Justiça.

O Estado garante não só a pratica de crenças religiosas e politicas, dentro do *licito politico*, como não podia deixar de ser, e o homem tem o direito de resistir á força, quando esta o venha agredir sem motivo.

Uma frase:

—A obra do sr. dr. Oliveira Salazar é tão grande, que a ninguem ficará mal, ainda que seja de olhos fechados, votar conforme êle nos indica. Se o Governo nos apresentar uma Constituição é fazer entender que ela é precisa. (*Aplausos*).

*

Tomou depois a palavra o sr. engenheiro Carlos Santos, antigo presidente da Junta Geral do Distrito de Lisboa.

Vem ali cumprir o dever de português, trazer uma convicção sincera, a fé inquebrantavel, quente, nos destinos imortais da Patria. Tudo o mais —acentuou — vem de *Alguem* que, sendo hoje o maior de todos os portugueses, todos livremente elegeremos Chefe, sabendo que a melhor homenagem que se lhe pode prestar é respeitar o seu pensamento e colaborar com ele na restauração do País, sem, em nada, nos desviarmos do plano da sua obra, do *seu programa*.

O sr. Carlos Santos, constantemente interrompido por aplausos e vivas ao sr. dr. Oliveira Salazar, á Ditadura, ao sr. Presidente da Republica, prosseguiu num bem elaborado exordio, focando, de uma maneira brilhante, a obra do sr. Presidente do Ministerio, a sua maneira de se conduzir perante o País e de se dirigir a este.

A proposito, comenta:

—A Ditadura Nacional tem feito uma politica de pacificação e de progresso e é essa politica que agora se acentua no estatuto do Estado Novo. (*apoiados*).

O orador, depois de acentuar que da parte dos homens da Ditadura, a começar no sr. dr. Oliveira Salazar, jámais houve uma palavra de odio para os politicos, terminou afirmando que os que servem a Ditadura têm orgulho de haverem cumprido o seu dever, trabalhando para restituir Portugal a Portugal (*muitas palmas e vivas*)

*

Encerrou a sessão o sr. tenente-coronel João Luiz de Moura. Agradeceu as brilhantes conferencias dos oradores antecedentes e prestou homenagem ao sr. dr. Oliveira Salazar, que não tem nem nunca teve odios contra ninguem, chegando, por vezes, a ter palavras de homenagem para alguns assomos de dignidade de certos politicos.

O sr. governador civil acentuou depois que a Ditadura Nacional não tem empregado a violencia contra ninguem quando o poderia ter feito, e disse que nas sessões de propaganda do Estado Novo não dão *morras* contra ninguem.

—Impõe-se apenas um viva—afirmou—e esse é: Viva Portugal! fortemente correspondido por toda a assistencia.

A sessão foi depois encerrada, com muitos vivas á nova Constituição, ao sr. dr. Oliveira Salazar, etc.

Carta de Vila Real

Banquete de homenagem

VILA REAL, 5. — No próximo dia 12 terá lugar nesta cidade um grande banquete de homenagem ao ilustre governador civil deste distrito, sr. dr. José Timóteo de Montalvão Machado.

A iniciativa pertence ás comissões da União Nacional que nesse dia farão aqui reunir uma numerosa e luzida representação de todos os concelhos deste distrito, pois em todos essa feliz ideia tem encontrado a mais acolhedora e entusiastica recepção.

E' merecida esta homenagem ao sr. dr. Montalvão Machado. Merecida e oportuna, pois ela vem afirmar bem alto o conceito em que é tido o digno e zeloso chefe do distrito por todos os seus governados, assim como vem contrapôr um eloquente apoio e uma inequivoca afirmação de apreço a sua ex.ª que, ainda há pouco, se viu na contingencia de pedir a sua demissão, porque adversários seus lhe prepararam uma situação dificil com um conflito local a que pena foi ter-se dado inicialmente a importancia que se lhe deu.

Associamo-nos sinceramente á homenagem que vai ser prestada ao sr. dr. Montalvão Machado.

PENDENCIA — Em consequência da reportagem que enviamos para o «Diário da Manhã» por ocasião da estada aqui do sr. ministro do Interior, á qual se seguiu uma critica no semanário local «Ordem Nova» e a imediata resposta que aqui demos na «Carta de Vila Real» publicada em 2 do corrente, recebeu o representante do «Diário da Manhã» a seguinte carta:

«Ex.mo sr. — O sr. capitão Antonio da Mota e Costa pediu-nos, ao sr. tenente José Pereira da Rocha e a mim, para nos entendermos com duas pessoas da escolha de v. ex.ª sobre a pendencia que se levantou entre v. ex.ª e ele em virtude de uma frase da «Carta de Vila Real», da autoria de v. ex.ª, publicada no «Diário da Manhã», de dois do corrente.

Ficar-lhe-iamos muito agradecidos se se dignasse encarregar um desses senhores de nos fixar um sitio em que possamos encontrar-nos, todos quatro, o mais depressa possivel.

Esperarei em minha casa essa comunicação.

Aceite, ex.mo sr., a minha consideração. — (a) Antonio Sampaio de Azevedo — Hotel Mondego — Vila Real.»

Em resposta a esta carta, o representante do «Diário da Manhã» dirigiu aos dois oficiais que o procuraram, a seguinte carta, que igualmente como a primeira, foi enviada aos jornais de Vila Real e Chaves:

«Vila Real, 4 de Março de 1933. — Ex.mos srs. tenente José Pereira da Rocha e alferes Antonio Sampaio de Azevedo — Hotel Mondego — Vila Real — Estando eu ausente na ocasião em que v. ex.ªs me procuraram hoje, em minha casa, não podendo por esse motivo recebê-los, o que muito lamento, vou imediatamente responder á atenta carta que aqui vim encontrar, subscrita pelo segundo de v. ex.ªs, a quem vou mandar entregar esta na direcção acima indicada.

Pelo que vejo, trata-se de uma pendencia, dessas que é costume derimir por meio dos chamados «tribunais de honra», que estão fóra de todas as leis morais e sociais. Eu, pelos principios e crenças religiosas que professo, não me presto ao julgamento de tais tribunais, que não reconheço, pois acato sómente as leis morais que informam a minha consciência e, imediatamente depois, as leis gerais que regulam a vida dos cidadãos inclusivé os litigios que entre eles possam surgir.

Já que v. ex.ªs, militares como são, se dirigem a mim a pedido de outro militar, devo declarar a v. ex.ªs que a «Carta de Vila Real» publicada no «Diário da Manhã» de 2 do corrente, de modo algum visava o militar, cujo nome e categoria nem sequer citava, mas sómente o homem publico, o cidadão, o politico, pois, sob estes aspectos, tenho eu o direito indiscutivel de apreciar os actos publicos de quem me aprouver, desde que a minha apreciação não colida com a moral e o direito.

Por militares, enquanto tais, eu tenho e terei sempre, de um modo geral e elevado, a maior consideração, o maior respeito, toda a admiração e todo o apreço que me fazem ver nessa honrada e nobilissima classe a mantenedora fiel dos principios de Ordem, das glórias, tradições e segurança da Pátria. O mesmo não direi quando algum militar despe momentaneamente a farda para tomar parte nas arriscadas e inglórias lutas da politica, que, na vida civil, são, por vezes, encapeladas e acesas, sem que, contudo, como é próprio de gente culta, tais lutas devam ser sopradas por qualquer animadversão pessoal, sempre condenável.

No caso sujeito — lealmente o declaro — essa animadversão não constituiu de modo algum o mobil da minha acção como autor da citada carta do «Diário da Manhã», ou de qualsquer outros escritos meus.

Respondi a um ataque da «Ordem Nova» — nada mais — ataque imerecido, injusto, que repeli como soube e pude. Não pus na minha defesa, porém, a menor parcela de rancor nem qualquer sombra de desrespeito para a honra militar de quem quer que seja. Essa coloco-a eu bem alto, longe e acima de todas as questiuncúlas politicas, que nada são nem nada valem, por mais significação que pretenda dar-se-lhes, nesta ocasião em que, se todos lealmente o quisermos, com vontade e sinceridade, tão fácil é encontrarmo-nos na mesma plataforma de principios sãos e atitudes dignificantes e claras, que o Governo da Ditadura tão sabiamente vem apontando a todos os homens de boa vontade deste País.

Eu conto-me dentro desse campo. Quem lá fôr ter, lá me encontrará, de mão lealmente aberta a amigos e inimigos.

O que não quere dizer que eu seja capaz de torcer caminho ante ameaças, ou de voltar a face a quem, com nobreza e desassombro, me procure á luz do dia.

E' tudo quanto tenho a responder á atenta carta que por v. ex.ªs me foi dirigida, que peço licença para dar á publicidade, juntamente com a minha presente carta.

Com toda a consideração me subscrevo,

De v. ex.ªs, mt.º, at.º e vnr. — (a) Luiz Barroso.»

Um banquete em honra de sr. governador civil de Vila Real

VILA REAL, 10. E' depois de amanhã, domingo, que se realiza em Vila Real o banquete em homenagem ao sr. dr. Montalvão Machado, ilustre governador civil do distrito, que terá lugar pelas 12 horas no Teatro Cine Avenida, ao qual concorrerão os mais valiosos nacionalistas de todo o distrito.

José Pedro Ferreira dos Santos

O sr. José Pedro Ferreira dos Santos, director da «Casa de Portugal» em Paris, esteve no *Diario da Manhã* a apresentar cumprimentos.

Agradecemos a gentileza.

Tribunal de Contas

Já foram assinados os decretos exonerando do lugar de secretario geral e de director geral da Fazenda Publica do Ministerio das Finanças, o sr. dr. Alberto Xavier e nomeando o mesmo e o sr. dr. Domingos Luizelo Alves Moreira, juizes do Tribunal de Contas, nos termos do disposto na primeira parte do paragrafo 1.º do artigo 1.º do decreto n.º 22.257, de 25 de Fevereiro ultimo.

A nova comissão da C. M. da Horta

A nova comissão administrativa da Camara Municipal da Horta ficou constituida pelos srs. Leonardo de Castro Amorim, presidente, e Manuel Francisco de Macedo e Manuel Inacio Fagundes Junior, vogais efectivos; e Antonio dos Santos Fonseca e José de Sousa, substitutos.

Roosevelt ia sendo vitima de um novo atentado

NOVA YORK, 10. — Nos Correios de Waver-town foi aberta uma encomenda endereçada a Roosevelt e que continha uma bomba. A Policia está convencida de que o remetente é o mesmo que ha dias enviou outra bomba ao Chefe do Estado.— *Havas*.

Zangara foi condenado a ser electrocutado

MIAMI, 10. — O italiano Giuseppe Zangara foi hoje condenado a ser electrocutado em consequencia de ter morrido o sr. Cermak.— *United Press*.